

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE SI: LUÍS DA CÂMARA CASCUDO E A
PRODUÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA INTELECTUAL (1968-1972)**

RAQUEL SILVA MACIEL

Orientadora: Profa. Dra. Telma Dias Fernandes

Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes históricos

JOÃO PESSOA - PB

ABRIL - 2017

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE SI: LUÍS DA CÂMARA CASCUDO E A
PRODUÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA INTELECTUAL (1968-1972)**

RAQUEL SILVA MACIEL

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História do Centro
de Ciência Humanas, Letras e
Artes da Universidade Federal da
Paraíba – UFPB, em cumprimento
às exigências para obtenção do
título de Mestre em História, Área
de Concentração em História e
Cultura Histórica.

Orientadora: Profa. Dra. Telma Dias Fernandes

Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes históricos

JOÃO PESSOA - PB

ABRIL – 2017

M152c Maciel, Raquel Silva.

A construção discursiva de si: Luís da Câmara Cascudo e a produção de uma trajetória intelectual (1968-1972) / Raquel Silva Maciel. - João Pessoa, 2017.

136 f.: il. -

Orientadora: Telma Dias Fernandes.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL

1. História e Cultura Histórica. 2. Cascudo, Luís da Câmara, 1898-1986 - Memórias. 3. Câmara Cascudo – História Cultural.
I. Título.

UFPB/BC

CDU: 930.1(043)

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE SI: LUÍS DA CÂMARA CASCUDO E A
PRODUÇÃO DE UMA TRAJETÓRIA INTELECTUAL (1968-1972)**

RAQUEL SILVA MACIEL

Dissertação de Mestrado avaliada em 03 de maio de 2017 com conceito APROVADA

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Telma Dias Fernandes
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba
Orientadora



Profa. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Campina Grande
Examinadora Externa

Prof. Dr. Elio Chaves Flores
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba
Examinador Interno

Prof. Dr. José Benjamim Montenegro
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Campina Grande
Suplente Externo

Prof. Dr. Paulo Giovani Antonino Nunes
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba
Suplente Interno

A Deus, a minha mãe, aos meus avós Zuleide e Álvaro (in memoriam) e ao meu irmão Leandro, a eles todo o meu amor de hoje e sempre.

Em meus momentos escuros
Em que em mim não há ninguém,
E tudo é névoas e muros
Quanto a vida dá ou tem,
Se, um instante, erguendo a fronte
De onde em mim sou aterrado,
Vejo o longínquo horizonte
Cheio de sol posto ou nado
Revivo, existo, conheço,
E, ainda que seja ilusão
O exterior em que me esqueço,
Nada mais quero nem peço.
Entrego-lhe o coração.

Fresta – Fernando Pessoa

AGRADECIMENTOS

Certo dia li que “poexistir”, isto é, existir com poesia deveria ser um sentimento necessário a nossa vivência diária. Certamente se fizéssemos de nossas vidas uma poesia o amor seria mais intenso e nos dominaria, seria ele o responsável por conduzir nossas vidas e possibilitar compreendermos o ensinamento de que agradecer é mais importante do que solicitar.

É por isso que enalteço a importância da minha fé que me permite a renovação diária e me faz crer em uma presença divina nos ínfimos momentos e que como um vento suave me conduz possibilitando a força necessária para enfrentar a ventania que insiste em acometer.

É por isso que valorizo a saudade dos meus avós maternos que me preenche com lágrimas nos olhos e com o sorriso de quem recorda os anos vividos juntos. Que reconheço minha mãe como o centro de minha existência e a quem devo todo o amor que me constitui e a quem dedico não apenas os resultados que alcanço, mas a minha trajetória.

Que aprecio os laços estabelecidos com a minha orientadora na graduação de quem carrego lembranças e ensinamentos que há anos me formam. Que estimo a humanidade e acolhimento da minha atual orientadora que mesmo com a distância se tornou um ponto de apoio e conforto, me permitindo crer que mesmo em um ambiente por vezes hostil é possível estabelecer relações que tenham como princípios o respeito e a compreensão. Que reverencio os ensinamentos diários dos professores do PPGH/UFPB que enriquecem a formação de todos que por ali passam. Que agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a possibilidade de financiamento das pesquisas que desenvolvo desde o início de minha trajetória acadêmica.

Que admiro a capacidade dos meus amigos em tornarem a vida mais alegre, despretensiosa e inspiradora. Que se tornaram pontos de apoio nos momentos em que a fragilidade insistia em surgir, que se mantiveram próximos mesmo quando tudo parecia desmoronar e que não permitiram que a esperança por dias melhores se apagasse

possibilitando crer que chegará o dia em que tudo irá melhorar e as lágrimas serão raridade.

Que prezo pelas lembranças daqueles que de maneira fugaz cruzaram minha trajetória, me permitindo crer que o efêmero não se opõe ao intenso e que a memória é insistente em guardar coisas ínfimas que nos acompanham possibilitando afirmar que tem coisas que o tempo não consegue mudar.

A todos minha gratidão diária.

RESUMO

Esta pesquisa visa problematizar a trajetória intelectual de Luís da Câmara Cascudo por meio de suas práticas de escrita memorialísticas (1968-1972). A problematização das fontes dá-se em diálogo com a História Cultural, visando percorrer os vestígios deixados por Câmara Cascudo enquanto intelectual, as apropriações que fez de suas leituras para a construção de sua identidade enquanto letrado. Objetivamos discutir a escrita de suas memórias, considerando o momento dos registros e suas historicidades, estabelecendo a discussão em torno de sua formação acadêmica e das reminiscências de uma vida dedicada ao magistério, da atuação enquanto historiador e sua inserção no debate em torno da cultura popular a partir das experiências que constrói no espaço sertanejo, da dualidade intelectual que perpassa tais reflexões e dos silenciamentos e recorrências que utiliza como táticas de escrita nas autobiografias. Tal estudo parte da análise de fontes autobiográficas *O tempo e eu* (1968), *Gente viva* (1970), *Na ronda do tempo* (1971) e *Ontem* (1972), que registram suas memórias. Usamos ainda periódicos norte-rio-grandenses *A República*, *Diário de Natal* e *Tribuna do Norte*, além de depoimentos. Em termos teórico-metodológicos a pesquisa se constitui a partir de uma análise discursiva considerando a relação entre história e memória a partir de Halbwachs (1990) e a conceituação em torno da memória coletiva, Catroga (2001/2015) a partir das reflexões acerca do processo de recordação de memórias e Orlandi (2011) fundamentando a interpretação dos silenciamentos na escrita autobiográfica de Câmara Cascudo. O estudo é histórico e interdisciplinar, uma vez que estabelece uma conexão com áreas como a Literatura relacionando-se com uma vertente da história que possibilita o diálogo com outros campos do saber bem como estabelece uma análise da relação com o passado por meio da investigação das memórias, lacunas e dos silêncios dos sujeitos históricos.

Palavras-chave: Câmara Cascudo, autobiografia, trajetória intelectual, memória.

ABSTRACT

This research aims to problematize the intellectual trajectory of Luís da Câmara Cascudo through his practices of memorialistic writing (1968-1972). The problematization of the sources occurs in dialogue with Cultural History, aiming to traverse the vestiges left by Câmara Cascudo as intellectual, the appropriations that made of its readings for the construction of its identity as literate. We aim to discuss the writing of his memoirs, considering the moment of the registers and their historicities, establishing the discussion around his academic formation and the reminiscences of a life dedicated to the teaching profession, as a historian and his insertion in the debate around popular culture. From the experiences he builds in the backwoodspace of the intellectual duality that permeates such reflections and the silencing and recurrence that he uses as writing tactics in autobiographies. Such a study starts from the analysis of autobiographical sources *O Tempo e Eu* (1968), *Gente viva* (1970), *Na ronda do tempo* (1971) and *Ontem* (1972), that record their memories. We also used periodicals from Rio Grande do Norte to *A República*, *Diário de Natal* e *Tribuna do Norte*, as well as testimonials. In theoretical-methodological terms, the research is constituted from a discursive analysis considering the relation between history and memory from Halbwachs (1990) and the conceptualization around the collective memory, Catroga (2001/2015) from the reflections about the memory recall process and Orlandi (2011) grounding the interpretation of the silencings in the autobiographical writing of Câmara Cascudo. The study is historical and interdisciplinary, since it establishes a connection with areas such as Literature relating to a strand of history that enables the dialogue with other fields of knowledge as well as establishing an analysis of the relation with the past through the investigation of the memories, gaps and the silences of historical subjects.

Keywords: Câmara Cascudo, autobiography, intellectual history, memory.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Políticos, intelectuais e gente do povo no sepultamento de Cascudo. *Tribuna do Norte*, Natal, 01 de agosto de 1986.....16

Imagem 2 - Câmara Cascudo em sua biblioteca particular nomeada por ele de *Babilônia*. Na imagem é possível observar a presença de elementos religiosos que remetem ao catolicismo, religião da qual Cascudo era adepto. - Fotografia tirada por Carlos Lyra..... 63

Imagem 3 – Periódico *A Offensiva*, no qual Cascudo publicou grande parte de seus artigos defendendo a ideologia do integralismo assim como realizando a divulgação de tal movimento..... 79

Imagem 4- Câmara Cascudo (o primeiro em pé e a esquerda) em reunião com integrantes da AIB. Fotografia tirada em Acari (RN). Sem data..... 80

Imagem 5 - Câmara Cascudo (o quarto na primeira fileira e a direita) em fotografia com integrantes da AIB em frente a sua residência em Natal (RN)..... 80

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
2. CAPÍTULO 01: “CONHECE-TE A TI MESMO”: PEREGRINAÇÃO AO DERREDOR DE CÂMARA CASCUDO	
2.1 A travessia do “[...] sombrio rio dos mortos”: a chegada da noite e o projeto de memória cascudiano.....	11
2.2 “Todos nós julgamos escrever a História quando apenas escrevemos para a História”: um historiador natalense.....	29
2.3 “[...] faço questão de ser tratado por esse vocábulo que tanto amei: professor” – a formação acadêmica e reminiscências de uma vida dedicada ao magistério.....	34
3. CAPÍTULO 02: “[...] ÁGUAS PARALELAS, SOLITÁRIAS E PODEROSAS DA MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO POPULAR”: O SERTÃO COMO ESPAÇO DE ANÁLISE DO ELEMENTO POPULAR	
3.1 “Pensava que eu tinha sido levado à cultura popular pela erudição. Mentira. A cultura popular é que me levou a esta”: erudição e cultura popular na produção cascudiana.....	40
3.2 “Encontrava nele as estórias de meu Pai, de minha Mãe, da velha Bibi, dos pescadores, rendeiras e cantadores, familiares”: a experiência sertaneja e o despertar da produção folclórica cascudiana....	58
3.2.1 “[...] o caminho pessoal para a Divindade [...]”: o sertanejo e a religiosidade.....	64
3.2.2 “[...] preciosa e milionária de curiosidade [...]” ¹ : a oralidade e a literatura sertaneja.....	66
3.2.3 “Os hábitos ficavam os mesmos, de pai para filho [...]”: a necessidade de preservação de uma cultura.....	70
4. CAPÍTULO 03: AS ARTES DA ESCRITA: A UTILIZAÇÃO DAS MEMÓRIAS COMO PRODUÇÃO DE VERDADE SOBRE OS ACONTECIMENTOS.....	75
4.1 <i>Letrados de todo Brasil uni-vos!</i> : O integralismo silenciado nas rememorações cascudianas.....	85
4.2 O modernista por excelência resulta no regionalista silenciado.....	98

¹ (CASCUDO, 2009. p.76)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	118
7. FONTES.....	122

1. INTRODUÇÃO

A escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva; ou, mais precisamente, uma maneira reflectida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso. (FOUCAULT, 1992, p.141)²

1.1 O despertar para o universo cascudiano.

Caminhando por entre prateleiras abarrotadas e livros empoeirados, deparei-me com uma análise da obra de Luís da Câmara Cascudo, intitulada: *A Imagética Feminina na Obra de Luís da Câmara Cascudo (1938-1977)*. Naquele momento, movida mais pela curiosidade do que por uma possibilidade de pesquisa acadêmica, passei a explorar sua produção.

Momento de satisfação ao perceber que poderia utilizá-lo em uma pesquisa acadêmica que, inicialmente, se deu de forma tímida por meio da publicação de um artigo intitulado *O mergulhar nas raízes: a trajetória intelectual e pessoal de Luís da Câmara Cascudo*, e pela possibilidade de dar continuidade à pesquisa sob o enfoque da relação entre História e Literatura, considerando as contribuições múltiplas entre os dois campos do saber; visto que minha aproximação e paixão pela literatura são anteriores a entrada no curso de História, nada mais prazeroso que juntá-la com o exercício historiográfico.

Tal encontro também foi responsável por uma aflição diante da urgência em seleccionar o que deveria ser problematizado, pois sua produção intelectual é vasta tanto em quantidade como pela presença de temáticas variadas disponíveis à pesquisa. A partir da experiência que desenvolvi ao longo de três anos no Programa de Educação Tutorial (PET) e das orientações da professora Regina Coelli Gomes Nascimento foi possível identificar a relevância que o discurso sobre o espaço sertanejo ocupou em sua narrativa. O sertão é o ambiente no qual Câmara Cascudo tem o primeiro contato com o

² FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é um autor? Passagens, 1992.

elemento que seria recorrente em sua produção: a cultura popular. Como consequência da pesquisa desenvolvida construímos o trabalho intitulado *O sertão nos escritos cascudianos: a produção discursiva sobre um espaço e seus habitantes (1934-1939)*, apresentado no ano de 2015, no curso de História da Universidade Federal de Campina Grande.

No mesmo ano iniciei o curso de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba com a pesquisa que originou este trabalho e que foi discutida desde a graduação quando identifiquei a produção de um conjunto de obras autobiográficas que instituem um projeto de memória cascudiano, destacando o desejo da construção de uma imagem para si e sua perpetuação nas gerações futuras.

Esta pesquisa se desenrolou, inicialmente, a partir da seguinte indagação: *O que levaria um sujeito a produzir e publicar cinco obras autobiográficas e dar início a escrita de mais uma?* Ao ter contato com essa produção memorialística me deparei com a formação da imagem de um sujeito coerente que apresenta uma escrita visando à conservação de tal imagem. Narrativas essas que problematizamos e que se valem de silenciamentos, recorrências e escolhas tanto dos sujeitos com quem dialoga como dos acontecimentos nos quais se mostra inserido, bem como de reflexões em torno de temáticas que acabaram por valorizar sua escrita, apresentando-a como a possibilidade de acesso a Luís da Câmara Cascudo.

Nessa perspectiva, a relevância dessa pesquisa se justificou a partir de alguns pontos. 1-) O primeiro entre os que podemos elencar é o fato de que historicamente se faz importante por trazer em sua narrativa um sujeito que aparece em trabalhos acadêmicos como possibilidade de se pensar questões relativas à cultura popular e às representações imagéticas em torno da região nordestina. Entretanto, na maioria das vezes é utilizado como argumento de autoridade intelectual, tal argumentação não se pauta pelo cuidado em produzir problematizações. A importância ou o que empresta justificação a esta pesquisa é a proposta de pensar tais questões sob o ponto de vista da desnaturalização, da desconstrução da evocação de recordações realizadas por Câmara Cascudo, possibilitando refletir que o processo de construção de uma imagem para si é fruto de uma constante operacionalização das lembranças, dos sujeitos e dos acontecimentos; 2-) Em relação à questão social identificamos que a importância de problematizar a imagem de si construída por um pesquisador que auxiliou na produção de estudos sobre a cultura popular, em suas dimensões local e nacional, se faz relevante por ser desenvolvida em um período no qual as tradições populares estão sendo

revisitadas e com isso todos os pesquisadores que se dedicam ao estudo, grupo no qual Câmara Cascudo está inserido. Além disso, considerando que esse sujeito continua sendo imortalizado por meio das atividades de instituições norte-rio-grandenses, a exemplo do *Instituto Ludovicus*, que exaltam e preservam a memória construída por Câmara Cascudo ainda em vida, se faz importante pensar como se deu a emergência dessa representação de si e quais são seus usos sociais.

1.2. O percurso de uma pesquisa cascudiana.

Neste trabalho analisamos parte da produção memorialística de Luís da Câmara Cascudo produzida no período entre as décadas de 1960 e 1970, buscamos problematizar a trajetória intelectual desse pesquisador por meio de suas práticas de escrita. A escolha pelo conjunto de fontes se deu devido à possibilidade de vislumbrar a construção de si, do seu grupo de pertencimento e do seu espaço, resultando em sua identidade enquanto letrado, processo que se efetiva por meio de uma escrita memorialística atravessada por silenciamentos e recorrências que refletem questões políticas, sociais, religiosas e intelectuais.

O tempo e eu: confidências e preposições (2008) é considerada como a mais elaborada obra memorialista de Câmara Cascudo. Publicada inicialmente em 1968 o escrito é identificado por ele como uma viagem na qual todo o material utilizado “[...] foi aparecendo num percurso de setenta anos, *O Tempo e Eu*, andando juntos, inseparáveis, vendo a vida passar com sua multidão” (grifo no original) (CASCUDO, 2008, p.32). Inicialmente, perpassa por reminiscências relacionadas à sua trajetória pessoal estabelecendo referências a figuras como Francisco Justino de Oliveira, Ana da Câmara Cascudo, Pedro Alexandrino e outros sujeitos que a partir da relação que mantiveram com Cascudo auxiliam na construção da imagem desse intelectual que, posteriormente é elaborada a partir da formação intelectual que passa a compor as reflexões finais da autobiografia.

Gente Viva (2010) remete ao ano de 1970 quando Cascudo produz uma autobiografia direcionada a recordação de sua participação no movimento cultural do século XX. Afirmando que “A Morte existe; os mortos não!” (CASCUDO, 2010, p. 19) o intelectual potiguar desenvolve uma escrita que remete a presença de outros sujeitos,

de gente que ele insiste em manter viva por meio da evocação de lembranças, para isso constitui a obra a partir de capítulos destinados a indivíduos imersos no mesmo contexto cultural e aos quais “prolongo-lhes a companhia nesses vestígios de convivência” (CASCUDO, 2010, p.19).

Na ronda do tempo (2010) é a penúltima autobiografia produzida por Câmara Cascudo, sendo publicada em 1971 e concretizada a partir do diário que constrói em 1969 relatando episódios ocorridos nesse ano e classificado por ele como o livro mais íntimo e confidencial produzido ao longo de sua trajetória intelectual. Nessa perspectiva, identifica o livro como um “[...] depoimento revelador de uma vida mental, sem anseios e programas jornalheiros, assistindo à lenta passagem das horas, rumando o **tranquilo anoitecer**” (grifo nosso) (CASCUDO, 2010, p.17). O trecho destacado evidencia que a preocupação com a morte já atormentava Cascudo no momento da escrita de tal obra, afligimento que o acompanha até a chegada da morte e que motiva a concretização de um projeto memorialístico ainda em vida.

Ontem: maginações e notas de um professor da província (2010) publicada em 1972, se constituindo como a última obra autobiográfica produzida por Câmara Cascudo sendo descrita por ele como a qual falará “[...] da minha viagem que ainda não terminou entre estudantes. Reminiscências das jornadas no Tempo, figuras de Mestres e de alunos [...]” (CASCUDO, 2010, p. 13). Portanto, trata-se de uma escrita autobiográfica que contempla recordações dos anos dedicados ao professorado remetendo a figuras com as quais cruzou e que, junto com Câmara Cascudo, constituem a lembrança de uma vida voltada para o exercício do magistério.

Tais obras se constituíram como fontes necessárias a concretização dessa pesquisa e foram vislumbradas a partir da perspectiva de que ao narrar sobre nossas experiências “[...] selecionamos e definimos aspectos sobre nossa personalidade, e narramos vivências individuais e experiências” (MEDEIROS, 2011, p.1)³, bem como a executamos por meio de condições temporais e espaciais que permitem dizer ao nosso presente o que lembramos do passado, narrando sobre situações determinadas.

³ MEDEIROS, Augusto Bernardino. História, Autobiografia e construção do sujeito: Uma reflexão sobre a narrativa autobiográfica *Memórias de Um Senhor de Engenho* de Júlio Bello. Disponível em <http://www.seminariodehistoria.ufop.br/ocs/index.php/snhh/2011/paper/view/571> acesso em 24 de junho de 2016.

Como Câmara Cascudo se identifica enquanto um elo de ligação entre os dois tempos, a sua narrativa autobiográfica não se refere apenas ao passado, mas à relação entre ele e o presente, pois

a narrativa autobiográfica assim pode ser compreendida como um espaço de construção de nós mesmos, no desenrolar das palavras trabalha a memória, o sentimento e a imaginação. Uma narrativa autobiográfica não é, portanto consequência de um único indivíduo somente ou de determinados contextos sociais, mas existe por essa relação, existe no meio, entre o eu e os outros, entre o indivíduo e o social, existe por essa interação (MEDEIROS, 2011, p.1).

Desenvolvemos um trabalho historiográfico analisando a escrita memorialística de forma a responder questionamentos como *Quem era Cascudo? Quais as suas expectativas? O que ele silencia? Em quais eventos históricos estava envolvido no momento da produção das memórias? Quais os rostos que aparecem?*

Um dos conceitos que permeiam os três capítulos do trabalho dissertativo refere-se à *escrita de si* realizada por Câmara Cascudo, identificando entre as questões o atravessamento de outros discursos, bem como buscamos analisar aqueles que remetem a autores que foram contributos à legitimação daquilo que Cascudo narrou de si mesmo. São esses que junto com Câmara Cascudo marcam essa narrativa e que acabam por produzir efeitos de sentido para a construção de sua imagem. Tal análise foi pautada nas contribuições teóricas referentes ao conceito de *análise do discurso*, já que consideramos fundamental analisar os discursos que instituem os saberes, que são práticas organizadas e pelo estatuto de verdade que possuem ganham sentido (FOUCAULT, 1995/2000).

Nos apropriamos do conceito de *discurso* enxergando-o como exterior à língua, sendo essa a materialidade das posições sociais e ideológicas assumidas pelos sujeitos. Ao nos referirmos à noção de discurso, devemos considerá-lo como móvel e suscetível a constantes transformações, uma vez que está interligado às mudanças históricas. O conceito de discurso é vislumbrado enquanto “[...] uma ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (FERNANDES *apud* ORLANDI, 2008, p.14).

São essas condições sócio-históricas que a análise do discurso se destina a apontar, buscando identificar a emergência e/ou dispersão de determinados discursos em um momento histórico. Conceito de discurso que não pode ser desvinculado da noção de *sujeito discursivo*, sendo vislumbrando enquanto uma categoria coletiva uma vez que aquele que profere determinado esquema discursivo não fala só, pelo contrário, ele está envolto por um conjunto de vozes que, por sua vez, não remetem a uma noção homogênea, já que essa coletividade é dispersa e díspar. Portanto, “compreender o sujeito discursivo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz” (FERNANDES *apud* ORLANDI, 2008, p.26). São essas dissonâncias nas vozes que formam um discurso e que a sua análise permite fazê-las aparecer. Como argumenta Foucault (1995):

analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições; é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência (FOUCAULT, 1995, p.174).

É a partir dos pressupostos que remetem a uma análise discursiva que indagamos as fontes buscando responder questões em torno das condições sócio-históricas, que possibilitaram a Câmara Cascudo construir, no final de sua vida, uma representação para si enquanto um sujeito centrado por meio de sua relação com o outrem que aparece em sua narrativa, da sua busca por uma verdade dos acontecimentos que rememora e das marcas políticas, sociais e intelectuais que o constroem subjetivamente.

Considerando sua produção autobiográfica podemos inserir Câmara Cascudo no movimento ocorrido ao longo do século XX, no qual muitos homens, sobretudo os intelectuais, passaram a construir seus projetos de memória, isto é, constituíram arquivos pessoais e projetaram suas memórias por meio de escritos autobiográficos. Assim, “desde os homens mais simples aos personagens de maior prestígio na sociedade, muitos passaram a registrar suas memórias como sinônimo de garantia de uma identidade digna de nota” (NETO, 2013, p.31).

Os projetos de memória que incluíam os escritos autobiográficos refletem aquilo que Foucault define ser um dispositivo da modernidade, ou seja, um imperativo da verdade tão buscada nos sujeitos, sobretudo naqueles que escrevem sobre si. Podemos considerar que tais produções são marcas de um “[...] escrito recapitulativo quase

sempre retrospectivo, que visa a construir ou inventar a imagem no tapete de uma vida” (CALLIGARIS, 1998, p.46).

Metodologicamente este trabalho tem dialogado com pesquisas que auxiliam no tratamento e análise dessas obras autobiográficas. A partir disso, podemos citar as contribuições de autores como Contardo Calligaris (1998), que traça uma historicidade para o gênero autobiográfico, identificando as tipologias que o dividem e as características que o constituem; Verena Alberti (1991), que apresenta para a pesquisa questões de relevância ao se pensar a posição assumida pelo sujeito nas obras autobiográficas; Ângela de Castro Gomes (2004), que tece considerações sobre a *escrita de si* destacando que essa

[...] assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. [...] O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (GOMES, 2004, p.14).

Ressaltamos ainda as contribuições de Jeanne Marie Gagnebin (2014) como possibilidade para se pensar não só a escrita de si, mas também o diálogo que os sujeitos produtores de autobiografias estabelecem com o campo da memória e a dialética entre essa e o esquecimento.

Identificando que tais obras autobiográficas são atravessadas por sua relação com a *memória coletiva*, desenvolvemos as reflexões deste trabalho em torno das contribuições teóricas desenvolvidas por Maurice Halbwachs (1990). Halbwachs possibilita pensar uma dimensão da memória que ultrapassa o plano individual, considerando que as evocações de um indivíduo nunca são só suas, sendo essas indissociáveis da sociedade da qual faz parte. Para o sociólogo francês as lembranças de um sujeito se constituem porque o indivíduo que a possui faz parte de uma coletividade. Coletivo que é constantemente evocado nos escritos autobiográficos de Câmara Cascudo seja por meio de suas recordações em família, ou em sala de aula, seja nos círculos intelectuais e políticos dos quais fez parte.

A discussão em torno do conceito de *memória* também se faz presente a partir das contribuições de Pierre Nora (1993) com as suas formulações teóricas sobre os *lugares de memória*, possibilitando pensar como essa memória cascudiana é revivida e

ritualizada, dando um valor coletivo aos escritos que se configuram enquanto memórias pessoais, visando uma tentativa de identificação por parte dos indivíduos e conferindo lugares de memória que são caracterizados como tais desde que possuam uma "vontade de memória", isto é, deve ter na sua origem uma intenção memorialista que garanta sua identidade. Tal projeto pode ser identificado tanto nas obras autobiográficas quanto no material encontrado em periódicos natalenses⁴, entre os anos de 1970 e 1980, que refletem a preocupação de Câmara Cascudo, já no final de sua vida, e de outros intelectuais potiguares, em torno da preservação da memória do escritor. Tal material foi utilizado atendendo às indagações em torno de uma possível preocupação de Cascudo com a imagem que deixaria para a posteridade, das suas expectativas ao escrever tais obras e quais os efeitos sociais que o rememoração produziria.

Cito ainda a importância das contribuições de Fernando Catroga (2001) com as reflexões em torno da coexistência de dois níveis de *memória*, afirmando que a dimensão coletiva da memória, ou seja, a recordação que envolve outros sujeitos além do evocador não deve negar a dimensão mais subjetiva da memória. Para ele, ambos os olhares coexistem e ambos os níveis de memória interagem. Destacando que a memória não é uma espécie de depósito de lembranças, mas funciona de forma seletiva, dentro da tensão entre o passado, o presente e o futuro. Além disso, destacamos a relevância da discussão em torno da conceituação do *silenciamento*, que foi identificado na produção autobiográfica de Câmara Cascudo, e se tornou possibilidade de análise fundamentado nas contribuições teóricas de Orlandi (2011), sobretudo a partir da noção de *silêncio fundante*.

1.3 A constituição de uma pesquisa cascudiana.

A pesquisa intitulada *A construção discursiva de si: Luís da Câmara Cascudo e a produção de uma trajetória intelectual (1968-1972)* está dividida em três capítulos.

O primeiro intitulado “*Conhece-te a ti mesmo*”: *peregrinação ao redor de Câmara Cascudo* remete a uma espécie de viagem não linear em torno da trajetória do intelectual potiguar. Capítulo dividido em subtópicos nos quais problematizamos,

⁴ Jornais: *A República*, *Diário de Natal* e *Tribuna do Norte* consultados no período de 1960 a 1980.

inicialmente, a morte de Cascudo e como essa possibilitou a continuidade e intensificação do projeto de memória concretizado nas suas últimas décadas de vida.

Ainda refletimos sobre a identificação do pesquisador enquanto um *provinciano por excelência*, buscando interpretar como isso se reflete na produção historiográfica que desenvolve, atentando ainda para o processo de *monumentalização* que é inicializado por meio da instauração de espaços destinados a preservação da memória do potiguar. Posteriormente analisamos sua aproximação com o campo da cultura popular, no qual desenvolveu grande parte de seus estudos, visando identificar os diálogos que estabeleceu com outros pesquisadores, além de suas principais teses, sobretudo aquelas que refletem seu pensamento conservador.

Ainda constitui o capítulo a discussão em torno de sua formação acadêmica e as reminiscências de uma vida dedicada ao magistério, bem como a associação entre a sua infância e o início da elaboração da imagem de erudito, isto é, de homem dedicado às letras desde a meninice.

O segundo capítulo intitulado “[...] *as águas paralelas, solitárias e poderosas da memória e imaginação popular*”: o sertão como espaço de análise do elemento popular remete a discussão em torno da inserção de Câmara Cascudo no debate acerca da cultura popular, objeto de estudo que é apontado como central na produção que realiza.

Consideramos a referência que o pesquisador fez aos elementos culturais encontrados no ambiente sertanejo e que são apresentados como determinantes na noção de cultura que elaborou. Sertão que aparece em sua obra como um espaço que necessita da intervenção de sujeitos como ele que ao abordarem a riqueza cultural ali presente evitem sua contaminação pela penetração de elementos estrangeiros. Nesta perspectiva, o capítulo é centrado no debate em torno da oposição entre o litoral (moderno) e o sertão (tradicional), além das abordagens cascudianas de elementos pertencente ao arcabouço cultural do sertão como a literatura, oralidade, religiosidade e outros.

Outra discussão realizada nesse capítulo é a que trata da dualidade intelectual que perpassa a trajetória de Câmara Cascudo entre a posição de erudito assumida por ele e construída desde a infância e a sua escolha pela cultura popular enquanto objeto de análise. Dualidade que lhe faz idealizar o elemento popular, vislumbrando-o como um objeto acabado, isento de transformações e que se destaca, por exemplo, na busca por uma identificação da origem de determinada prática cultural, sendo essa remetida a períodos temporais extensos.

Por fim, no capítulo intitulado *As artes de escrita: a utilização das memórias como produção de verdade sobre os acontecimentos*, problematizamos os silenciamentos e as recorrências na escrita autobiográfica de Câmara Cascudo, identificamos tais elementos como táticas de uma narrativa memorialística que visa dar continuidade a um projeto de memória de um sujeito coerente.

Considerando que o silenciamento de memórias pode ser vislumbrado como um meio de sustentar determinada identidade e que se faz mediante a eliminação do passado em detrimento do presente; identificamos o desejo de Cascudo de se apresentar como um sujeito apolítico, apagando qualquer associação com movimentos radicais a exemplo da Ação Integralista Brasileira (AIB), e com outros acontecimentos e sujeitos políticos. Entretanto, ao analisarmos sua trajetória verificamos sua filiação a tal organização, que se efetivou tanto por sua presença nas reuniões dos *camisas verdes* como pela produção de artigos vinculados a tal temática e que refletem sua posição de jornalista integralista, além do atravessamento de influências políticas em sua carreira, a exemplo de Getúlio Vargas e sua política interventista.

Outro silêncio recorrente em sua escrita remete a sua participação no movimento regionalista/tradicionista, a não menção que realiza em suas autobiografias é confrontada com as correspondências que troca com Gilberto Freyre, um dos líderes do movimento em Recife, bem como a sua presença nos encontros do Centro Regionalista, publicações de pesquisas vinculadas ao tema e participação na organização de obras de cunho regionalista.

No capítulo ainda problematizamos a constante recorrência de sua associação com o movimento modernista, tática de escrita que é apresentada juntamente com o silenciamento que citamos no parágrafo anterior. Cascudo tem a imagem construída de um sujeito que esteve envolvido desde o início do movimento modernista por meio de sua associação com Mário de Andrade, que é apresentado como a influência determinante na escrita que o intelectual potiguar passaria a realizar, é em virtude disso que toda sua obra passa a ser analisada sob a ótica de tal movimento.

2. CAPÍTULO 01: “CONHECE-TE A TI MESMO”⁵: PEREGRINAÇÃO AO DERREDOR DE CÂMARA CASCUDO

Hora de recolher... Ao alvorecer, mandei minhas caravanas na pista da vida. Para o amor, à glória, ao poder, à fortuna, à amizade... Voltam ao anoitecer. Uma perdeu-se no deserto, varrida pelo turbilhão de areia, perseguindo miragens. Outra está vazia. Esta, exausta, nada conquistou. Aquela trouxe alguma esperança. O sol desce no horizonte vermelho. A sombra nos cobre. Tranquilo, ao pé da tenda, olhando o poente, aguardo o regresso da última caravana.⁶

2.1 A travessia do “[...] sombrio rio dos mortos”⁷: a chegada da noite e o projeto de memória cascudiano.

“*Dhalia... ai*”, estas foram as palavras pronunciadas por Câmara Cascudo às 16 horas e 15 minutos do dia 30 de julho de 1986 na Casa de Saúde João Lucas. A expressão de sofrimento, em decorrência do início dos sintomas do infarto que lhe acometeram, marcaria a chegada metafórica da noite⁸, cerca de quinze minutos após a sua pronúncia. Momento em que o escritor potiguar, aos 87 anos de idade, deu início ao seu *encantamento*⁹, tornou-se o poder mágico de enfeitiçar, de deslumbrar e de provocar a admiração daqueles que lhe conheciam e/ou viriam a conhecer.

O finalzinho da tarde daquela quarta-feira constituía um marco, não só um marco da morte de Câmara Cascudo, mas também um marco na consolidação do seu projeto de memória, iniciado em vida e perdurado após o seu *encantamento*. Processo que se reflete, em parte, nos jornais locais repletos de lamentações que partiram de diferentes segmentos da sociedade norte-rio-grandense e que noticiavam a perda do seu

⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. O tempo e eu. Confidências e proposições. Natal, UFRN, 2008, p.212.

⁶ CASCUDO, Anna Maria. O colecionador de crepúsculos. Brasília: Senado Federal, 2003.

⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. Os da longa viagem. A República, Natal, 03 de jan. de 1942.

⁸ A *noite* é apresentada na obra cascudiana como uma metáfora para a morte, ambas na concepção do escritor potiguar eram acompanhadas pelo esquecimento.

⁹ O *encantamento* é identificado na obra cascudiana como uma metáfora para a morte.

filho mais pródigo. Por conseguinte, anunciavam homenagens póstumas e convocavam a participação de grupos sociais em tais reverências.

Consideramos que o projeto de memória iniciado por Cascudo tem início com a publicação de suas autobiografias e o arquivamento de documentos que abarcam sua trajetória intelectual¹⁰, sendo parte do acervo constituído por materiais e formas de expressão das camadas populares. Sobre o processo de armazenamento de tais documentos ele é entendido como uma possibilidade de manutenção da imagem de Câmara Cascudo, pois ele e outros intelectuais que realizam tal procedimento se apresentam como “[...] símbolos heráldicos da glória de quem deles se apropriou, onde cumprirão o desígnio de lembrar aquele que apenas os coligiu, os recolheu, os comprou ou os produziu com a anuência e concurso de agentes populares que pouco serão lembrados” (ALBUQUERQUE JR. 2013, p.64).

A escrita de si construída por Câmara Cascudo totaliza cerca de cinco obras autobiográficas¹¹, com previsão de confecção de mais uma, sobre a qual lamenta “[...] muito não ter podido escrever “Antes da noite”, meu livro que ficaria como a minha memória final”¹². Processo interrompido pelas mazelas físicas¹³ que lhe atingiam e que culminaram na chegada da “noite eterna”, cessando tal produção. Porém,

apesar da inexistência desse último título autobiográfico previsto, a recorrência de uma narrativa de si na obra cascudiana e em seu arquivo pessoal converteu sua (auto)biografia naquilo que ele próprio desejava: uma última memória, porque tem sido bastante repetida, em muitos casos, sem maiores reflexões (NETO, 2013, p.43).

Escrita de si vislumbrada como aquela que “[...] confere materialidade aos rastros conservados, reanimados e novamente enriquecidos por depósitos inéditos. Faz-se provisão de lembranças para os dias vindouros, para o tempo dedicado às lembranças

¹⁰ “Instituição cujo objetivo é a preservação, divulgação e gerência do patrimônio cultural de Luís da Câmara Cascudo, principal nome intelectual do estado do Rio Grande do Norte, o LUDOVICUS funciona na casa em que Cascudo residiu por cerca de 40 anos e produziu a sua monumental obra. Nela estão dez coleções, além de todo acervo bibliográfico e documental do nosso patrono. Curiosidades como as paredes autografadas da biblioteca, a preciosa pinacoteca, o mobiliário de época e a coleção de comendas, são algumas das atrações da instituição, que testemunha uma vida dedicada ao saber e a cultura do Brasil.” Disponível em <http://www.cascudo.org.br/instituto/apresentacao> acesso em 24 de junho de 2016.

¹¹ As autobiografias produzidas por Câmara Cascudo: *O tempo e eu* (1968), *Pequeno manual do doente aprendiz* (1969), *Gente viva* (1970), *Na ronda do tempo* (1971) e *Ontem: imaginações e notas de um professor provinciano* (1972).

¹² Os últimos desejos de Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 03 de ago. de 1986.

¹³ A redução na capacidade de enxergar e a perda da audição foram alguns dos obstáculos que Câmara Cascudo encontrou ao tentar escrever a sua última autobiografia.

[...]” (RICOEUR, 2007, p.56). Condizente com a memória cristalizada que já era debatida durante suas últimas décadas, quando já na velhice ele se voltou para um exercício de rememoração, tanto de sua trajetória intelectual quanto pessoal, atormentado pela possibilidade de esquecimento que a proximidade da morte lhe sugeria. Sentimento que perdura após o seu falecimento quando são elaboradas biografias¹⁴ que também refletem a preocupação que Cascudo não fosse esquecido.

Medo do esquecimento que para o historiador paraibano Albuquerque Jr. (s.d.) se reflete na constante referência a morte e a doença, dois elementos que atravessam a obra do intelectual potiguar e que auxiliam na compreensão de tal projeto de memória. Nesse sentido,

a doença e a morte, eis dois temas constantes na vida e na obra de Câmara Cascudo. Estas duas ameaças supremas e constantes para os corpos, para seu corpo, vão estar presentes em todos os seus escritos, inclusive em suas autobiografias de doente aprendiz. Sua obra pode ser entendida como uma luta constante contra morte, contra o tempo, contra a história, que produzem a ruína dos corpos e das coisas, que produzem o esquecimento, outra forma de morrer e a **grande doença do mundo moderno, mundo infectado pelo vírus da novidade e da juventude, pela falta de memória e desprezo pela tradição** (grifo nosso) (ALBUQUERQUE JR., s.d)¹⁵

O trecho destacado viabiliza afirmar que tais unidades possibilitam não só o entendimento de sua escrita de si, mas também de toda sua produção intelectual, visto que o esquecimento mencionado na obra cascudiana abrange também toda a discussão que realiza em torno da cultura popular e da contaminação desta com “elementos intrusos” advindos da modernidade que o século XX inaugurara.

A escrita de si ainda pode ser associada com o que Ricoeur (2007) chama de produção de uma *memória sobressalente*, isto é, a possibilidade de tornar as lembranças mais sólidas e duradoras por meio de sua circulação escrita, diferente do que ocorreria com a memória que se propaga oralmente. Desta maneira,

o discurso escrito teria uma pose, uma solenidade, que permitiria supor que o significado, uma vez tendo sido produzido se manterá ao

¹⁴ Entre as biografias consultadas temos as produzidas por Américo de Oliveira Costa (1969), Diógenes da Cunha Lima (1998) e Gildson Oliveira (1999).

¹⁵ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Ágeis, irrequietos e buliçosos: o corpo do povo e outros corpos na obra de Luís da Câmara Cascudo. Digitado. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm> acesso em: 14 jun. 2016.

longo do tempo. O texto escrito se presume feito de uma vez por todas, que ficará e se destinará a leitores de outros tempos. Ele ganharia independência em relação a quem o produziu, sendo lançado ao vento em busca de qualquer interlocutor (ALBUQUERQUE JR., s.d., p.38).

Outro componente que podemos afirmar como central na escrita autobiográfica de Cascudo e que é demonstrado no seu projeto de memória é a noção de *verdade*, tais registros bem como de outros

indivíduos modernos são, de forma geral, e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas [...] a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “**sua verdade**” (grifo nosso) (GOMES, 2004, p. 13-14).

A concepção cascudiana de que as suas memórias correspondem a uma “história oficial” sendo essa associada à concepção de verdade e, mais do que isso, a uma dimensão integral da verdade tal como Cascudo pensou, incorre no erro de considerá-las como “[...] unidades e totalidades homogêneas e não como a multiplicidade, sujeitas a constantes deslocamentos” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p.200).

O historiador Francisco Sales Firmino Neto (2013) ao identificar as condições de possibilidade da materialização da memória cascudiana atenta para o movimento ocorrido na imprensa após o encantamento do professor jagunço. Momento em que periódicos¹⁶ se engajam em uma espécie de “dever de memória”¹⁷, voltado para a discussão em torno do patrimônio intelectual de Cascudo, sendo debatidas

[...] variadas maneiras de se promover uma memória intelectual, foram aventadas como ações a serem cumpridas: construção de monumentos, reedições de obras, atribuição de títulos simbólicos e **a eternização do nome do autor no rol das personalidades locais** (grifo nosso) (NETO, 2013, p.48).

¹⁶ O falecimento de Cascudo é noticiado pela imprensa nacional por meio de grandes jornais e revistas como *O Globo*, *Veja* e *O Estado de São Paulo*, mas principalmente por periódicos norte-rio-grandenses que se engajam no debate em torno da memória cascudiana.

¹⁷ Câmara Cascudo é considerado um dos intelectuais norte-rio-grandenses que projetaram o estado no cenário brasileiro e internacional, por isso a ele é atribuído uma espécie de compromisso com o seu legado, que se efetiva por intermédio da preservação de sua memória e transmissão para as futuras gerações. Assim, “como gratidão ao escritor e em reconhecimento a sua obra, caberia aos natalenses imortalizarem, após a noite a vida e a obra daquele que seria seu principal conterrâneo” (NETO, 2013, p.51).

As ações citadas corresponderiam ao dever que os natalenses teriam com a memória cascudiana, sendo acompanhadas pela crença de que os feitos realizados por Cascudo por intermédio de sua trajetória intelectual superaria o esquecimento e garantiria que seu nome permanecesse pela lembrança, conferindo uma espécie de imortalidade literária, embora sua produção fosse pouco conhecida por seus conterrâneos¹⁸.

O sentimento que predomina nos noticiários desse período é de que por meio da obra um escritor pudesse vencer a morte e a temporalidade, permanecendo por intermédio da escrita que empreende. Albuquerque Jr. (s.d.) acredita que muitos intelectuais nordestinos apresentam uma espécie de *escrita terapêutica*, que se efetiva em uma

escrita expiatória, a literatura, a memória, o ensaio, a história buscam conter essa sensação de morte de um tempo, de uma sociedade, de um espaço, de vidas masculinas que parecem se abater, se deixar tragar pela inexorável voragem do tempo. Escrever para salvar da morte personagens, acontecimentos, costumes, textos do passado [...] (ALBUQUERQUE JR., s.d.)¹⁹

Nessa perspectiva, Ricoeur (2007) destaca que o *dever de memória* está associado a uma espécie de gratidão, remetendo a uma obrigação de lembrança, podendo ser substituído pelo termo “dever de não esquecer” ou “dever de lembrar”, ambos referindo-se a uma luta contra o esquecimento e uma obrigação do presente com o passado, associado, em primeiro lugar, a noção de justiça que é voltada a outrem, constituída por um componente de alteridade, já que “o dever de memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si” (RICOEUR, 2007, p. 101).

Conceituação que acaba oscilando entre o bom uso e o abuso, visto que remete a uma memória obrigada, desse modo, “[...] como pode ser permitido dizer “você deve lembrar-se”, ou seja, deve contar a memória no modo imperativo, quando cabe à lembrança poder surgir à maneira de uma evocação espontânea [...]” (RICOEUR, 2007, p.100). Ao mesmo tempo em que a noção de dever de memória sugere um reconhecimento do passado, daqueles que já se foram, surgindo como uma espécie de

¹⁸ Neto (2013) sugere que “[...] Cascudo não dispunha do reconhecimento de seus conterrâneos quando o assunto era a leitura de sua obra” (NETO, 2013, p.62).

¹⁹ ALBUQUERQUE JR. Durval. A escrita como remédio: erudição, doença e masculinidade no Nordeste do começo do século XX. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>. acesso em: 14 de junho de 2016.

necessidade da sociedade, ele também se constitui como uma obrigação, uma imposição. É nesse ponto que o uso do termo se constitui como um abuso, e são as formas de abuso da memória que pecam, em geral, pelo déficit de crítica – isto vale tanto para a *memória de menos* quanto para a *memória de mais*.

O empreendimento de uma glorificação de Cascudo é o ponto central dos discursos em torno da memória do escritor. Após o dia 30 de julho de 1986, a imprensa norte-rio-grandense inicia a publicação de notas oficiais emitidas por instituições locais que tanto informam e lamentam o falecimento do intelectual, como indicam uma população fortemente comovida e uma preocupação em perpetuar a sua memória.

No jornal *Tribuna do Norte*, um dia após o falecimento de Cascudo, foi publicada uma fotografia que refletiria o impacto social de tal acontecimento. Destaca-se não só a presença de políticos e intelectuais, mas também o que o periódico denomina de “gente do povo”.



Imagem 1: Políticos, intelectuais e gente do povo no sepultamento de Cascudo. *Tribuna do Norte*, Natal, 01 de agosto de 1986.

Sobre o emprego do termo podemos levantar alguns questionamentos, tais como: *Quem representa o “povo” que o periódico menciona? Qual o significado que a utilização do termo sugere dentro de tal contexto? E ainda: será que o povo, no sentido*

de camadas sociais que se distanciam das outras duas citadas pelo jornal estava realmente representado nesse momento?

O “povo” mencionado refere-se àqueles que foram por décadas objeto de pesquisa de Câmara Cascudo. O termo remete aos pescadores, as rendeiras, aos vaqueiros, aos cantadores e outros sujeitos que aparecem em suas obras, mas que também participam de seu ciclo social. Cascudo é apontado como uma figura que apesar de receber constantemente visitas de cidadãos como presidentes da República, governadores do Estado e prefeitos de cidades parecia, em alguns momentos, optar pela companhia dos homens comuns, daqueles sem grande prestígio na sociedade. Ele “[...] preferia mil vezes receber Chico Pescador, que o divertia contando aventuras “mentirosas e deliciosas” que enfrentava no mar, a receber um cidadão formal, engratado.” (OLIVEIRA, 1999, p.101).

É nesse sentido que se faz importante para o projeto de memória cascudiano o destaque que tal periódico faz para a participação desses indivíduos no sepultamento daquele que lhes deu visibilidade, aqueles que “[...] queriam prestar uma última homenagem ao folclorista que havia se dedicado por toda a vida ao estudo da cultura do povo” (NETO, 2013, p. 53). Além dos discursos de personalidades como Gilberto Freyre e outros, foram emitidos pronunciamentos de pessoas simples que no discurso jornalístico refletiriam a comoção natalense.

A referência a participação da “gente do povo” em seu sepultamento se faz necessária, nesse contexto, para a concretização da memória direcionada a exaltação do lado popular de Câmara Cascudo, daquele que mesmo após a chegada da noite buscava incluir os homens simples fazendo-os circular pelo mesmo espaço que autoridades nacionais e locais. Portanto, “[...] essa perda lastimável deveria despertar nos potiguares e, de maneira mais específica, nos natalenses a preocupação em valorizar esse singular universo intelectual” (NETO, 2013, p.55).

O significado que o emprego do termo sugere se adequa a outros pronunciamentos também emitidos por periódicos natalenses, a exemplo do jornalista Cassiano Arruda Câmara no depoimento intitulado *Viva Cascudo* (1986). Ao afirmar: “[...] “todos podem vir, ele era Universal” – aceitando presença no velório de pessoas com as quais não simpatizava, deve servir de advertência a todos nós” (CÂMARA, 1986)²⁰. A imagem construída é a de um indivíduo que mesmo após a morte continua

²⁰ CÂMARA, Cassiano Arruda. *Viva Cascudo*. Diário de Natal, Natal 01 de agosto de 1986.

unindo diferentes segmentos da sociedade, dos eruditos aos populares, perpetuando a representação produzida para Cascudo ao longo de sua trajetória.

A referência à participação de indivíduos comuns remete a tentativa de tornar Câmara Cascudo um autor popular, visto que muitos ainda não conheciam sua produção intelectual. Bem como está associada à noção de que a escrita era um mecanismo de recordação, de preservação e transmissão da memória de um indivíduo, desse modo “[...] era urgente transformá-lo em um autor popular para que, de fato, seus livros fossem consultados e para que ele fosse lembrado por seus escritos” (NETO, 2013, p.63).

A emergência de tais discursos nesse contexto é condizente com o “dever de memória” que os jornais norte-rio-grandenses instituíram após a morte de Cascudo, sendo “[...] um dever coletivo de recordação, o objetivo era instituir uma memória condizente com a sua pessoa e com as suas contribuições intelectuais. Buscava-se homenagear e manter uma lembrança constante do autor [...]” (NETO, 2013, p.59).

O próprio Cascudo ao refletir sobre a memória popular no texto intitulado *Memória e Mistério* (1960)²¹ destaca uma diferenciação entre a *memória* e o *esquecimento*, sendo a primeira associada a uma ação dos homens enquanto o segundo remete a uma ação do tempo, daí a necessidade de um esforço na luta contra o esquecimento e manutenção da memória dos indivíduos. Por conseguinte,

para manter-se, por algum tempo, um nome é preciso a mesma eterna vigilância interesseira da cobertura radiofônica e jornalística num produto comercial. Mesmo assim, devem ter notado, os produtos passam de moda e da lembrança como as criaturas humanas (CASCUDO, 1960).

A relação que estabelece com a memória é algo que atravessa toda a sua produção, desde seus escritos iniciais sobre figuras pertencentes à monarquia, à história do Rio Grande do Norte, ao sertão nordestino, à literatura oral e outros elementos da cultura popular até suas últimas publicações direcionadas ao rememoração de sua trajetória. Como destaca Américo de Oliveira, um de seus biógrafos:

Um pouco mais ou um pouco menos, mas por quase todos os seus livros, o memorialista Cascudo sempre se denuncia. Raro aquele [sic] volume em que não afloram um detalhe, um episódio, uma evocação, da infância, da mocidade, da idade madura, o Pai, a Mãe, a Espôsa

²¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Memória e Mistério*. A República, Natal, 18 de fev. de 1960.

[sic], os Filhos (completados agora, nesta sua verde velhice, pela graça e a glória dos netos), os Amigos, lugares por onde andou, cenas e ocorrências que viveu ou que participou (COSTA, 1969, p.229).

A intensificação de seu diálogo com o campo da memória ocorre quando já com 70 anos opera a construção de seus escritos memorialísticos valendo-se de omissões, silenciamentos²² e seleções de materiais, personagens e acontecimentos. Se a história para o erudito era um meio de rememorar fatos dignos de serem lembrados, suas autobiografias também apresentam uma seleção do que deve ser esquecido e o que deve ser evocado, fato que demonstra a construção pelo próprio Câmara Cascudo de seu *lugar de memória*²³, respaldado na autoridade intelectual que já possuía no Brasil e em outros países. Escrevia para que as memórias construídas nesse período de sua vida gozassem do respaldo que sua autoridade intelectual lhes conferia, revestindo com o peso de sua assinatura a versão que constrói pra si (BETI, 2001). Tal movimento poderia suscitar um desejo em Cascudo de não ser esquecido, de permanecer vivo, de ser digno de evocação pela posteridade, de ser como os “grandes homens” de seus escritos históricos.

A produção de autobiografias é apontada por Calligaris (1998) como destinada a motivos variados, podendo ser resultante da necessidade de confissão, de justificação ou com outras finalidades. Sendo consequência da modernidade a importância que é conferida nesses escritos refere-se ao sujeito que emite determinado enunciado e não a mensagem que transmite.

O falar e a escrita de si são apresentados como dispositivos essenciais a esse tempo histórico, e como resultado a produção de autobiografias é apontada como uma forma de documentação privilegiada. Os escritos autobiográficos implicam “[...] uma cultura na qual, por exemplo, o indivíduo (seja qual for sua relevância social) situe sua vida ou seu destino acima da comunidade a qual ele pertence, na qual ele concebia sua vida não como uma confirmação das regras e dos legados da tradição, mas como uma aventura para ser inventada” (CALLIGARIS, 1998, p.46).

O crescimento do sentimento de individualidade é apontado como necessário à proliferação das produções autobiográficas. Porém, o que se verifica em muitos desses escritos é a recorrência a uma vida por meio do cruzamento com múltiplas trajetórias,

²² Entre os silenciamentos nas autobiografias produzidas por Câmara Cascudo podemos citar seu apoio ao movimento Integralista, a simpatia que possuía pelos ideais fascistas e a não oposição ao Golpe Militar de 64. Cf. TORQUATO (2008).

²³ Para Pierre Nora, os *lugares de memória* não são produtos espontâneos, mas sim construções sociais. Cf. NEVES (2007).

estando a rememoração pessoal situada em redes de solidariedade que envolvem diferentes sujeitos.

Em 1968, Luís da Câmara Cascudo, ao escrever o prefácio de uma de suas autobiografias intitulada *O tempo e eu*, remete-se ao escritor sueco Alex Munthe ao afirmar que o “método mais prático para escrever uma obra sobre si próprio, consiste em pensar nos outros” (CASCUDO, 2008, p. 32). Trata-se do caminho que percorre em seus escritos memorialísticos, produzidos ao longo das décadas de 1960 e 1970, os quais são construídos por meio de recordações pessoais bem como daquelas que remetem a terceiros, fazendo, muitas das vezes, das reminiscências de outros proposições suas.

O atravessamento de sua escrita de si com a noção de *memória coletiva* não se encontra apenas na obra *O tempo e eu*, sendo algo recorrente em toda sua produção autobiográfica, que se constitui por intermédio do cruzamento com trajetórias, discursos e interdições de outros indivíduos que acabam por significar a vida de Câmara Cascudo. A imagem elaborada em tais escritos é construída a partir de outros indivíduos, a partir dos quais Câmara Cascudo cria “[...] um “Eu” espelhado nos outros, na influência e participação ativa que estes tiveram com o narrador Cascudo. Uma vida cercada de muitas outras vidas” (ALVES, 2011, p.41). Consequentemente, ao elaborar uma narrativa de si, ele acaba evocando outros personagens que reafirmam a representação que deseja criar de si.

A memória coletiva nos reporta para além de um simples somatório de memórias individuais, sendo o que nos ajuda “[...] a fixar o conteúdo e a forma de nossas recordações, que acreditam nelas e nos responsabilizam por minúcias de que não nos recordávamos” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p.204). Há em seus escritos autobiográficos o cruzamento dessa memória coletiva com uma dimensão mais particular da memória, isto é, a sua variante individual que se refere a recordações individuais que só são pessoais “[...] à medida que ele se localizou num ponto em que foi possível ser atravessado por correntes de pensamento coletivo que formou uma configuração de maior complexidade para desvendar suas origens para a maioria das pessoas” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p.204). Nesse sentido, podemos afirmar que a memória individual é singular a um indivíduo em virtude do espaço ocupado por esse em determinado momento de sua trajetória. É individual porque os sujeitos são impactados de diferentes formas pelos elementos que compõem a memória coletiva.

Em relação ao conceito de memória, podemos afirmar que na obra cascudiana essa “[...] funciona como um traço do passado, um arquivo concebido como um registro mesmo que um tanto limitado de um acontecimento, ao invés de, por exemplo, uma construção dele” (OLIVEIRA, 2012, p.05). Cascudo, assim como não vislumbra que uma fonte histórica seja construída, forjada e inventada; não reconhece na memória um processo seletivo e intencionado, apesar de destacar a limitação no processo de rememoração.

Pelo contrário, para ele a memória mesmo com suas limitações é uma cópia de determinado acontecimento, permitindo que os sujeitos reconheçam as origens, raízes de determinados fenômenos. Dessa maneira a memória funcionaria como uma espécie de arquivo, que é fundamentalmente um registro preservado eternamente já que “[...] as informações sobre o passado nunca desaparecem, pois, para ele, mesmo aquela parcela não percebida pelo sujeito é conservada na biologia de seu próprio ser.” (OLIVEIRA, 2012, p.08). Concepção que se aproxima daquela sugerida por Halbwachs (2003) ao discorrer acerca de uma “vontade de recordar”, para ele

quando dizemos que a recordação de certas lembranças não depende da nossa vontade, é porque a nossa vontade não é forte o suficiente. A lembrança está ali, fora de nós, talvez dispersa entre muitos ambientes. Se a reconhecemos quando reaparece inesperadamente, o que reconhecemos são as forças que a fazem reaparecer e com as quais sempre tivemos contato. (HALBWACHS, 2003, p. 59).

A divisão que o sociólogo estabelece entre as memórias puramente individuais e aquelas que se referem a um expoente coletivo instauram também uma segmentação na possibilidade de acesso a essas lembranças, isto é, para ele o passado pode ser acessado em dois sentidos, por meio das evocações que são resultantes de uma “vontade de recordar” e aquelas que “[...] não atendem ao nosso apelo” (HALBWACHS, 2003, p.66) e identificam que a vontade que motiva o acesso às primeiras se constitui enquanto um obstáculo.

Sobre essas memórias Halbwachs (2003) ainda afirma ser essa impossibilidade de acesso resultante da dimensão individual dessas lembranças, já que para ele aquelas que se apoiam na memória dos outros são facilmente recordadas a qualquer momento, sendo movidas por uma “vontade de recordar”, diferente daquelas que estão inseridas na

singularidade dos indivíduos, essas, mesmo quando possuem sua evocação motivada, dificilmente são acessadas visto que somente nós podemos reconhecê-las.

Câmara Cascudo acreditava que as recordações de determinados fenômenos guardados na memória seriam evocados por intermédio da chamada “reminiscência”, sendo essa para Albuquerque Jr. (2007) uma evocação de sensações e imagens passadas que invadem violentamente o nosso presente, seria para o escritor potiguar a única forma fiel de acesso a essa memória arquivista, já que todas as demais seriam frutos da “imaginação”, e essa estaria ligada a ideia de falsidade que, por isso, colocaria em risco a autenticidade de nossas lembranças.

A partir do exposto podemos verificar como as recordações presentes nos escritos aqui analisados buscam, bem como outras memórias, “[...] preservar a ideia de uma essência que atravessa os tempos.” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 207). Essência que no caso de Cascudo sugere um desejo de revelar para a posteridade o que há de mais fundamental em seu espírito, já que ao evocar e escrever suas memórias, ele o faz de maneira seletiva, almejando um fim determinado. Consequentemente, consideramos que essa *narrativização do eu* se constitui enquanto um processo de seleção que, por sua vez, “[...] quer se queira quer não, escolher implica, igualmente, esquecer, silenciar e excluir aquilo de que já se teve notícia” (CATROGA, 2015, p.28).

Tal percurso assemelha-se ao pensamento desenvolvido pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs (2003) ao elaborar a noção de memória coletiva, quando aponta para a necessidade de refletir em torno de uma dimensão da memória que ultrapassa o plano privado, singular, abrangendo uma perspectiva coletiva. É nessa perspectiva que afirma que a consciência humana “[...] jamais está encerrada em si mesma, não é vazia nem solitária. Somos arrastados em inúmeras direções, como se a lembrança fosse uma baliza que permitisse nos situarmos em meio da variação constante dos contextos sociais e da experiência coletiva histórica” (HALBWACHS, 2003, p.13).

Identifica uma separação entre os acontecimentos individuais e coletivos, sendo os primeiros apontados como os de acesso mais difícil por seu grau de individualidade, diferente dos últimos que em consequência da abrangência de mais indivíduos facilitam o processo de rememoração. É em consequência dessa separação que Halbwachs (2003) associa a confiabilidade em determinado testemunho a partir do seu envolvimento com outros sujeitos, isto é, quanto mais indivíduos forem envolvidos no processo de recordação maior será a confiabilidade na lembrança da experiência. Tal reflexão centra-se na proposição de que a noção de memória coletiva “[...] permite

apreender profundamente que não é o indivíduo em si ou alguma entidade social que recorda, mas ninguém pode se lembrar realmente a não ser em sociedade, pela presença ou pela evocação, portanto recorrendo aos outros ou a suas obras” (HALBWACHS, 2003, p.23).

Concepção semelhante àquela desenvolvida por Fernando Catroga (2015) ao mencionar o processo de *recordação de memórias*. Para o historiador português tal mecanismo envolve não apenas o evocador das lembranças, mas também outros sujeitos. Deste modo,

[...] a consciência do eu se matura em correlação com camadas memoriais não só diretamente vividas, mas também adquiridas, tem de se ter presente que estas, para além das de origem pessoal, só se formam a partir de narrações contadas por outros, ou lidas e vistas em outros: o que prova que a memória é um processo relacional e intersubjetivo [...] (CATROGA, 2015, p.13).

Catroga (2015) dialoga com Halbwachs (2003) ao vislumbrar a formação da identidade de um indivíduo enquanto um processo inseparável da posição ocupada pelo sujeito em determinado grupo, bem como pelos valores sociais incrustados em sua trajetória. Assim, “[...] tem de se reconhecer que *a identidade* é um produto social, de certa maneira sempre em devir no quadro de uma relação dialógica e temporal entre o *eu* e o *outro*” (grifo no original) (CATROGA, 2015, p.27). Bem como considerar que

[...] a centralidade do eu tornar-se-á narcísica e egóide, quebrando a relação de alteridade (e de socialidade) em que a memória se constrói, destruindo-se, com isso, a sua própria identidade subjectiva. Isto é, cada indivíduo não pode esquecer-se de que só recordando os outros de si mesmo se recorda (CATROGA, 2015, p.39).

Tal pressuposto não suscita uma necessidade de materialidade dos sujeitos envolvidos no processo de rememoração, por isso, para a noção de memória coletiva, “não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 2003, p.30). A recorrência a dimensão coletiva da memória não torna necessário a presença física de outros sujeitos, visto que a eles se recorre por meio das ideias, maneiras de pensar e outras marcas que as redes de sociabilidade com outros indivíduos inauguram.

Mesmo atentando para a dimensão coletiva da memória e a sua participação no processo de rememoração, Halbwachs (2003) atenta para o fato de que só é possível o acesso a determinada lembrança quando a experiência vivenciada deixa rastros na memória de cada indivíduo, isto é, “[...] o depoimento de alguém que esteve presente ou participou de certo evento não nos fará recordar nada se não restou em nosso espírito nenhum vestígio do evento passado que tentamos evocar [...]” (HALBWACHS, 2003, p.33).

Podemos afirmar que para o sociólogo é necessário que no processo de rememoração haja uma identificação do sujeito que deseja relembrar tal acontecimento, visto que mesmo quando os outros reconstroem com precisão determinado evento se nele não estamos envolvidos haverá uma descontinuidade da memória, pois o rastro que essa experiência deixou foi apagado.

Podemos considerar que a reconstrução e reconhecimento de uma lembrança são resultantes de um processo que envolve a presença de rastros no espírito de um indivíduo e dos demais que com ele constroem redes de sociabilidade. Nessa perspectiva, quando há o esquecimento pode-se afirmar que a dimensão coletiva da memória que abrangia a individual e a de determinado grupo foi apagada, não sendo essa deslembração resultante de uma falha da memória dos sujeitos envolvidos (HALBWACHS, 2003). Ainda em relação à dimensão coletiva da memória o sociólogo nos aponta a existência de dois planos, aquele que remete às evocações que dizem respeito à maioria dos integrantes de determinado grupo e aquele que se refere às lembranças que envolvem uma pequena parcela do coletivo ou ainda a apenas um indivíduo.

A partir do exposto, pode-se concluir que o projeto de uma “narrativização do eu” elaborada por Câmara Cascudo, ao longo das décadas de 1960 e 1970, se constituiu enquanto um processo de diálogo com múltiplas vozes, considerando que em seus escritos autobiográficos a construção de uma imagem para si é atravessada constantemente pela presença de outros sujeitos.

Identificamos em sua narrativa a presença de duas vertentes da memória, aquela que remete a uma perspectiva singular e a outra que se refere a uma dimensão coletiva, sendo esta última apontada pelo próprio intelectual como a que mais fornece possibilidades para sua escrita autobiográfica. Posicionamento semelhante àquele desenvolvido por Halbwachs (2003) ao afirmar que as memórias quando partilhadas por

um grupo de indivíduos se constituem enquanto possibilidade mais fiel e acessível ao sujeito evocador.

Apesar de ambas se constituírem enquanto possibilidades de rememoração ressalta-se que há um afastamento entre essas duas dimensões da memória, a coletiva e a individual, já que “[...] por um lado os testemunhos dos outros serão incapazes de reconstituir a lembrança que apagamos, e por outro, aparentemente, sem o apoio dos outros nos lembraremos de impressões que não comunicamos a ninguém” (HALBWACHS, 2003, p.39).

Pode-se concluir ainda que a concepção cascudiana de que as suas memórias correspondem a uma “história oficial” sendo essa associada à concepção de verdade e, mais do que isso, a uma dimensão integral da verdade tal como Cascudo pensou, incorre no erro de considerá-las como “[...] unidades e totalidades homogêneas e não como a multiplicidade, sujeitas a constantes deslocamentos” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p.200).

Possivelmente, o pensamento de Cascudo acerca da autenticidade das memórias se refira à concepção positivista que possuía sobre os documentos históricos, mas pode ser que se remeta também a uma tentativa de envolver os seus escritos memorialísticos com o “manto da verdade”, respaldando as suas evocações de um valor de autoridade e veracidade.

Por fim, podemos afirmar que Câmara Cascudo constrói nesses escritos uma memória que é atravessada por episódios pessoais, mas principalmente por uma narrativa atravessada constantemente pela presença de outros sujeitos, que aparecem em suas obras enquanto possibilidades de reafirmação de seus posicionamentos, ideias e práticas. Ao elaborar uma narrativa de si ele acaba evocando outros personagens que reafirmam a representação que Cascudo deseja criar de si. Desta maneira ele “[...] constrói sua própria subjetividade articulando-se, simultaneamente, enquanto sujeito e objeto da reflexão que ele tece em torno de sua própria vida” (OLIVEIRA, 2012, p. 02).

O projeto de memória de Cascudo iniciado em vida e consolidado após a sua morte abrangia não só a escrita de autobiografias, mas também ações²⁴ que visavam o reconhecimento social e a manutenção de sua imagem. Dentro do IHGRN foram realizadas

²⁴ Tais ações partiram de diversos setores da sociedade natalense, nem sempre condizentes com os objetivos de seu projeto de memória. Entre esses incluímos a própria família de Cascudo, a Academia Norte-rio-grandense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

publicações de livros sobre Cascudo, reedições de seus livros de história, festividades anuais nas datas de natalício e do falecimento do escritor, publicação de artigos laudatórios na Revista do Instituto, fotografias e fragmentos de livros expostos nos móveis e nas paredes da instituição foram algumas das incontáveis homenagens [...] (PETROVICH, 1995).²⁵

Algumas das ações empreendidas remetem a fundação de lugares de memória, destinados à exaltação do escritor potiguar e manutenção da imagem construída pra si. Espaços como o Memorial Câmara Cascudo, a Faculdade Câmara Cascudo, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANL-RN), o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) e outros espaços tornam-se operações não naturais de preservação da memória cascudiana. Intervenções que

[...] nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais [...] e que estão [...] em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 13-09).

Lugares que se distinguem do registro, do vestígio remetendo a concretude da memória, a um modelo material, aquilo que Nora (1993) denomina de “materialização da memória”. É nesse contexto que a cidade de Natal passa por uma espécie de *monumentalização* (NETO, 2009) desse intelectual, intensificado após a sua morte e culminando na comemoração de seu centenário de nascimento no ano de 1998. Seu nome batiza ruas, estabelecimentos comerciais, instituições públicas e particulares, memoriais e outros espaços que servem para sua exaltação.

Cascudo é transformado em um monumento natalense. É mediante esse movimento que ele se torna “[...] um sujeito privilegiado, de modo que constantemente são criados lugares para perpetuar sua importância, recordá-lo e evocar sua atividade intelectual.” (NETO, 2009, p.28) Por meio dessa prática se perpetua no tempo e é erguido a personagem de destaque do cenário local e nacional.

O desejo de criar lugares de evocação da figura desse etnógrafo parte não só do próprio Cascudo, que ainda em vida constrói memórias selecionadas bem como produz,

²⁵ PETROVICH, Enélio Lima. A data do mestre Cascudo. Tribuna do Norte, Natal, 30 de dez. de 1995.

a partir da década de 1920, um lugar de autoria em Natal, isto é, passa a se dedicar a produção de escritos que privilegiam esse espaço. Além disso, tal processo também é forjado por indivíduos pertencentes à elite letrada e política daquela cidade.

Considerando o processo de *monumentalização* de Cascudo na cidade de Natal, bem como o conhecimento escarço de sua obra pela sociedade desse espaço, pode-se inferir que o escritor é mais referenciado como personagem da memória natalense do que pela produção que apresenta ao longo de sua trajetória intelectual. É em consequência da sua atuação literária que se desenvolveu uma *cidade cascudiana*, já que a escrita de um indivíduo era vislumbrada não só como mecanismo de projeção na sociedade da qual faz parte, mas também a possibilidade de alcançar a eternidade, em vista disso “a escrita seria então uma tentativa de anular o tempo e de criar um espaço de afirmação para o autor” (NETO, 2013, p. 26).

A transformação de um sujeito em monumento é tida como a possibilidade de perpetuação no tempo, destacando determinado indivíduo, elevando-o a posição de personagem consagrada com uma existência atemporal. No caso de Câmara Cascudo, parte dessa conversão deve-se a sua identificação enquanto um “provinciano incurável”, como um indivíduo que permanece preso ao território natalense (NEVES, 2002).

Tal identificação aparece na análise que empreendemos dos escritos autobiográficos²⁶ que apontam para o seu reconhecimento enquanto um provinciano por excelência. Para o historiador Albuquerque Jr. (2013), a associação desse intelectual com a noção de provincianismo remete aos seus estudos sobre a cultura popular, por conseguinte “se Cascudo se torna o provinciano incurável, aquele que é a encarnação de sua cidade e de seu Estado, é porque dedicou a sua vida a estudar as coisas simples e abandonadas, as coisas sem importância, sem utilidade, as coisas características de seu povo e de sua terra” (ALBUQUERQUE JR. 2013, p. 53)

Aspecto interessante se considerarmos a importância que ele adquiriu nacionalmente e internacionalmente por intermédio dos seus escritos, mesmo situado fora do eixo Rio-São Paulo. Ele estaria “[...] arraigado nas dunas de sua cidade Natal, que jamais cedeu ao canto de sereias que o instavam a trocar as margens do Potengi pelos grandes centros [...]” (NEVES, 2002, p. 65).

Esse sentimento de devoção à cidade que resultaria na fixação de Câmara Cascudo em Natal remete a uma série de eventos ocorridos entre as décadas de 1920 e

²⁶ Inclusive a autobiografia intitulada *Ontem: imaginações e notas de um professor provinciano* referencia no próprio título sua associação com esse elemento.

1930 que induziram a sua permanência na cidade. Entre eles a falência de sua família que direcionou a sua trajetória intelectual para a produção de escritos sobre o cotidiano local, bem como não lhe permitiu “[...] cogitar maiores pretensões de transferências para outros lugares do país, como foi comum à intelectualidade brasileira no início do século XX” (NETO, 2013, p.71). A morte de seu pai, o Coronel Cascudo, em 1935, transformou o jovem escritor no provedor da família, afastando-o ainda mais dos círculos intelectuais do eixo Rio-São Paulo. É nesse sentido que Cascudo afirma:

Depois de D. Pedro I sou homem para gritar, sem que a felicidade geral da Nação dependa de mim: - fico. E vou ficando. Ficando enrolado com as traças, com os vaqueiros, com os cantadores, com o povo miúdo, feiras, sambas, catimbós, bibliotecas, estudando, cutucando o próximo para pedir informações. E ficando. Não há compensação lá fora. (CASCUDO, 1948).²⁷

Como indica o ano de publicação desse depoimento, só a partir da década de 1940 quando passa a ser reconhecido por sua produção histórica local surgem convites e possibilidades de transferência para outros espaços do Brasil, e é nesse contexto que o autor passa a se identificar como um *autor da cidade de Natal* e aquele que não se desprenderá do lugar que nasceu.

Ao afirmar que nunca pensou “[...] em deixar minha terra. Queria saber a história de todas as cousas do campo e da cidade” (CASCUDO, 1968)²⁸ o escritor revela acreditar em uma espécie de missão que o motivaria a estudar os acontecimentos daquele espaço, se constituindo como um elo entre o passado e o presente e, por isso, um informante de fatos distantes no tempo.

Diferente do reconhecimento nacional e internacional que Cascudo conheceu em consequência da sua produção intelectual acerca dos elementos folclóricos, o historiador Sales Neto (2013) indica que é resultante da sua produção historiográfica que ele é exaltado em Natal, possibilitando o seu processo de *monumentalização*.

²⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. Depois de D. Pedro I sou o homem para gritar sem que a felicidade geral da Nação dependa de mim: fico! E vou ficando. *Presença*, Recife, n.2, set. 1948.

²⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. Um provinciano incurável. *Província*, 1968.

2.2 “[...] faço questão de ser tratado por esse vocábulo que tanto amei: professor”²⁹ – a formação acadêmica e reminiscências de uma vida dedicada ao magistério.

A relação de Câmara Cascudo com o ofício que ele denominou ser o único que exerceu verdadeiramente se inicia em 1928 quando é nomeado professor interino da cadeira de História do Brasil do tradicional colégio Ateneu Norte-Rio-Grandense pelo então Governador do Estado, Juvenal Lamartine³⁰. Posteriormente passa a ocupar o cargo de diretor interino do mesmo colégio. Em 1933 Cascudo é nomeado professor de História da Música do Instituto de Música do Estado e no ano seguinte é nomeado catedrático da disciplina História da Civilização³¹ do colégio Ateneu.

A experiência que constrói em sala de aula incluindo os relacionamentos que estabelece com outros professores e alunos é rememorada em uma de suas autobiografias, intitulada *Ontem: imaginações e notas de um professor de província*. Nessa afirma

Eu, professor, confesso existir uns dois milhões de livros sobre Ensino e uma dúzia escassa com o depoimento do Professor inspirado no ambiente vivido. Os grandes Mestres brasileiros e estrangeiros, profissionais e famosos, não comunicaram suas reações nos longos anos de cátedra, relativamente ao elemento humano, povoador das aulas. **Livros sobre o que ensinaram, sim! A quem ensinaram, não!** (grifo nosso) (CASCUDO, 2010, p. 14).

Câmara Cascudo ressalta que as produções daquele período, em sua maioria, se direcionavam para discussões acerca de métodos de ensino deixando de mencionar as relações estabelecidas dentro do espaço escolar, sobretudo com os alunos. A sua obra se distancia dessa perspectiva e se aproxima de uma nova perspectiva de análise do sistema educacional brasileiro, além de possibilitar a investigação de sua trajetória como professor na qual “[...] discute teses científicas e práticas de magistério; registra finos

²⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/> acesso em 04 de julho de 2016.

³⁰ É interessante observar que a ocupação de cargos no magistério por Cascudo remete a sua influência com políticos locais que o nomeava para tal ofício. Desse modo, por mais que se afirme enquanto um sujeito apolítico é evidente em sua trajetória o uso de tais sociabilidades para concessão de privilégios.

³¹ Com a Revolução de 1930 organizada por Getúlio Vargas, Cascudo perde temporariamente a cadeira, voltando a ocupa-la posteriormente.

perfis de professores e de alunos no encantamento da sala de aula [...]” (SILVA, 2010, p.227).

A associação de Cascudo com o ofício de professor é relacionada com sua infância, momento que o teria direcionado tanto para a formação de um erudito que se voltaria para o estudo da cultura popular quanto para o ensino. As lembranças desse período remetem não só para o exercício dessa profissão, mas também para a relação que estabeleceu quando criança por intermédio da sua formação educacional.

Câmara Cascudo indica como sua primeira professora dona Totônia Cerqueira, com quem “[...] aprendeu os fundamentos inabaláveis de tudo quanto sei. No final do ano, amarrou-me uma fitinha azul no braço, declarando-me aprovado no curso adorável onde fui o único aluno” (CASCUDO, 2008, p. 49). Sendo essa aquela com quem ele estabeleceu diálogos sobre elementos da cultura popular que viriam a posteriormente constituir seus livros.

Câmara Cascudo por vezes associou a sua formação intelectual a figuras que lhe ensinaram gestos, cantorias, contos, lendas e outros componentes da cultura popular que não eram discutidos nos espaços acadêmicos. Além de Totônia Cerqueira ele cita o Professor Panqueca³², figura com a qual teria aprendido a História Popular e com o qual travara conversas preciosas que ressaltavam a Natal conservadora tão defendida nos escritos cascudianos.

Além desses professores, ele aponta Pedro Alexandrino e Francisco Ivo Cavalcanti como influências para sua formação enquanto sujeito e futuro docente. O primeiro foi professor de português do Atheneu norte-rio-grandense e seria responsável por, mediante aulas particulares, lhe apresentar a literatura básica de Portugal, estimulando o raciocínio e sua capacidade autodidata. Já o seu “segundo mestre” veio em substituição ao primeiro também lecionando português e “[...] abriu para mim perspectivas indefinidas” (CASCUDO, 2008, p. 54), contribuindo para desenvolver um espírito inquieto e curioso.

Só posteriormente o percurso de Cascudo pelo magistério abarcaria o ensino superior quando se torna professor de Direito Internacional e de Etnografia Geral na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sendo esse cargo o responsável por projetar seu nome no meio acadêmico. Mantendo-se nessa ocupação até a sua

³² Chamava-se Joaquim Lourival Soares da Câmara e recebeu esse apelido por sua atuação em uma peça infantil.

aposentadoria e da qual recebeu títulos como o de “Professor emérito”³³ e “Doutor Honoris Causa”.

A produção de uma autobiografia sobre as relações que estabeleceu em sala de aula com alunos e outros professores destaca um sujeito preocupado não só com a aplicação de métodos educacionais, mas principalmente em ser lembrado como um “grande amigo”. É em consequência disso que inúmeras personalidades confeccionam depoimentos que exaltam a figura de um “grande mestre” e auxiliam na construção de uma memória cascudiana, apresentando-o como um professor completo que não limitava os alunos, incentivando-os a refletir, investigar e questionar (GUERRA, 1947).³⁴

Além da imagem de um sujeito próximo aos alunos os depoimentos retratam um professor preocupado em discutir não só conhecimentos relativos às matérias que leciona, mas também aos assuntos que atravessam suas obras, entre eles as viagens etnográficas que empreendia e o universo das práticas culturais populares. Como exemplo, citamos o depoimento de Domingo Gomes no qual afirma:

E, como aluno, pouco aprendi de Direito Internacional com o velho mestre, mas aprendi, sobretudo, do meu velho mestre, do mestre de todos nós, tudo sobre o folclore, tudo sobre a cultura popular, sobre o hábito e costumes da nossa gente e do nosso povo. [...] Cascudo foi a universidade antes dela ter sido criada. Ele foi embrião da nossa universidade, e criou, muito antes de se pensar na nossa universidade, a universidade popular, a universidade sem muros, a universidade sem hábito, a universidade do povo (GOMES, s.d.).³⁵

A associação de sua imagem com a de um “professor contador de histórias” lhe rendeu não só elogios, mas também críticas que partiram de outros docentes indignados com a postura de um sujeito que ousava falar em sala de aula de elementos fantasiosos e que “[...] faz pesquisas a respeito do lobisomem, burrinha de padre, do bumba-meu-boi, que ouve pastoras, que está desmoralizando o ensino secundário no Rio Grande do Norte” (LYRA, 1987).³⁶

³³ Título concedido pelas universidades brasileiras para aqueles sujeitos que seriam *os mestres de maior talento*.

³⁴ GUERRA, Otto. Luiz da Câmara Cascudo – Professor. In: CASCUDO, Luiz da Câmara (Depoimentos). Natal, RN: Centro de Imprensa, 1947. P.10. Plaquete de homenagem dos seus amigos, abril de 1947.

³⁵ GOMES, Domingo. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/memo.html> acesso em 28 de julho de 2016.

³⁶ LYRA, Carlos. “Cascudo as razões de minha preferência.” Revista Século – atualidade e cultura. Natal, RN, ano 2, n.3, p.57, 1998. Entrevista concedida ao autor em 19 de agosto de 1978.

Suas reflexões partem não só das relações sociais construídas dentro do magistério, mas também em torno das funcionalidades do sistema educacional brasileiro. Em entrevista concedida a *Folha de São Paulo* ele afirma:

A universidade é plasmadora de culturas, em defesa ascensional da civilização. **Ela deve valorizar, estudar, defender a civilização do Brasil.** Primeiro, porque é bela, sugestiva, original, humana. Segundo, porque é nossa. Se da universidade não parte a valorização humana da ciência adquirida e sua aplicação nobre e digna, então está jurando solidariedade e aliança-cúmplice com todos os elementos que anoitecem o mundo e espalham, na amplidão das cidades e dos campos, a imutabilidade do signo da angústia, da insatisfação, do desalento, do pessimismo, desfibrador e responsável por tantos males e maremotos sociais. (grifo nosso) (ANGINA, 1979)³⁷

Em 1948 está envolvido no processo de fundação da Universidade Popular, projeto iniciado em 01 de maio e cujo maior objetivo era despertar nos natalenses a consciência do seu valor e fomentar a ideia de Universidade que só seria concretizada no estado no final da década de 1950. Funcionou inicialmente no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e teve entre suas aulas algumas ministradas por intelectuais a exemplo do próprio Cascudo.

Intelectuais que se faziam presentes também nas aulas que ministrava nos colégios natalenses, como retratado por Américo de Oliveira Costa, um de seus biógrafos, que exaltava as aulas que fascinavam alunos, com a classe repleta de intelectuais que vinham assisti-las, incrédulos pela erudição manifestada, contrastando com sua jovialidade.

No ensino superior era exaltado como aquele que revolucionou a maneira de ensinar direito internacional. Assim sendo, “seus alunos aprendiam o Direito autêntico, aquele que engloba todas as matérias do conhecimento. Era o Direito Filosófico, eterno. Mas também atual e prático. Seus exemplos reuniam o cotidiano internacional. Discutia e explicava notícias diárias e ocorrências. **Mas também se valia das raízes greco-romanas**” (grifo nosso) (BARRETO, s.d.)³⁸. O trecho destacado reflete que a busca por uma origem esteve presente não só na sua trajetória enquanto estudioso da cultura popular, mas também na sua atuação no magistério e em outros segmentos como o período que se dedicou a produção de críticas literárias.

³⁷ ANGINA, Rosana D'. *Jornal Folha de S. Paulo Ilustrada*, 4º Caderno, São Paulo, Domingo, 30 de dezembro de 1979.

³⁸ BARRETO, Anna Maria Cascudo. *O colecionador de crepúsculos*. Disponível em <http://www.cascudo.org.br/biblioteca/vida/biografia> acesso em 25 de junho de 2016.

A vocação para o magistério que Câmara Cascudo tanto enfatiza em suas autobiografias é constantemente associada a sua infância, período no qual se destaca o início de seu desenvolvimento intelectual. Sua mãe motivada pelo “[...] pavor de que os colegas de sexo me pusessem a perder, como depois puseram, [...] me fez estudar no Externato Sagrado Coração de Jesus [...] Externato **exclusivamente feminino**” (grifo nosso) (CASCUDO, 2008, p. 49). Condição que atravessa sua formação educacional, visto que o início dessa remete a ambientes marcados pela presença feminina que resultou em suas palavras numa “instrução mulheril” (CASCUDO, 2008).

Característica que desagradava seu pai e que motivou a sua inserção no Colégio Diocesano Santo Antônio para que nesse espaço desfrutasse da companhia de colegas meninos. Entretanto a mudança para o bairro do Tirol dificultou a ida para o colégio e enveredou sua formação educacional para o ambiente doméstico por meio da contratação de professores que dariam aulas exclusivas para o filho do Coronel Cascudo em um espaço destinado a esse fim.

Desse modo, “[...] matriculado em bons colégios, o menino *Cascudinho* teve aulas com alguns dos professores mais renomados de Natal, na época, com os Professores Pedro Alexandrino e Francisco Ivo, que foram decisivos na formação intelectual de *Cascudinho* [...]” (grifo no original) (LIMA, 2008, p.36). Formação que resultaria na sua ida para a Faculdade de Medicina, característica comum aos filhos da elite política e econômica daquele período, inicialmente na Bahia e posteriormente no Rio de Janeiro. Contudo a crise financeira que atingiu sua família se aproximava e junto com a sua falta de vocação médica (CASCUDO, 2008) ele volta para Natal e passa a ensinar em colégios e cursos particulares.

É com o exercício do magistério que Cascudo consegue economias para sustentar sua família e para financiar o curso de Direito em Recife, no qual ia “[...] três meses por ano, levando economias pessoais, hospedando em pensões humildes e típicas” (CASCUDO, 2008, p.51). Em 1928 consegue se formar sem as pompas que tal feito suscita, visto que suas condições financeiras ainda não permitiam tais extravagâncias, assim “[...] minha festa de formatura foi a coincidência de Mário de Andrade vir de São Paulo e ser meu hóspede em Natal” (CASCUDO, 2008, p.51).

A análise da trajetória de Câmara Cascudo quando professor em instituições de ensino norte-rio-grandenses destaca a aproximação desse com o campo historiográfico, inserção que se reflete ao lecionar disciplinas como História do Brasil, História da Música e História da Civilização, bem como ao utilizar espaços como o IHGRN para

ministrar tais aulas e ao conduzir a formação de seus alunos universitários associando o debate em torno de elementos do cotidiano natalense e da história do Rio Grande do Norte. Diálogo que ao longo de sua trajetória intelectual seria intensificado possibilitando a confecção de obras de cunho historiográfico e a concessão do título de historiador oficial da cidade de Natal.

2.3 “Todos nós julgamos escrever a História quando apenas escrevemos para a História”³⁹: um historiador natalense.

A produção intelectual de Luís da Câmara Cascudo perpassou por diferentes campos e temáticas. Há obras de cunho memorialístico, etnográfico, histórico⁴⁰ e outros que revelam o ecletismo desse erudito. Em relação a sua aproximação com o campo da História, é possível perceber que Cascudo possui uma concepção histórica tradicional, amparada na noção de que documentos oficiais correspondiam a uma “verdade”, eram fontes neutras, imunes aos interesses humanos e que falavam por si.

Não seria necessária a opinião dos historiadores, já que suas interpretações poderiam retirar a pureza desses documentos. Há em seu pensamento uma noção romântica da História enquanto campo do saber, que permite o retorno do passado por meio da consulta às fontes oficiais, vislumbrando o historiador como uma espécie de informante, isto é, sujeito que apenas narra pra informar.

Nessa perspectiva, qualquer relação que Câmara Cascudo estabelecesse com a interpretação, julgamento ou conclusão o desviaria de sua verdadeira função, por isso ele se coloca na posição do indivíduo que escreve história para consertar o grande erro cometido por outros historiadores: a interpretação. Em vista disso, “para Cascudo, o historiador tem que se dedicar a um trabalho de sistematização e narração de fatos históricos, e tem como objetivo principal informar o leitor do que realmente aconteceu” (BETI, 2001, s.p.).

³⁹ (CASCUDO, 1947)

⁴⁰ Cascudo publicou em periódicos como *A República* artigos voltados para o campo histórico entre esses: “*A função dos Arquivos*”, “*História e Estória*” e “*História e Historiadores*”. Além desses temos obras de cunho histórico como: “*A História do Rio Grande do Norte*”, “*Os holandeses no Rio Grande do Norte*” e “*História da Cidade do Natal*”.

É interessante notar que para Cascudo, por intermédio da História, as ações e acontecimentos humanos poderiam ser eternizados. A partir disso podemos indagar: *O que seria digno de ser eternizado?* Para ele, assim como para outros historiadores metódicos, nem todos os fatos deveriam ser memoráveis. Portanto, dedicava suas narrativas históricas a importância de acontecimentos como eventos políticos, a exemplo das invasões estrangeiras, e a feitos dos chamados “grandes homens”, tais como eclesiásticos e estadistas.

A concepção teórica de Cascudo em relação à História é múltipla. Não há só uma escola teórica que ele siga. Em suas obras históricas temos abordagens de diferentes perspectivas, ele “[...] mesclou concepções de história que vão desde a Antiguidade Clássica, como as concepções de Heródoto, até a moderna” (COSTA, 2011, p.02).

A aproximação com tal campo do saber não se reflete apenas em parte de sua produção, mas também no exercício do magistério enquanto professor de História do Brasil no Atheneu Norte-rio-grandense. Profissão essa que de acordo com seus biógrafos sempre exerceu⁴¹, seja em sala de aula ministrando disciplinas em colégios e universidades ou como professor de muitos que iam lhe consultar em sua residência. De acordo com Fernando Luís, filho de Cascudo, “alguns chegavam em caravanas, procedentes do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador. Teve época que era preciso telefonar para marcar entrevista [...]” (OLIVEIRA, 1999, p.97).

A escrita de obras destinadas a exaltação de grandes líderes e acontecimentos históricos reflete a concepção tradicional de história que Cascudo em determinado momento possuía⁴². Ele acreditava que os documentos forneceriam aos historiadores o suficiente para conhecer o passado e revivê-lo. Mesmo concebendo essas fontes como espaços neutros e puros, por volta da década de 1970, ele operou uma “[...] escrita da história interessada e endereçada ao futuro” (COSTA, 2011, p.11) de modo que futuros historiadores encontrassem nos escritos de Cascudo o seu ponto de partida.

Parte de sua trajetória intelectual é dedicada à publicação de obras relacionadas à história de regiões como o Rio Grande do Norte e, especificamente, Natal. O despertar

⁴¹ O magistério não teria sido uma escolha natural, teria ocorrido por necessidade. Apesar dos escritos biográficos afirmarem que o seu ingresso no Atheneu Norte-rio-grandense ocorreu por meio de concurso Gomes sugere que ele teria contado com o apoio político para ocupar tal cargo. (GOMES, 2009).

⁴² Não se pode afirmar que Cascudo possuía apenas uma visão histórica tradicionalista, já que não há só uma escola teórica que ele siga. Em suas obras históricas temos abordagens de diferentes perspectivas, ele “[...] mesclou concepções de história que vão desde a Antiguidade Clássica, como as concepções de Heródoto, até a moderna” (COSTA, 2011, p.02).

do Cascudo historiador remete ao ano de 1924 quando publica a obra *Histórias que o tempo leva... da história do Rio Grande do Norte* voltada para a discussão de eventos ocorridos no Rio Grande do Norte, buscando evitar o esquecimento desses e a construção de uma memória cidadina. A partir disso o escritor passa a ser identificado como o *historiador oficial de Natal*⁴³, visto que sob o governo de Sylvio Piza Pedroza⁴⁴ ele assume uma espécie de missão intelectual, sendo constantemente “[...] chamado a participar de solenidades públicas ligadas a eventos pretéritos, a contribuir com as ações culturais desenvolvidas pela Prefeitura e, principalmente, a produzir conhecimento histórico acerca da cidade de Natal” (NETO, 2013, p.75).

Só no final da década de 1940 quando passa a ser reconhecido por seus escritos históricos, Cascudo é reconhecido por outros intelectuais que se dedicavam a esse tipo de publicação bem como pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), resultando, em 1948, na sua nomeação para o cargo oficial de historiador da cidade, quando lhe foi atribuído o título de “guardião do nosso passado”⁴⁵. Contudo, a admissão de Câmara Cascudo nos Institutos Históricos remete à década de 1920, quando iniciou sua participação no Instituto Histórico do Ceará. Nesse contexto, o ingresso nesses espaços significou uma distinção intelectual, ou seja, possibilitou a sua diferenciação dos demais historiadores, já que os historiadores inseridos nesse ambiente seriam representados em solenidades e estariam contribuindo para a produção histórica.

Os sócios compactuavam com a noção de história dessas entidades, isto é, vislumbravam o passado da mesma forma e com isso produziam uma escrita concordante e autorizada. Assim, “[...] para Câmara Cascudo, vincular-se a essas instituições representava um espaço para expressar seu ponto de vista voltado à **evocação de figuras da velha memória, restituindo-as ao conhecimento e à admiração públicas**” (grifo nosso) (NETO, 2013, p. 80).

É a partir da publicação de sua obra sobre Lourival Açucena⁴⁶ que o historiador passa a se dedicar à confecção de obras biográficas que destacam personagens históricas

⁴³ O então prefeito da cidade é responsável por incentivar a criação do cargo de “historiador oficial de Natal” e concedê-lo a Câmara Cascudo em 25 de dezembro de 1948, data de fundação da cidade. Tal função foi fruto da participação de Sylvio Pedroza no *III Congresso Histórico Municipal Interamericano*, no qual concluíram que tal movimento funcionaria como incentivo a produção de conhecimento histórico em todas as cidades.

⁴⁴ Foi prefeito de Natal entre 1946 e 1951, e governador do estado do Rio Grande do Norte entre 16 de julho de 1951 e 31 de janeiro de 1956.

⁴⁵ Cascudo era constantemente associado ao termo “guardião”, a obra organizada por Isaura Rosado (2004) resultante das comemorações do centenário do nascimento desse escritor potiguar tem como título: *Cascudo: guardião de nossas tradições*.

⁴⁶ Lourival Açucena é apresentado como o primeiro poeta do Rio Grande do Norte.

como Solano López, Conde d’Eu, Marquês de Olinda e outros sujeitos considerados por ele dignos de constarem entre os merecedores da admiração pública, como o trecho destacado indica, figuras que não devem ser esquecidas e que devem gozar de certo prestígio social.

Sua inserção no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte possibilitou não só que seus escritos históricos fossem reconhecidos e tivessem uma circulação mais ampla, mas, também, que periódicos para os quais escrevia crônicas destacassem sua produção possibilitando seu reconhecimento.

A coluna *Acta Diurna*⁴⁷ vinculada ao jornal natalense *A República* passa a divulgar a concepção histórica de Cascudo, remetendo ao cotidiano daquela cidade e destacando aspectos concordantes com sua concepção histórica, grande parte dos textos produzidos são direcionados a reflexões em torno do incômodo que a passagem do tempo sugeria pra o pesquisador.

Como destaca o historiador Sales Neto (2013), é interessante notar que os textos históricos de Cascudo publicados na coluna *Acta Diurna* suscitavam a construção do que ele chama de “Instituto Histórico à parte”, isto é, a produção de um espaço para divulgação de seus escritos que por vezes alcançavam uma repercussão maior do que aqueles disseminados pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, “[...] pois seus textos saíram de um círculo erudito e ganharam as páginas de jornais de vasta circulação comercial” (NETO, 2013, p.89).

A propagação de seus escritos auxiliaram na construção de sua imagem enquanto intelectual de Natal, responsável pela construção de uma memória acerca do passado dessa cidade bem como possibilitaram o início de sua *monumentalização*, visto que cada vez mais passou a ser associado a esse espaço. A identificação partia do próprio escritor que chegou a afirmar ao *Diário de Natal* em 1984 que cidades como Recife, Fortaleza e João Pessoa não tinham história, diferente de Natal, “a história da cidade do Natal, que eu escrevi, lá está a minha cidade evocada por mim, que aqui nasci” (CASCUDO, 1984).⁴⁸

Os escritos históricos de Câmara Cascudo passaram a definir não só a forma como ele vislumbrava o conhecimento histórico e outros conceitos, mas, também, a validar quais acontecimentos e sujeitos eram dignos de rememoração, além de

⁴⁷ Grande parte dos textos produzidos por Cascudo para a publicação nessa e em outras colunas de periódicos iriam constituir suas obras posteriores.

⁴⁸ [Sem entrevistador]. Id., Entrevista. Série: Luís da Câmara Cascudo. Natal: Diário de Natal, 1984. Acervo Diário de Natal, Natal – Rio Grande do Norte.

estabelecer como a cidade de Natal⁴⁹ se constituía enquanto espaço, buscando a preservação de algo frente a introdução de elementos modernos.

A produção historiográfica de Cascudo permite identificar o diálogo que ele estabelece com o campo da memória, relação que atravessa toda sua obra e que nos escritos históricos aparece como a formação de uma memória coletiva.

A historiadora Mariana Giardini Beti ao analisar os escritos históricos produzidos por Câmara Cascudo os classifica em cinco categorias. Primeiramente aqueles que apresentam uma discussão mais ampla, abarcando uma história do Brasil, seguido pelos que enfatizam uma história local e regional, isto é, os que contemplam o Rio Grande do Norte e Natal. Em terceiro lugar a sua produção é direcionada à evocação de figuras ilustres em nível local e nacional, posteriormente o diálogo com o campo da História aparece em suas obras de cunho memorialístico e, por fim, na sua produção de estudos etnográficos que apresentariam uma espécie de micro-história.

Entre as reflexões que Cascudo estabelece em seus escritos históricos podemos identificar sua preocupação com a natureza do conhecimento histórico, as funções dos documentos e o próprio ofício do historiador. Acerca de sua posição histórica Cascudo parece assumir, em alguns momentos, um diálogo com o historicismo⁵⁰, visto que como essa tendência ele defendia um mundo conservador e aristocrata. Sendo assim

influenciado pelo historicismo, a narrativa historiográfica cascudiana pertence a um regime de historicidade que toma o passado a partir de uma visão romântica e idílica, conferindo aos sujeitos históricos ares de heróis e aos acontecimentos em tons épicos, destinando à história um sentido, uma função para vida. Um passado real que poderia ser resgatado, rememorado, transmitido (COSTA, 2012, p.347).

Trata-se de uma narrativa histórica que se afasta de uma concepção didática se aproximando da noção de que a escrita desse indivíduo é o único caminho para o verdadeiro conhecimento. Mesmo considerando que o ofício do historiador se distancia da atribuição de juízos e da consequente interpretação dos fatos, Cascudo exerce uma escrita que acaba por se desviar desse ideal.

Além de sua aproximação com o historicismo Cascudo assemelha-se com o que Heródoto entedia por conhecimento histórico, ou seja, a ênfase no papel do relato para a

⁴⁹ É necessário destacar que o título de historiador oficial ocupado por Cascudo não remetia apenas a cidade de Natal, mas ao Rio Grande do Norte, lançando entre outras obras *História do Rio Grande do Norte*.

⁵⁰ Tendência historiográfica surgida na Alemanha entre os séculos XVIII e XIX, tendo como características principais um posicionamento conservador e reacionário.

conservação de acontecimentos humanos. Considera ainda que é inerente a humanidade o desejo de registrar os próprios atos e buscar respaldá-los com o manto da eternidade. Para a concepção cascudiana nem todos os fatos são dignos de serem memorizáveis,

[...] é por causa disso que quando escreve a história do Rio Grande do Norte, da cidade de Natal e de Mossoró os acontecimentos narrados são os eventos políticos, como: as invasões estrangeiras, as administrações locais, os nomes dos fundadores da cidade, as revoluções, a independência, a abolição, a república..., pois são eles que são dignos de serem registrados e trazidos a memória, uma vez que são conduzidos pelas ações dos sujeitos, ou heróis, membros da aristocracia [...] (COSTA, 2012, p.351).

Ainda é possível identificar a sua aproximação com a concepção rankeana acerca da natureza dos documentos históricos, isto é, eles teriam como função principal comprovar e legitimar a narrativa que apresentam. Cascudo, assim como outros sujeitos, se dedica a produção de conhecimento histórico a partir da documentação oficial a exemplo de relatórios de província, processos administrativos e outros.

Considerando que Cascudo vislumbra o documento histórico como uma possibilidade de reviver acontecimentos e homens do passado, é possível afirmar que o literato identifica o arquivo como um espaço imune às interferências humanas, distante de qualquer tentativa de torná-lo interessado e conseqüentemente impuro.

A atribuição do cargo de historiador oficial de Natal, em 1948, bem como a publicação de inúmeras obras de cunho historiográfico, sugerem um maior diálogo de Cascudo com o campo da História nesse período, porém tal perspectiva já vinha se modificando. A fundação da Sociedade Brasileira de Folclore em 1941 e a publicação de obras que destacam sua aproximação com os estudos etnográficos e folclóricos possibilitam enxergar um intelectual imerso no debate em torno de elementos pertencentes ao que ele denomina de cultura popular.

Debate que surge no início do século XX e que tem seu despertar a partir da publicação de obras que versam sobre o espaço sertanejo. Considerando isso, buscamos no próximo capítulo analisar como tal diálogo é estabelecido, refletindo acerca da realização de uma identificação dos elementos que compõe a cultura popular sertaneja e como esse processo aparece na escrita cascudiana a partir de suas experiências pessoais, das aproximações teóricas e da construção de seu lugar como erudito.

3. CAPÍTULO 02: “[...] AS ÁGUAS PARALELAS, SOLITÁRIAS E PODEROSAS DA MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO POPULAR”: O SERTÃO COMO ESPAÇO DE ANÁLISE DO ELEMENTO POPULAR

3.1 “Pensava que eu tinha sido levado à cultura popular pela erudição. Mentira. A cultura popular é que me levou a esta”: erudição e cultura popular na produção cascudiana.

No dia 30 de dezembro de 1898, às 17 horas e 30 minutos, antes da noite chegar, na residência de uma tradicional família natalense, localizada na Rua Senador José Bonifácio, 212, nasce Luís da Câmara Cascudo, trazido ao mundo pelas mãos da parteira Bernardina Nery por uma quantia de dez mil réis. Filho caçula de um casal que já tinha perdido dois filhos antes do nascimento e outro pouco tempo depois de nascido, seu nascimento foi repleto de preocupações, apreensão que acompanharia toda sua infância.

Cascudo nasceu no momento de transição entre o século XIX e o XX, contexto marcado por transformações e pela efervescência do período denominado de “modernidade”, que viria a provocar grandes rupturas na sociedade desse momento histórico. Influenciada por valores que provinham de países industrializados, essa condição moderna modificava comportamentos sociais, esquemas econômicos e políticos e alterava a paisagem brasileira. Alterações que acompanhariam o escritor potiguar em sua trajetória pessoal e seriam refletidas em suas produções.

Nesse contexto, o cenário rural do norte⁵¹ passou a se constituir com a presença de elementos ‘intrusos’, como as usinas que vinham a substituir os engenhos, até então símbolos daquela sociedade eminentemente elitizada, aristocrática e proprietária de terras e escravos. É nesse modelo de família patriarcal que Câmara Cascudo⁵² possui

⁵¹ Para Durval Muniz a ideia de “Nordeste” só surgiu a partir do início do século XX proveniente de inúmeros discursos que respaldaram a sua “invenção”. Até então essa região era denominada de “norte” e seus habitantes “nortistas”. Cf. ALBUQUERQUE, JR. (2009)

⁵² O “sobrenome” Cascudo refere-se a devoção ao Partido Conservador que o avô paterno de Luís da Câmara, Antônio Justino de Oliveira possuía. Cf. CASCUDO. (2008)

suas raízes. Proveniente do interior norte-rio-grandense, seu avô materno era um fazendeiro de poderio econômico elevado e o avô paterno era integrante do Partido Conservador que, entre outros projetos, defendia políticas que não afetassem seus privilégios enquanto elite local.

Com a decadência desse modelo de sociedade, os descendentes dessas famílias perceberam que a rede de relações sociais construídas no período anterior e o prestígio familiar que possuíam poderiam lhes conceder benefícios como a manutenção de bens e a concessão de empregos públicos. Essa foi a alternativa encontrada por Francisco Cascudo, pai de Luís da Câmara e inúmeros outros indivíduos pertencentes a famílias aristocráticas. O patriarca da família Cascudo se tornou chefe de polícia no interior do Rio Grande do Norte, sendo posteriormente transferido para Natal, cidade onde Câmara Cascudo nasceu. Em 1900 é exonerado da Guarda Nacional, tornando-se um comerciante na capital norte-rio-grandense. (GOMES, 2009)

A imagem construída para Francisco Justino de Oliveira Cascudo nas biografias relacionadas a Câmara Cascudo e nas suas autobiografias, é a de um homem envolvido politicamente⁵³, de prestígio social⁵⁴ e importância econômica. Nascido em Campo Grande⁵⁵, interior do Rio Grande do Norte, em 1863, ele é para Cascudo um símbolo de autoridade e respeito. Sobre o pai afirma:

Alto, robusto, de proporções harmoniosas quando moço, pele clara e fina, fisionomia tranquila de energia e mando, avivada pelo fulgor imperioso dos olhos azuis [...] A comprovada coragem pessoal era famosa e lembrada na memória dos sertões⁵⁶. [...] Com ele desapareceu uma das tradições legítimas da cidade, bom humor, altivez, hospitalidade, abundância de coração” (CASCUDO, 2008, p. 45-46).

A imagem do pai se aproxima da do filho ao apresentá-lo como um sujeito simpático pertencente a um extenso círculo de amizade que o favoreceria posteriormente, a exemplo das promoções sociais para os cargos de coronel e delegado.

⁵³ Foi eleito deputado estadual e executou o mandato no período de 1918 a 1923.

⁵⁴ Cascudo afirma que durante mais de duas décadas todas as iniciativas úteis a cidade de Natal tiveram colaboração de seu pai. (CASCUDO, 2008)

⁵⁵ Atual cidade Augusto Severo no Rio Grande do Norte.

⁵⁶ O coronel Francisco Cascudo era conhecido pelas viagens que empreendeu no sertão norte-rio-grandense em busca de cangaceiros como Pilão Deitado, Ventania, Cocada e Antônio Moita Brava.

Contexto que Cascudo esteve inserido desde a infância e que posteriormente também viria a usufruir de tais benefícios⁵⁷.

A figura do pai é associada a do típico chefe de família e consequentemente provedor, é associada a ele a formação intelectual de Cascudo, apresentado como grande incentivador de seu desenvolvimento pelo mundo das letras, por intermédio dele

[...] Cascudo começou a adquirir os primeiros livros de sua biblioteca. Alguns foram selecionados por ele mesmo, outros foram indicados por seus mestres e amigos. Os primeiros ocupantes da *Babilônia*⁵⁸ foram, em sua maioria, trazidos de fora do Estado e do país, tendo em vista a facilidade que seu pai, o Coronel, tinha em mandar buscá-los no exterior (LIMA, 2009, p.36).

Francisco Cascudo mesmo quando enfrentou problemas financeiros a partir da década de 1930⁵⁹ não deixou de ser símbolo de respeito e prestígio social, nesse contexto, “para resolver seus problemas, o Senhor Cascudo hipotecou seus bens e não pôde salvar sua dívida que foi executada. **Enquanto isso, sua esposa perdia as jóias e assistia ao declínio da família [...]**” (grifo nosso) (GOMES, 2009, p.189).

O trecho destacado exemplifica a imagem que é atribuída para Ana da Câmara Cascudo, sua mãe, em seus escritos. Essa, nos raros momentos em que é citada nos escritos biográficos e autobiográficos, é apresentada a partir da figura “[...] da mãe, a mulher bondosa, religiosa, recatada ao lar, simples, carinhosa, obediente, conformada com seu lugar (cozinha, igreja, criança e roupa).” (GOMES, 2009, p.192).

Ana Cascudo nasceu em 1871 no município de Triunfo, e é apresentada como “[...] mulher de sua casa, a família, o jardim, os pássaros, os quatro K da esposa alemã, cozinha, igreja, criança e roupa [...] No declínio econômico do marido, não murmurou queixas nem fazia confidências. Desfez-se de quase todas as joias para ajudá-lo [...]” (CASCUDO, 2008, p.47). A imagem associada a ela viria a influenciar posteriormente a construção da representação feminina nas suas obras bem como os relatos acerca de sua

⁵⁷ Foi devido a importância de seu pai junto com o patrimônio adquirido por ele que é fundado o jornal *A Imprensa*, no qual Cascudo publica seus primeiros escritos.

⁵⁸ A *Babilônia* era como Cascudo chamava sua biblioteca particular considerada por ele como um espaço sagrado.

⁵⁹ É interessante observar que a política exercida por Getúlio Vargas tanto proporcionou benefícios para Câmara Cascudo como o financiamento de viagens de cunho etnográfico quando acarretou em medidas que prejudicaram sua família, a exemplo da perda de apoio político local para seu pai o que acentuou a crise financeira e acarretou a falência.

esposa, reservando para as mulheres o espaço que a sua figura materna ocupara. Consequentemente,

o sujeito feminino, gestado na produção discursiva de Câmara Cascudo, será elaborado a partir das imagens cristalizadas de mulheres em relação ao casamento e à maternidade, estando sempre inseridas no interior da família sob o julgo do patriarca ou de um outro homem de seu clã. (OLIVEIRA, 2005, p.02)

As palavras que pronuncia no momento da chegada da morte destacam não só a dor física que esse momento lhe causava, mas também a referência a Dália Freire Cascudo, companheira que esteve presente em grande parte de sua trajetória, mesclando o privado e o público. Nos momentos em que se remete à esposa, Cascudo ressalta a paixão que sentia por ela, amor iniciado na juventude quando ele tinha 27 anos e já estava inserido no mundo das letras e ela com 16 anos pertencia a uma família abastada do Rio Grande do Norte.

O casamento ocorreu em 1929, período tenso para a família Cascudo que se encontrava próxima da falência, sua esposa, assim como sua mãe, é apresentada em seus escritos como a companheira ideal que lhe apoiaria num momento de crise permitindo que ele se consolidasse enquanto intelectual, funcionando como uma espécie de inspiração pro seu trabalho.

Comportamento devotado ao marido que ela assumiria e fazia questão de enfatizar semelhante à conduta de outras mulheres de homens públicos. Em depoimento ela afirma:

Eu acho como esposa de escritor, que ela precisa se doar e, também, ter muito de renúncia. Eu conto isso pelo fato meu próprio. Era recém casado, não, mas de algum tempo de casado, já tinha filhos e muitas vezes tentei, desejei que ele me acompanhasse. Nós tínhamos um horário muito diferente, é claro, porque ele trabalhava até quase ao amanhecer. Trocava, muitas vezes, a noite pelo dia, quer dizer, amanhecia trabalhando em sua biblioteca. Uma noite, já mais para a madrugada mesmo do que para a noite, eu já estava agasalhada, mas era uma noite chuvosa, vamos dizer, na intimidade, gostosa. Eu levantei-me, fui até a porta de sua biblioteca que era velada por uma cortina, não deixei que ele me visse, apenas eu abri, entreabri a cortina, e ele estava absorvido totalmente. Eu senti que naquele momento era o escritor, e não o homem. Se eu o

chamasse naquele momento, não encontraria o homem, nem o marido, e sim o escritor (CASCUDO, s.d.).⁶⁰

As imagens atribuídas a sua mãe e a sua esposa condizem com o pensamento conservador de Cascudo, que relega às mulheres a atuação no campo privado. Nesse sentido o lugar ocupado por essas seria o “[...] da passividade diante da situação, sem questionar o fracasso do marido, ou mesmo fazer qualquer intervenção [...]” (GOMES, 2009, p.192). Essas são apresentadas como acompanhantes de seus maridos e filhos, ou seja, das figuras masculinas. Como exemplo pode-se citar a participação de sua mãe nas viagens que empreendia quando criança para o sertão norte-rio-grandense e paraibano a fim de combater problemas de saúde.

A infância de Cascudo foi um período conturbado do ponto de vista pessoal, já que em consequência da morte de seus três irmãos ele foi criado com proteção extrema numa tentativa de combater doenças comuns da época como a difteria, por isso foi privado do convívio com outras crianças e cercado de segurança. Criança solitária que por isso afirma não ter

[...] recordações de infância, nunca corri, nunca subi uma árvore, nunca brinquei livremente, passava a vida sentado vendo figuras e os jogos parados. Não tive companheiros de infância, decorrentemente, para meu destino, já a minha meninice, a minha infância, foi uma infância de livros, de ver figura e ver a paisagem que se transformou numa paisagem humana, **e aí começa o mistério da vocação.** Sempre amei as histórias contadas pelas amas e pelos espetáculos populares: a feira, o mercado, as procissões. Sempre amei o cotidiano e não o excepcional, e decorrentemente, os meus livros vêm dessa paixão pelo normal e pelo cotidiano. (grifo nosso) (CASCUDO, s.d.)

⁶¹

O trecho grifado destaca que em relação a sua formação intelectual o período é apontado por muitos pesquisadores como um momento decisivo na escrita que viria a realizar posteriormente, visto que por meio das viagens que empreendeu para o sertão passou a ter contato com personagens que protagonizariam seus escritos posteriores, além do vasto conhecimento/experiência adquirido acerca da cultura popular sertaneja que culminaria em obras de grande relevância. Estudiosos das obras cascudianas

⁶⁰ CASCUDO, Dahlia Freire. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm> acesso em 14 de junho de 2016.

⁶¹ CASCUDO, Luís da Câmara. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm> acesso em 14 de junho de 2016.

alertam sobre a importância das viagens que empreendeu para a concretização de suas pesquisas posteriores. À vista disso

o tempo que passou no campo marcou sua vida e é registrado, nos prefácios e biografias, como a época áurea e inspiradora de suas obras. Essa época é retratada em diversas obras e assume um caráter definidor quando ele pensa a cultura, pois sempre parte desse mundo de sua lembrança de infância. (GOMES, 2009, p.195).

Infância triste, em oposição ao “brasileiro feliz”⁶² que viria a se formar posteriormente. Momento conturbado que é apresentado como decisivo na trajetória intelectual de Câmara Cascudo, momento solitário que o enveredou pelo mundo da leitura. A imagem desse sujeito é construída “[...] a partir da figura de erudito, do homem voltado para os livros e as letras desde a infância, quando ao invés de brincar como as outras crianças, voltava-se para a leitura de revistas, de álbuns de gravuras e de viagens [...]” (COSTA, 2011).

Prática de leitura que, como já mencionamos, foi incentivada pelos pais, sobretudo pelo Coronel Francisco Cascudo que construiu uma biblioteca para Cascudinho, demonstrando o poder aquisitivo daquela família. A biblioteca era formada por livros raros importados da Europa, revistas *Tico e Tico* e outras publicações que logo passaram a fazer parte das madrugadas de leitura do pequeno Cascudo.

Mesmo quando viajava para o sertão e tinha a possibilidade de conviver com outras crianças, Cascudo continuava imerso no mundo das letras, agora por intermédio das histórias infantis contadas pelas amas, as vozes dessas “[...] subiam, de força mágica, abrindo as cavernas miríficas de dragões, princesas, cavaleiros valentes, animais falando, findando em casamento e presente de doces que a narradora perderia, escorregando e caindo” (CASCUDO, 2008, p.50).

A menção constante ao mundo rural, ao período que passou no sertão é apontada pelo historiador Albuquerque Jr. (2013) como um elemento recorrente nos estudiosos que se dedicaram a análise de elementos folclóricos, são homens “[...] urbanizados, homens da cidade, que transportam para ela as reminiscências, as memórias, as matérias e formas de expressão que muitas vezes conheceram *in loco* no mundo rural” (ALBUQUERQUE JR, 2013, p.225).

⁶² “Cascudo era feliz por trabalhar com prazer, feliz com o resultado do seu esforço, feliz por gostar das pessoas, feliz por ser professor. Feliz porque amava imensamente a vida, que celebrava nos bares e pensões alegres da Ribeira.” (LIMA, 1998, p.12).

São as referências ao período vivenciado nesse espaço que constituem para tais intelectuais argumentos de veracidade, que legitimam o texto, pois são apresentados como testemunhos afastando-se da noção de imaginação que tanto criticam. No caso de Câmara Cascudo, a referência a vivência no meio rural atende

[...] a uma dupla estratégia: o legitima como autor, como etnógrafo, por ser alguém que documenta uma época da qual fez parte e garante a própria autenticidade, a própria originalidade do material que reproduz por ter colhido direto da fonte, ou seja, no sertão e com os sertanejos, e diretamente em um tempo anterior ao das cidades (ALBUQUERQUE JR. 2013, p.230).

O cenário de sua infância é o sertão mágico, não corrompido, sendo representado pelo passado, pela infância, por um tempo mítico que não volta mais. A identificação com os elementos populares também é associada a esse espaço. Para o intelectual potiguar a experiência vivenciada nesse ambiente é anterior ao seu contato com os registros folclóricos. Sobre isso afirma

Depois de relativamente alfabetizado, adoeci da moléstia livresca [...] Foi então que comecei a encontrar nos livros, como coisas distantes e antiquíssimas, quanto vira e vivera no Sertão e na velha Natal. [...] Com essas reminiscências quero explicar que não encontrei o folclore nos livros e nas viagens. Não o estudei depois de vê-lo valorizado pelo registo. Encontrava nele as estórias de meu Pai, de minha Mãe, da velha Bibi, dos pescadores, rendeiras e cantadores, familiares (CASCUDO, 1967, p. 248)⁶³

Se o seu nascimento é marcado pela transição entre dois séculos e consequentemente pelas transformações que isso acarreta, o início de sua vida intelectual ocorre em um momento que para Araújo (2006) é marcado justamente por essa interação e/ou contradição entre o passado e o presente.

O ano de 1918 é enfatizado como marco inicial de sua carreira, quando da publicação de uma crônica no jornal *A Imprensa*, periódico fundado por seu pai em oposição aos oficiais *Diário de Natal* e *A República*. O texto fazia parte de um coluna intitulada *Bric-à-Brac*, na qual Câmara Cascudo tecia críticas literárias a autores nacionais e internacionais⁶⁴. Apesar de noticiar fatos locais, regionais, nacionais e

⁶³ CASCUDO, Luis da Câmara. (1967).

⁶⁴ Posteriormente, em 1921, Cascudo escreve o livro *Alma Patrícia* que se refere a um autor natalense, o que para Oliveira (1999) evidencia a importância de tal obra por ser pioneira, já que no início do século XX várias cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e a própria Natal viviam uma espécie de *Belle Époque* tardia, período de “afrancesamento” dos costumes, leituras e pensamentos. Consequentemente, “Cascudo,

internacionais tal periódico é apontado como destinado “[...] quase que exclusivamente, para saciar a veia artística e intelectual e cultural de Cascudinho e seus companheiros” (LIMA, 2009, p.35).

A partir da fundação desse jornal ele inicia seu período de atuação como jornalista, desse modo “[...] com dezessete anos eu era repórter. O hábito, a vida de repórter, junto as leituras de movimento, fizeram de mim a curiosidade viva pelo povo, ouvindo, anotar e divulgar. **Fui pois, um bom repórter, decorrentemente, um etnógrafo [...]**” (grifo nosso) (CASCUDO, s.d.)⁶⁵. Consequentemente,

Quase todo dia, às duas da tarde, ele saía de casa, de paletó, gravata, chapéu e charutão no bico, sozinho em direção à ribeira... certo dia eu o segui... (Cascudo) entrou num barzinho vagabundo... estava sentado na cabeceira de uma mesa ao lado de uma garçonete e do outro estava um motorista da praça, todos os três tomando cerveja. Eu disse: “Mestre você está fazendo o quê?” Ele disse: “Não está vendo meu filho, estudando costumes” (CASCUDO, s.d.)⁶⁶

O ofício de repórter identificou Cascudo como boêmio⁶⁷, já que passa a frequentar becos, botecos e zonas, tendo contato com prostitutas, amantes e bêbados, buscando capturar informações que iriam compor as publicações de sua coluna jornalística.

É nessa perspectiva que ele atribui ao seu exercício como repórter a responsabilidade de sua posterior atuação no campo etnográfico. O cotidiano natalense era registrado nas crônicas jornalísticas que posteriormente viriam a constituir a essência de seus livros.

Francisco Ivo (1967)⁶⁸ associa sua atuação como jornalista com o início do reconhecimento dos escritos cascudianos no âmbito nacional, prestígio que seria

morando numa cidade pequena do Nordeste, embora estudasse autores europeus, não se deixou influenciar por tais costumes, que alcançavam até a maneira afrancesada de vestir, ainda que vivêssemos nos trópicos.” (OLIVEIRA, 1999, p.35).

⁶⁵CASCUDO, Luís da Câmara. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm> acesso em 06 de julho de 2016.

⁶⁶CASCUDO, Anna Maria. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm> acesso em 13 de maio de 2016.

⁶⁷ Cascudo era tido como um boêmio confesso que frequentou as ruas da Ribeira convivendo com amigos e populares. Na juventude o *Príncipe do Tirol* como era conhecido participou de saraus com seu pai e intelectuais daquele período que chegavam a dura três noites, posteriormente ele passou a comandar essas atividades boêmias.

⁶⁸ CAVALCANTI, Francisco Ivo. In: CASCUDO, Luís da Câmara. O tempo e eu. Natal: EDUFN, 2008, p. 21.

intensificado posteriormente quando se dedica à produção de obras que abarcam questões históricas, folclóricas, políticas e memorialísticas.

A aproximação de Cascudo com o campo da cultura popular remete ao período no qual sujeitos que analisam tais manifestações se constituem como profissionais que transitam por diferentes campos do saber, se associando a imagem de um erudito. Bem como alude ao debate que pesquisadores do elemento popular travaram nesse período, remetendo à afirmação constante do caráter científico de seus estudos e do seu objeto de pesquisa.

Nessa perspectiva, tornaram-se necessárias as alianças desses intelectuais com elites políticas e econômicas que possibilitariam a execução e visibilidade de tais pesquisas. Consequentemente, “o mecenato, a dependência imediata em relação às elites políticas e econômicas, é uma característica da vida dos eruditos, contra a qual lutarão os intelectuais, reivindicando a autonomia universitária e de suas profissões” (ALBUQUERQUE JR. 2013, p.127).

O início do diálogo cascudiano com esse campo de estudo remete ao começo do século XX, período no qual se identifica uma terceira fase das pesquisas sobre a cultura popular⁶⁹. Essa remeteria a uma preocupação científica que modificaria a forma como os pesquisadores tratariam o material coletado, eles não seriam adulterados, seriam meras reproduções, isto é, copiados fielmente. Cascudo ao se identificar como um representante dessa fase se apresenta como aquele “[...] que tornou científica a atividade do folclore⁷⁰, entre nós, e que deu à cultura popular, e à cultura popular nordestina em particular, a condição de objeto digno de ciência [...]” (ALBUQUERQUE JR, 2013, p.131).

Consideramos que Cascudo ao produzir obras folclóricas está diretamente relacionado a duas noções. Primeiramente a de esquecimento, visto que essa se apresenta como justificção para a pesquisa, pois “o folclorista ou estudioso da cultura popular seria aquele que superaria este esquecimento e traria para a consciência do homem do presente esta temporalidade olvidada que o habitaria e o constituiria na forma de hábitos, costumes, crenças, valores, lendas, superstições, etc.” (ALBUQUERQUE JR. 2013, p.175). Se a concepção de história de Cascudo o colocava

⁶⁹ Para o intelectual potiguar as fases anteriores remeteriam a classificações rudimentares que se distanciariam de uma cópia fiel de tais manifestações populares, entre os representantes dessas fases são citados Leonardo Mota e Silvio Romero.

⁷⁰ Cascudo por um longo período não simpatizava com o uso do termo “folclore”, acreditava que esse era empregado com um sentido limitado, por isso se identificava como um estudioso da tradição.

como elo entre passado e presente seus escritos etnográficos permitiram que se apresentasse como “salvador do povo” e intermediário do mundo culto e popular, científico e tradicional.

Por fim, a noção de seleção ideológica e moral⁷¹, que se aproxima da sua concepção de escrita da História, pois assim como os fatos a serem narrados devem ser escolhidos na pesquisa folclórica nem tudo que a camada popular diz e/ou faz seria digno de ser classificado como folclore.

As primeiras publicações de Cascudo que remetem para o universo da cultura popular são as obras *Viajando o sertão* (1934) e *Vaqueiros e cantadores* (1939), ambas destinadas ao estudo de aspectos encontrados por ele no sertão norte-rio-grandense e paraibano por ocasião das viagens empreendidas durante sua infância e junto à comitiva do Interventor federal nesse estado, Mário Câmara, designado por Getúlio Vargas⁷².

Sendo essa última obra fruto de um processo que remete ao início do século XX, período no qual se promoviam incentivos para conhecer as particularidades do país, atendendo ao que Albuquerque Jr. (2009) chama de “curiosidade nacionalista”. Tratava-se da visita de especialistas a áreas do Nordeste que a partir disso produziam suas impressões sobre esse espaço em notas de viagem publicadas em periódicos ou em crônicas que retratavam o período de visita desses oficiais como Câmara Cascudo o fez. Esse processo acaba por “tomar seus ‘costumes’ como os costumes nacionais e tomar os costumes das outras áreas como regionais, como estranhos” (ALBUQUERQUE JR. 2009, p.54). Movimento que acaba por instituir práticas generalizadas para todos os habitantes de determinada região e tidas como representantes daquela área geográfica.

Tais obras eram provenientes das inúmeras pesquisas que faziam, sobretudo das de cunho etnográfico. Viajavam não só pelo Brasil, mas também a países de outros continentes como Europa e África. Nesses, frequentavam-se espaços nos quais se podia ter contato com as mais variadas manifestações populares, obtendo material riquíssimo para seus escritos por meio das práticas alimentares, das danças e festas típicas, das vestimentas, dos gestos, das cantorias ou dos mitos e lendas. Cascudo, ao trabalhar com esse tipo de pesquisa, se encantava com objetos, costumes e indivíduos considerados naquela época como subversivos e imorais.

⁷¹ As manifestações populares devem ser adequadas a certos códigos de valores de forma que não sejam consideradas perigosas (ALBUQUERQUE JR, 2013).

⁷² Esse interventor assim como tantos outros que surgiram nesse período são resultados do governo de Getúlio Vargas, que a partir da década de 1930 tenta por intermédio da instituição desses cargos e de outras ações estabelecer ligações entre o poder central e o poder local de modo que esse último esteja subordinado e tenha sua atuação delimitada pelo primeiro.

Essa inserção de Cascudo no ambiente de pesquisa remete a sua atuação não só enquanto estudioso da cultura popular, mas também as outras “carreiras” que exerceu, entre elas a de jornalista. Podemos afirmar que a sua aproximação com seu objeto de estudo, isto é, as práticas culturais encontradas no sertão ou com os acontecimentos policiais das ruas de Natal, ressalta que o trabalho desse intelectual é respaldado no que o atual campo antropológico⁷³ tanto valoriza a vivência.

A aproximação da escrita de Cascudo com uma pesquisa etnográfica pode ser analisada também como fruto da influência exercida por intelectuais com quem manteve correspondência por alguns anos, a exemplo de Mário de Andrade e Monteiro Lobato. Ambos, de forma diferente, destacavam nos diálogos com o estudioso potiguar a necessidade de conhecer as coisas próprias do Brasil, preocupados em ressaltar em suas produções elementos que representassem a cultura popular brasileira.

A análise de tais correspondências retrata a importância dessas para a construção de suas relações pessoais e acadêmicas, sendo o processo semelhante àquele que empreende quando se volta para a escrita de suas autobiografias, visto que a escrita de cartas exerce o papel de exposição daquele que escreve e estabelece uma espécie de pacto de sinceridade.

Como destaca a pesquisadora Vânia Gico (1998), no caso desse intelectual potiguar, a troca de cartas com outros sujeitos, sobretudo estudiosos de elementos populares, funcionava como uma espécie de transferência de dados, mantendo um convívio que é

fundamental para o desenvolvimento de ideias e sensibilidades. Para escrever, pintar, compor, etc., o intelectual precisa estar envolvido em um circuito de sociabilidade que, ao mesmo tempo, o situe no mundo cultural e lhe permita interpretar o mundo político e social de seu tempo. Por isso, afirma-se que não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade e sim, ao contrário, a participação numa rede de contatos é que demarca a específica inserção do intelectual num mundo cultural. Intelectuais são, portanto, homens cuja produção é sempre influenciada pela participação em associações, mais ou menos formais, e em uma série de outros grupos, que se salientam por práticas culturais de oralidade e/ou escrita (GOMES, 2004, p.51).

⁷³ As pesquisas etnográficas que Cascudo realizou para a confecção de obras tais como: *Rede-de-dormir* (1959), *História da Alimentação no Brasil* (1967) e *A História de nossos gestos* (1976), evidenciam o uso desse estudioso de diferentes concepções teóricas.

A troca de cartas e as visitas constantes de cidadãos como presidentes da República, literatos, governadores do Estado, acadêmicos e prefeitos de cidades, destacam que Cascudo mantinha uma rede de sociabilidade extensa que abrangia não só esses sujeitos ilustres, mas também o “povo” mencionado no seu velório. E é, sobretudo, com os últimos que para além de laços afetivos ele vislumbra possibilidades de estudos etnográficos que viriam a constituir algumas de suas obras, adquirindo o que a historiadora Lima (2009) chama de *capital simbólico cascudiano*, que incluía, dentre outros, o acúmulo de informações que posteriormente seriam empregados na sua escrita.

A relação que estabelece com Mário de Andrade a partir da década de 1920, sobretudo por intermédio da troca de correspondências, destaca esse processo. Em carta escrita em 09 de junho de 1937 o escritor paulista afirma

[...] Sei que você pode fazer isso e mais. Você tem a riqueza folclorista passando aí na rua a qualquer hora. Você tem todos os seus conhecidos e amigos do seu Estado e Nordeste para pedir informações. Você precisa um bocado mais descer dessa rede⁷⁴ em que você passa o dia inteiro lendo até dormir. Não faça escritos ao vaivém da rede, faça escritos caídos das bocas e dos hábitos que você foi buscar na casa, no mucambo, no antro, na festança, na plantação, no cais, no boteco do povo [...] (MORAES, 2010, p.296).

A carta é uma resposta a correspondência enviada por Cascudo, também em 09 de junho de 1937⁷⁵, na qual ele relata dificuldades financeiras, visto que “[...] ganho uma miséria como professor e as dez pessoas de família que sustento não podem esperar pão de outrora” (MORAES, 2010, p.291), em consequência disso solicita que Mário de Andrade consiga algumas publicações remuneradas em revistas e/ou jornais. Considerando isso o escritor paulista sugere que Câmara Cascudo deixe os estudos históricos e passe a se dedicar a confecção de obras que enfatizem o elemento popular. Sugestão que é acolhida, em parte, pelo pesquisador já que na década posterior ele ainda se dedica a produção historiográfica, mas também intensifica seu contato com os estudos folclóricos.

⁷⁴ O processo de criação de Câmara Cascudo era iniciado na rede, onde ficava deitado lendo e fumando seu cachimbo e por vezes utilizava-a como espaço de escrita.

⁷⁵ A carta enviada por Mário de Andrade em resposta a Câmara Cascudo também é datada do dia 09 de junho de 1937, fato que sugere um possível erro de edição da obra que reúne tais correspondências, tendo em vista a distância entre as localidades nas quais os intelectuais se encontravam e consequentemente a demora no envio e recebimento de tais cartas.

Entre as produções que enfatizam o elemento popular podemos destacar aquelas que remetem à construção discursiva de um espaço, a exemplo de *Viajando o sertão* (1934) e *Vaqueiros e cantadores* (1939). Ambas, assim como outras obras de cunho folclórico, refletem o diálogo com o campo memorialístico que Cascudo apresenta ao longo de toda sua trajetória intelectual. Essas obras, bem como outras do escritor potiguar, retratam a influência que a sua memória pessoal exerce em seus escritos, sendo evocada por meio do que ele denomina como reminiscência.

Entre as proposições que desenvolve nessas obras temos o pensamento de que o sertão é um espaço no qual as práticas culturais ali encontradas estão em sua forma pura, isto é, são isentas das influências modernas, que em sua concepção vinham esmagar essas tradições. Esse cenário é “[...] ingênuo, crédulo e místico, não corrompido pela cidade [...]” (GOMES, 2009, p.196), concepção que destaca que esse espaço em seus escritos é representado pelo passado, pela infância, um ciclo de experiências que chegou ao fim.

No pensamento cascudiano, só mediante o distanciamento do sertão de espaços como o litoral, haveria uma conservação de todas as particularidades que o compõe. Contudo, a penetração dos elementos que destroem essa cultura era cada vez mais intensa. Para Cascudo

a transformação é sensível e diária. As estradas de rodagem aproximaram o sertão do agreste. Anulando a distância, misturaram os ambientes. Hoje a luz elétrica, o auto, o rádio, as bebidas geladas, o cinema, os fardos nas capitais. Os plantadores de algodão vêm vender os fardos nas capitais. Os filhos se educam nos colégios distantes. [...] o Sertão se modifica rapidamente. Uniformiza-se, banaliza-se (CASCUDO, 2005, p.12).

É a partir dessa negação do elemento moderno que justifica a escolha pelo sertão norte-rio-grandense e paraibano. Em carta enviada a Mário de Andrade em 24 de setembro de 1926, ele afirma a diferença entre os sertões encontrados na região, em virtude disso ele diz que “o sertão de Pernambuco possui a desvirtude de uma influência estrangeira mais intensa que o meu” (MORAES, 2010, p.120). A presença de elementos modernos que afastam o sertão dos tempos de outrora é apresentada em sua narrativa não só como um exercício de lamentação, condenação e descaracterização desse espaço,

mas, também, como um elemento que o distingue dos demais. Em seus escritos ele apresenta o sertanejo como aquele que está em um ambiente

[...] distanciado do litoral onde se processava a mistura das culturas e a formação mental de cada geração [...] “esse distanciamento teria possibilitado que o sertanejo conservasse” [...] a fáceis [sic] imperturbável, a sensibilidade própria, o indumento típico, o vocabulário teimoso, como usavam seus maiores (CASCUDO, 2009, p. 43).

O sertanejo foi classificado por Cascudo com traços primitivos, refletidos na falta de senso decorativo e de sensibilidade pela natureza. A noção de beleza para eles estaria no trabalho feito por suas mãos, na utilidade, na função e rendimento dos elementos, como exemplo podemos citar que, na concepção de Cascudo, a árvore em si não significaria nada para aqueles indivíduos, a sua valorização se daria pela sombra que proporcionaria. Cascudo afirma que esse afastamento da natureza se faria presente na produção dos poetas sertanejos, que em suas obras cantadas ou escritas, não descreveriam paisagens, priorizando as ações humanas.

A narrativa que constrói sobre as práticas culturais sertanejas demonstra a necessidade de conhecer as coisas próprias do Brasil e o sertão estaria inserido nesse processo. Por isso, a imagem criada por Cascudo para o sertão se insere no conjunto de escritos que retratam esse ambiente como a essência de nosso sentimento de brasilidade e que por isso ressaltam a necessidade de se estudar tal espaço.

São sujeitos como Câmara Cascudo que idealizam o elemento popular, que o vislumbram como um objeto acabado transformando-os em personagens imunes a transformações. Sobre os folcloristas Certeau afirma que eles acabam relacionando a noção de popular com uma associação da busca por uma origem. Eles a vislumbram como algo natural, verdadeiro e que remete à infância (CERTEAU, 1995). Na concepção desse historiador tal processo é resultante de uma formação erudita que toma de empréstimo um objeto popular para análise, construindo noções que remetem à categoria a qual eles pertencem, isto é, um saber letrado.

A busca por uma origem dos elementos populares é um aspecto constante nos estudos dos folcloristas. Para o historiador Albuquerque Jr. (2013), tal prerrogativa se refere à concepção histórica de que compartilham. No caso de Câmara Cascudo

podemos afirmar que sua semelhança com o historicismo permite compreender sua busca por uma versão original, bem como apresentá-los em sua narrativa como aspectos “primitivos, verdadeiros e originais”.

Tal movimento reflete um desejo de reconhecimento social, visto que a busca pela origem das práticas culturais populares funcionaria como uma justificação de sua atividade, assim como uma validação acadêmica já que os respaldariam com uma cientificidade necessária, considerando que tais estudos despontam em um momento de descrédito dessas pesquisas.

Associa-se a cultura popular a uma manifestação que resiste ao tempo, que está alojada em um passado distante e conservador e que por isso deve ser mantida ou resgatada. A busca por uma origem de tais manifestações sempre remeterá a temporalidade mais recuada possível, que será diretamente proporcional à erudição daquele que a busca, por isso “se o estudioso é um conhecedor das sociedades orientais, das sociedades africanas ou das sociedades chamadas de pré-históricas, a origem pode ser recuada indefinidamente” (ALBUQUERQUE JR. 2013, p.158).

A visão do elemento popular presente nos estudos etnográficos de Câmara Cascudo se relaciona com o movimento que outros intelectuais executaram nesse contexto a exemplo de Gustavo Barroso e Leonardo Motta⁷⁶, sendo tal processo denominado por Albuquerque Jr. (2013) como “invenção” do folclore, isto é,

[...] afirmamos que eles fabricaram a cultura popular, estamos pensando a invenção como atividade básica do homem, como a atividade através da qual produz cultura, ou seja, como atividade de significação do mundo, como a atividade de invenção de um mundo a sua imagem e semelhança, estamos nos referindo à atividade de dotação de sentido, de significação, de conceituação da natureza e de todos os eventos e formas que compõem o mundo para os homens, que constituem aquilo que percebem e nomeiam como sendo o real, a realidade. (ALBUQUERQUE JR., 2013. p.25-26).

Noção atribuída a partir da constatação de que não existem objetos prontos, que tais discursos, na concepção arqueológica de Foucault (2012), emergem em determinado contexto e sob condições específicas que lhes permitem ser nomeados,

⁷⁶ Leonardo Mota nasceu em 1891 e assim como Cascudo foi um estudioso do elemento popular, voltando-se, bem como o intelectual potiguar, para discussões em torno do espaço sertanejo. Gustavo Barroso também foi um conhecido pesquisador do universo folclórico, participando também da Ação Integralista Brasileira (AIB), compartilhando das ideias desse movimento.

vistos e ditos. Os estudos sobre a cultura popular bem como outras produções do mundo humano são fabricados mediante o uso de conceitos que norteiam as ações desses agentes folclóricos.

Tal concepção possibilita uma análise dos produtores de tais conceitos, os eruditos e intelectuais são, em sua maioria, sujeitos que transitam por espaços modernos⁷⁷, mas que mantêm uma visão nostálgica centrada em elementos rurais e oligárquicos. É em consequência disso que buscam preservar os componentes dessa cultura de transformações, elaborando aquilo que chamam de “[...] elemento folclórico, entendido como algo preso ao passado, como uma relíquia que está em vias de desaparecer, tragada pelas transformações trazidas pelo progresso, como um morto em vias de sepultamento” (ALBUQUERQUE JR. 2013, p.32).

Por meio da análise de tais produções etnográficas, pode-se identificar o público ao qual se destinavam. Essas, mesmo remetendo a uma cultura popular, uma cultura oral, não são recebidas pelos sujeitos que as compõe, mas sim por indivíduos semelhantes àqueles que organizam e recolhem tal material.⁷⁸ Dessa forma, “serão os códigos morais e estéticos, serão as concepções sociais e políticas das elites, até porque o folclorista ou o estudioso da chamada cultura popular vêm destas elites que nortearão as escolhas que fazem, que tipo de material selecionam e que intervenções realizam neste material” (ALBUQUERQUE JR. 2013, p.36).

Como exemplo, podemos citar o emprego constante que Câmara Cascudo e outros pesquisadores da cultura popular realizam de termos em línguas estrangeiras, marcando a distinção entre o grupo sobre o qual escreve a aquele ao qual pertence e destina sua obra. São trechos em idiomas como o grego e o latim que destacam o contato com obras clássicas e o tempo empreendido em seus gabinetes particulares analisando tais expressões populares

[...] que são analisados e cotejados a partir de fontes eruditas, que são citadas no idioma e, que foram escritas, muitas vezes sem virem sequer acompanhadas de tradução para o nosso idioma [...] Texto, portanto, que pressupõe um leitor também erudito, um leitor que partilhe não só dos mesmos interesses pelo povo e pelo popular, mas que partilhe o mesmo universo cultural do folclorista, que domine a

⁷⁷ No caso de Câmara Cascudo é ainda mais evidente, pois o início de sua trajetória intelectual remete ao momento que, para Araújo (2006), é marcado por essa interação ou contradição entre o passado e o presente (moderno).

⁷⁸ Câmara Cascudo apesar de possuir muitas obras baseadas no que os antropólogos chamam de estudo de campo, por vezes produziu obras e/ou analisou tal material a partir da leitura de obras estrangeiras no seu gabinete particular.

mesma erudição, o mesmo conhecimento [...] A impressão que se tem ao fazer a leitura destas obras é que os autores escrevem apenas para especialistas, que eles escrevem para eles mesmos” (ALBUQUERQUE JR. 2013, p.67-68).

A convivência com os populares é exaltada por esses intelectuais e apontada como um dos motivos que desencadeiam as pesquisas que realizam. Em consequência disso identificamos uma dualidade em tal discurso pois, ao mesmo tempo em que buscam uma identificação com tais sujeitos atribuindo a denominação popular para suas práticas - como exemplo podemos citar o destaque à participação popular no sepultamento de Câmara Cascudo - esses pesquisadores acabam por se diferenciar de tal categoria visto que desejam ser reconhecidos como representantes da cultura popular por meio de suas trajetórias eruditas. Como aponta Albuquerque Jr. (2013),

Cascudo queria, um dia, ser considerado, como [...] um verdadeiro representante da cultura popular nordestina: um branco, um doutor, que se passou para o lado do povo que se tornou um interprete de sucesso desta cultura [...], pois, embora também não tivesse vindo do povo, com ele teria convivido, com ele teria aprendido numa vida autenticamente sertaneja, para ele teria voltado todos os seus esforços, para ele teria feito sua obra. (ALBUQUERQUE JR. 2013, p.55-56)

Distanciamento das camadas populares que também se identifica pela necessidade de classificação dos elementos que produzem. Tais intelectuais ao buscarem a distinção, seleção e hierarquização dessas manifestações contribuem para afastar o material que recolhem daqueles que os confeccionam.

Tal processo é fruto da associação dessas pesquisas com um caráter científico e demonstram a preocupação desses estudiosos em se voltar para aqueles que “[...] durante muito tempo foram vistos como os desclassificados, que agora ameaçavam tornar-se os inclassificáveis, aqueles e aquilo que escapariam de qualquer quadro de classificação” (ALBUQUERQUE JR. 2013, p.134). Esse movimento remete ainda ao contexto de criação de entidades nacionais e locais que passaram a trocar informações sobre essas manifestações populares.⁷⁹

⁷⁹ Câmara Cascudo se insere nessa rede de contatos não só por meio da fundação da Sociedade Brasileira de Folclore, mas também de sua associação a **Folk-Lore Society**, de Londres; a **Sociedade de Folclore da Irlanda**; a **Asociación Folklórica de Chile**, bem como a **Sociedad Folklórica de Bolívia**.

É por meio de suas reflexões em torno do ambiente sertanejo que Cascudo tece suas considerações acerca do elemento popular e se estabelece como um dos profissionais que vislumbram a necessidade de transitar em diferentes áreas e estabelecer alianças com elites políticas e econômicas que possibilitem o financiamento e divulgação de seus estudos.

A posição de erudito que Cascudo passa a construir ainda na infância e que se consolida com a maturidade adquirida com a intensa carga de leitura e confecção de pesquisas o coloca em um círculo restrito de sujeitos que se dedicaram à produção de trabalhos analíticos da cultura popular.

São os intelectuais que vislumbram o folclore como um objeto inacabado e buscam uma origem para tais práticas, processo que remete ao caráter erudito que eles assumem visto que quanto maior a dimensão temporal que associam a tais elementos maior também será a demonstração dos conhecimentos adquiridos ao longo de suas trajetórias.

A dualidade intelectual de Câmara Cascudo se expressa em relação às afirmações em torno de sua posição de erudito, homem das letras e a sua tomada da cultura popular enquanto objeto de análise. São intelectuais como o escritor potiguar que Certeau aponta como aqueles que se voltaram para o estudo de elementos populares quando o possível perigo que a cultura popular apresentava para uma cultura letrada foi cessado (CERTEAU, 1995).

A partir desse direcionamento ao estudo dessa expressão cultural, essa foi tomada como objeto de estudo de sujeitos pertencentes a uma formação letrada, que a partir da posição de eruditos analisavam essa cultura popular. Em relação àqueles que estudavam o elemento popular, Certeau afirma:

Do mesmo modo, não surpreende que a julguem ‘em via de extinção’, que se dediquem agora a preservar as ruínas, ou que vejam a tranquilidade de um aquém da história, o horizonte de uma natureza ou de um paraíso perdido (CERTEAU, 1995, p.56).

São eles que idealizam o elemento popular, que o vislumbram como um objeto acabado, isento a transformações. Certeau afirma, ainda, que esses folcloristas acabam relacionando a noção de popular com uma associação da busca por uma origem. Eles a vislumbram como algo natural, verdadeiro e que remete à infância (CERTEAU, 1995). Na concepção desse historiador é uma formação erudita que toma de empréstimo um

objeto popular para análise, construindo noções que remetem à categoria a qual eles pertencem.

As associações da escrita cascudiana com a construção de um lugar de erudição se apresentam, por exemplo, na busca por uma identificação da origem de determinada prática cultural, sendo essa remetida a períodos temporais extensos que comprovam um largo conhecimento biográfico da temática.

A construção de suas obras é pautada no cruzamento do material coletado em campo com aquele obtido ao longo das noites⁸⁰ na *Babilônia*, já que mesmo rompendo os limites de seu gabinete⁸¹ para a realização de tais estudos “os livros, sem dúvida, continuariam sendo seus companheiros, mesmo porque foram seus grandes aliados para saciar sua imensa curiosidade” (LIMA, 2009, p.38).

3.2 “Encontrava nele as estórias de meu Pai, de minha Mãe, da velha Bibi, dos pescadores, rendeiras e cantadores, familiares”: a experiência sertaneja e o despertar da produção folclórica cascudiana.

A análise desenvolvida por Cascudo acerca do elemento popular remete às marcas políticas e intelectuais das suas experiências. A representação que constrói em torno do “popular” é desenvolvida em sua narrativa a partir da relação que estabelece com o ambiente sertanejo, é naquele espaço que encontra as práticas culturais necessárias para a sua definição de cultura popular que atravessaria suas obras e se relacionaria com as posturas políticas e intelectuais adotadas por ele.

A aproximação com a região sertaneja se desenvolve em dois períodos, inicialmente durante a infância cascudiana quando o intelectual é encaminhado para aquele espaço em busca de uma cura para as enfermidades que afligem o seu corpo. Posteriormente, quando inicia sua aproximação política com Getúlio Vargas e outras

⁸⁰ Como Dália Freire Cascudo, sua esposa, afirmou em depoimento, Cascudo costumava trocar as noites pelos dias, assim quando o sol se punha ele se concentrava em sua biblioteca particular escrevendo sobre temáticas variadas.

⁸¹ Espaço que por si já se constitui como uma marca de sua erudição visto que esses lugares próprios aos homens de família, acompanhavam a trajetória de vida do intelectual se constituindo como marcas de sua identidade.

lideranças políticas e foi designado a fazer parte de uma comitiva que deveria viajar com o objetivo de inaugurar obras públicas e como forma de conhecer as particularidades culturais do país, processo que remete as primeiras décadas do século XX, período no qual se promoviam incentivos para tais empreendimentos.

Em um contexto marcado por um nacionalismo exacerbado, intelectuais como Câmara Cascudo passaram a empreender jornadas a áreas do Nordeste. As observações dos intelectuais foram publicadas como notas de viagens ou como crônicas que retratavam as impressões sobre esse espaço durante o período de visita desses oficiais. Tal processo resulta em “tomar seus ‘costumes’ como os costumes nacionais e tomar os costumes das outras áreas como regionais, como estranhos” (ALBUQUERQUE JR. 2009, p.54). Movimento que acaba por instituir práticas generalizadas para todos os habitantes de determinada região e tidas como representantes daquela área geográfica, além de ocasionar a construção de identidades regionais a partir de um processo de diferenciação.

Periódicos como *O Estado de São Paulo* foram responsáveis pela confecção de tais escritos, o jornal foi responsável pela produção de uma série de artigos denominada *Impressões do Nordeste* destinada à publicação de notas de viagem dos jornalistas sulistas em visita a áreas do Nordeste brasileiro, posteriormente iniciou-se uma nova coluna intitulada *Impressões de São Paulo* que objetivava a construção de uma oposição entre as duas regiões, como exemplo de tal processo citamos o artigo publicado em 10 de agosto de 1923 que afirma a chegada de “[...] esqueléticos retirantes (que) vieram curtir saudades infindas na *operosidade do governo no seio sulino*, quem sabe se ainda em dúvida, *entre a miséria de lá e a abundância daqui...*” (grifo no original). (ALBUQUERQUE JR. 2009, p.55).

A narrativa que constrói em torno dos espaços visitados e que culmina em seu pensamento acerca do elemento popular é, em larga medida, baseada na formação conservadora que possui. Quando encontra naquela região símbolos de elementos modernos que não esperava encontrar, retrata em seu discurso uma expectativa frustrada que gera inúmeras lamentações no potiguar que reivindicava encontrar o sertão de outrora, aquele no qual a rodovia não penetrava e que não o transformava “[...] a tal ponto que o está tornando sem fisionomia” (CASCUDO, 2009, p.45).

Oposição constante que encontramos na obra de Câmara Cascudo, assim como de outros intelectuais que construíram discursivamente o espaço sertanejo em suas obras, a exemplo de Euclides da Cunha. Contraposição dos elementos geográficos:

litoral e *sertão*; dicotomia que também se faz presente em relação aos elementos culturais encontrados em ambos. Sendo o *litoral* apresentado como elemento invasor, aquele que promove uma verdadeira descaracterização do outro, que o afasta de elementos que representam uma brasilidade e o aproxima de aspectos estrangeiros a nossa nacionalidade, visto que penetra outras regiões por meio de suas influências culturais. Em consequência disso, o

sertão aparece como o lugar onde a nacionalidade se esconde, livre de influências estrangeiras. O sertão é aí muito mais um espaço substancial, emocional, do que um recorte territorial preciso; é uma imagem-força que procura conjurar elementos geográficos, linguísticos, culturais, modos de vida [...] É uma ideia que remete ao interior, à alma, à essência do país, onde estariam escondidas suas raízes” (ALBUQUERQUE JR. 2009, p.67).

O sertão para Câmara Cascudo não esconde só as raízes de uma identidade nacional, mas também as suas próprias, visto que é nesse espaço que tem o seu primeiro contato com o objeto de pesquisa que perpassa grande parte de sua produção, bem como com os sujeitos que aparecem nos escritos acerca da cultura popular. É o sertão norte-rio-grandense que guarda as reminiscências de sua infância, que ele afirma ter vivido no

[...] sertão típico, agora desaparecido. A luz elétrica não aparecera. O gramofone era um deslumbramento [...] A culinária se mantinha fiel ao século XVIII. A indumentária lembrava um museu retrospectivo. As orações fortes, os hábitos sociais, as festas da tradição, as conversas, as surperstições, tudo era o Passado inarredável [...] Vivi essa vida durante anos e anos e evocá-la é apenas lembrar da minha meninice (CASCUDO, 2005, p.11).

Apesar de ser recorrente em sua produção acerca da cultura popular a dicotomia entre o sertão e o litoral, sendo o último apontado como símbolo de uma exterioridade, ele, diferente de outros intelectuais, não vislumbrava todas as práticas do sertão como isentas de influências estrangeiras. Por conseguinte, em seus estudos, buscou identificar algumas aproximações entre as práticas culturais ali encontradas com elementos estrangeiros, sobretudo europeus, a exemplo do linguajar sertanejo.

Na obra dos intelectuais que se dedicavam ao estudo do sertão é recorrente a associação dos elementos culturais ali encontrados como expressões de uma cultura nacional, que deveria ser valorizada e essencialmente preservada. Entretanto, se

singularizava em relação àqueles pela recusa em enxergar nos homens do sertão “[...] própria capacidade destes homens pobres, vistos como, por natureza, preguiçosos, indolentes, sem iniciativa” (ALBUQUERQUE JR. 2009, p.68). Apesar de afirmar a falta de senso estético desses sujeitos que priorizavam uma utilidade dos objetos e a penetração de costumes litorâneos nessa região que descaracterizaria algumas de suas práticas que passaram a ser movidas por uma influência moderna, ele não inferioriza os sertanejos. Pelo contrário, são suas ações cotidianas e seus produtos culturais, sobretudo os literários, que recebem todas as glórias nos escritos cascudianos.

O elemento cultural aparece nos escritos desses estudiosos enquanto resquícios de um passado que deve ser preservado frente às inovações modernas, postura semelhante a que adota posteriormente e que o aproxima do Regionalismo-tradicionalista. É um tradicional que guarda as marcas de uma cultura brasileira. É nesse sentido que são apontados por Albuquerque Jr. (2009) enquanto idealizadores do elemento popular são sujeitos que

embora se apresentem como defensores do material folclórico, são paradoxalmente estes folcloristas os seus maiores inimigos e detratores, ao marginalizá-lo, impedindo a criatividade em seu interior, cobrando a sua permanência ao longo do tempo, o que significa reivindicar a sua obsolescência” (ALBUQUERQUE JR., 2009, p.91)

Câmara Cascudo se aterroriza com as transformações físicas no sertão norte-riograndense e principalmente com as mudanças na mentalidade sertaneja. São recorrentes em suas obras contestações em torno, por exemplo, das inovações na culinária sertaneja, apontadas como uma negação da cozinha secular, uma ação antipatriótica, lamentações em torno das modificações nas músicas, danças sertanejas e nas práticas cotidianas das meninas sertanejas que outrora

[...] conheci espiando os ‘home’ por detrás das *frixas* das portas, reclusas nas camarinhas, dançando a meia légua de distância do par, hoje usam o cabelinho cortado, a boca em bico-de-lacre, o mesmo palavreado das tango-girls do Aero Club e Natal Club [...] O Sertão descaracteriza-se (grifo no original) (CASCUDO, 2009, p.75).

A partir da ideia de que algumas tradições populares podem ser encontradas na sua forma pura em determinados lugares, entre eles, o espaço sertanejo ele desenvolveu, ao longo de sua vida, uma carreira na qual buscou estudar, entre outros aspectos, o

homem sertanejo e suas práticas culturais. Sua escrita é atravessada pelas memórias de um menino sertanejo, utilizadas “[...] por vezes como tema e objeto de estudo, por vezes como argumento de legitimidade, por vezes como horizonte de reflexão. Ele nunca abandona a sua identidade de menino criado no Sertão e também, sua identidade de homem que permaneceu na província” (FARIAS, 2001, p.27). Câmara Cascudo se considerava um provinciano por excelência, fato que destaca sua aproximação com o regionalismo-provinciano desenvolvido ao longo da década de 1910, momento no qual estabelece uma das viagens ao sertão que serve como base para a concepção do elemento popular que desenvolveria.

Ao afirmar que o material que determina seu pensamento acerca do elemento popular “[...] foi colhido diretamente na memória duma (sic) infância sertaneja, despreocupada e livre” (CASCUDO, 2005, p.11), deixa claro que suas reflexões são frutos de um exercício de rememoração do tempo vivido por ele no sertão nordestino. Tal afirmação reflete a influência que a sua memória pessoal exerce em seus escritos, evocada por meio do que ele denomina como reminiscência.

Apesar de afirmar que tais concepções são objetos de suas observações do espaço sertanejo no período que ali se encontrava, verificamos que elas refletem um duplo movimento, pois na mesma medida que utiliza o contato com aquele ambiente incluindo seus sujeitos e suas práticas para construir uma imagem para o sertão, ele a elabora também nas suas longas horas de estudo e leituras na *Babilônia*.



Imagem 2 - Câmara Cascudo em sua biblioteca particular nomeada por ele de *Babilônia*. Na imagem é possível observar a presença de elementos religiosos que remetem ao catolicismo, religião por meio da qual Cascudo professava sua fé. - Fotografia tirada por Carlos Lyra.

Evocações da memória que marcam também a escrita de suas obras e destacam que sua concepção do elemento popular esteve atrelada a experiência pessoal que desenvolve no espaço sertanejo. Quando empreendeu, no período de 16 a 29 de maio de 1934, uma viagem pelo interior do Rio Grande do Norte, Cascudo vivenciou algumas das experiências que se tornariam base para as reflexões que desenvolveu posteriormente.

Ao afirmar que a “luz elétrica, cinema, rádio, automóvel, revistas ilustradas são os elementos que anunciam a produção sotádica⁸²” (CASCUDO, 2005, p.17), revela sua concepção de que a pureza sertaneja não se refere somente à constituição da família sertaneja, mas também em relação aos valores sociais desses indivíduos que são refletidos em suas práticas culturais.

Uma forma de vislumbrar essa integridade seria analisar as cantorias sertanejas. Para ele, é a partir da incorporação de valores modernos e da chegada de símbolos que representam essa modernidade, que os versos sertanejos passam a incorporar elementos obscenos. A presença desse tipo de cantoria no sertão coincide com a chegada do que ele chama de “civilização”. Para Câmara Cascudo, a modernidade carrega para o sertão não só transformações físicas, mas também, e principalmente, mudanças nos valores sociais e na mentalidade sertaneja.

Considerando isso, é possível afirmar que o sertão idealizado na obra de Câmara Cascudo é construído discursivamente como um espaço no qual as práticas culturais ali encontradas estão em sua forma pura, isto é, são isentas das influências modernas que em sua concepção esmagariam as tradições. Esse cenário é “[...] ingênuo, crédulo e místico, não corrompido pela cidade [...]” (GOMES, 2009, p.196); concepção que demonstra que o sertão em seus escritos é representado pelo passado, pela infância. Nas crônicas que escreve no início do século XX é constante a oposição que esse estudioso faz entre o litoral e o sertão, o primeiro “[...] aparece em seus textos dessa série marcado pelo cosmopolitanismo, por constantes transformações, e o Sertão pela permanência de práticas tradicionais, que tendem a desaparecer, pela influência de elementos da cidade”

⁸² Em Literatura significa que a produção é considerada obscena, erótica.

(FARIAS, 2001, p.26). É esse cosmopolitismo que ameaça o conservadorismo do sertão, avançando de forma avassaladora nesse espaço.

Em sua concepção, só por meio do distanciamento do sertão de espaços como o litoral, ele poderia conservar todas as particularidades que o compõe e tornar possível a existência de elementos culturais autênticos. Contudo, a penetração dos elementos que destruiriam essa cultura seria cada vez mais intensa.

3.2.1 “[...] o caminho pessoal para a Divindade [...]”⁸³: o sertanejo e a religiosidade.

Em várias obras procurou, além de descrever o espaço sertanejo e as práticas culturais ali encontradas, buscar uma origem para os gestos, falas e credices do homem sertanejo. Durante a viagem que empreendeu, em 1934, pelo sertão norte-rio-grandense, ele afirmava que por vezes abandonava a comitiva oficial e ia “[...] observar a vida nas cidades, por onde passa [sic], conversar com povo, aprender suas histórias, suas práticas e costumes” (FARIAS, 2001, p.26).

É a partir desses estudos que ele retrata a incoerência na representação desse indivíduo, que o faz por meio de “[...] anedotas e sua vida um tecido de facécias, tão ao jeito dos atores que ‘representam’ o nosso sertanejo no palco, vestindo-se à maneira do caipira fluminense ou jeca mineiro” (CASCUDO, 2009, p.45). Essa seria uma das justificativas da análise que empreende acerca da cultura popular sertaneja, já que buscava, por meio dos seus estudos, ressaltar os seus valores e combater os preconceitos existentes em relação ao espaço do sertão e aos que, ali, habitam. Como Albuquerque Jr. (2009) afirma tais pesquisadores ao vislumbrarem o elemento cultural enquanto um produto finalizado que deve manter suas características originárias não se “contaminando” com qualquer influência, acabavam por criar novos estereótipos.

Cascudo intentava desconstruir a visão de que os sertanejos falavam de maneira errada. Para ele o que existe é uma fala diferenciada, que se aproxima do português falado na colônia no século XVI, é essencialmente um dizer conservador. Essa linguagem sertaneja é semelhante a que Michel de Certeau (2009) analisa em seus

⁸³ (CASCUDO, 1966)

estudos sobre a cultura popular quando nomeia de *homem ordinário*⁸⁴ a massa de indivíduos que por tempos foram abandonados pelos “holofotes” das pesquisas históricas. Nas obras cascudianas tal indivíduo seria o vaqueiro que tange o gado, o contador de causos, a cozinheira, a rezadeira, o cantador popular e tantos outros que desenvolveram modos de dizer e fazer particulares a sua vivência.

Um dos elementos destacados ao se referir ao sertão em seus escritos é a religiosidade de seus habitantes, apontando-os como sertanejos fiéis. Religiosidade que também é dominante na trajetória do próprio Cascudo. Na viagem que empreendeu em 1934, ele atentou para as lembranças das cidades destacando a fé que move os indivíduos que ali residem, afirma que ali

[...] velhos caçadores, vaqueiros veteranos da luta do campo, plantadores que os anos envelheceram, rezam ajoelhados, de mãos postas, hirtos e obstinados, recebendo a coragem de opor aos elementos naturais a fortaleza duma (sic) resistência miraculosa (CASCUDO, 2009, p.53).

Com relação ao aspecto religioso, são objetos da atenção cascudiana a decoração e arquitetura que compõe as igrejas sertanejas. Para ele elas refletem uma mania de remodelação para pior, que descaracterizaria o estilo original com o qual foram construídas. Ele afirma que “de todos os templos que visitei no estado (nos 35 municípios que conheço), quase todos são incaracterísticos e já não podem ser apontados como estilos” (CASCUDO, 2009, p.36). Com tal afirmação, ele reforça a posição já assumida ao identificar o sertanejo enquanto um sujeito que detém a ausência de senso decorativo e preocupação com elementos embelezadores. A lamentação que pode ser identificada no discurso em relação à arquitetura desses espaços é a perda do estilo barroco que compunha muitas dessas igrejas e que seria considerado “[...] o verdadeiro estilo brasileiro [...]” (CASCUDO, 2009, p.37), para ele seria a perda de um dos elementos que retratam a brasilidade dessas construções e que diferiam as capelas sertanejas e brasileiras das demais, ou seja, um olhar conservador sobre o sentido de cultura.

⁸⁴ Ao descrever esse indivíduo Certeau afirma que ele é o “herói comum, personagem disseminada, Caminhante inumerável. Invocado, no limiar de meus relatos, o ausente que lhes dá princípio e necessidade, interrogo-me sobre o desejo cujo objeto impossível ele representa. A este oráculo que se confunde com o rumor da história, o que é que pedimos para nos fazer crer ou autorizar-nos a dizer quando lhe dedicamos a escrita que outrora se oferecia em homenagem aos deuses ou às musas inspiradoras?” (CERTEAU, 2009, p.55).

Ainda sobre as práticas culturais religiosas vislumbradas em sua viagem pelo sertão, Cascudo atenta para mais um aspecto nomeado por ele de melancólico. Seria a substituição encontrada nessa região dos santos de madeira por aqueles compostos por gesso. Tal modificação é apontada como resultante da penetração de elementos litorâneos no ambiente sertanejo, visto que os santos de gesso são confeccionados a partir de máquinas, referindo-se ao que chama de “lindeza, extra-humana”.

Cascudo mais uma vez realiza sua aproximação/comparação de elementos brasileiros com os europeus ao afirmar que enquanto no sertão norte-rio-grandense a produção de santos de madeira, uma arte denominada por ele de “[...] primitiva, tosca, iniciante, mas [...] fiel a si mesma” (CASCUDO, 2009, p.38) é relegada ao esquecimento, nos países europeus ela cada vez mais atrai a atenção dos apreciadores de arte. São esses objetos culturais que para Cascudo se referem a uma prática primitiva, tradicional e conservadora tal como o ambiente sertanejo é na sua produção discursiva, dignos de valorização e preservação ao longo dos tempos, que não devem ser abandonados e substituídos por práticas cosmopolitas.

3.2.2 – “[...] preciosa e milionária de curiosidade [...]”⁸⁵: a oralidade e a literatura sertaneja.

Os elementos que constituem a oralidade são nomeados por Certeau (2008) como “museus vivos de táticas” na medida em que esse tipo de linguagem e seu emprego são estratégias de manipulação do sistema linguístico por seus locutores. Constituindo uma “[...] *arte de dizer* popular. Tão viva, tão perspicaz, quando os reconhece no contista e no camelô, um ouvido de camponês de operário sabe detectar numa maneira de dizer uma maneira de tratar a linguagem recebida” (CERTEAU, 2008, p. 81).

Em relação a essa *arte do dizer* Câmara Cascudo remete a literatura produzida pelos sertanejos atentando para a realização de uma divisão entre uma literatura sertaneja e outra que remete a espaços como o litorâneo, justificando que tal separação remete a associação da primeira a fidelidade a uma mentalidade, a um ambiente e a um dizer diferenciado que é encontrado no sertão norte-rio-grandense. Por isso, para ele,

⁸⁵ (CASCUDO, 2009. p.76)

um dos erros mais recorrentes ao se analisar a produção literária desse espaço é “[...] a tentativa de criar uma literatura sertaneja nos moldes duma (sic) literatura comum” (CASCUDO, 2009, p.45).⁸⁶

Nessa perspectiva, as características apontadas que confeririam uma diferenciação desse fazer literário, seria algo a ser mantido. Um desses traços remeteria a sua transmissão oral que expõe na literatura sertaneja uma dimensão para além da escrita. Câmara Cascudo identifica nas produções orais sertanejas aspectos que configurariam elementos identitários para os habitantes desse espaço. Entre esses ele cita o individualismo que compõe a vivência no sertão, a bravura desses por meio das referências ao uso de armas e aos ambientes nos quais as lutas ocorriam, destaca também que nessas produções há essencialmente a valorização de sujeitos “[...] com respeito de sua coragem e dos atos de generosidades” (CASCUDO, 2009, p.51), indivíduos que são tidos como heróis.

A noção de literatura oral também pode ser pensada por meio da coletividade que ela abarca, na medida em que é utilizada e difundida por um conjunto de pessoas. É por meio dessa coletividade que experiências individuais e coletivas são compartilhadas entre os indivíduos que a constituem, originando e transmitindo alguns dos contos, lendas, anedotas, histórias, autos e outros segmentos dessa literatura, elas “[...] traduzem as experiências de uma dada coletividade, que tem nas produções populares reflexos de sua cultura, bem como das ressignificações que delas fazem” (SILVA et al, 2009, p. 24).

No período moderno há a distinção entre esses dois tipos de literatura, a oral e a letrada⁸⁷. Associada com o conceito de progresso, as duas vêm a se opor a partir da relação que mantêm com tal noção. O fazer escriturístico é fruto desse processo de modernização, estando indissociável desse conceito, diferente da oralidade que é vista como tudo aquilo que não contribui com a noção de progresso, “[...] define-se portanto pela oralidade (ou como oralidade) aquilo de que uma prática ‘legítima’ – científica, política, escolar, etc. – deve distinguir-se [...]” (CERTEAU, 2008, p.204). Em vista disso, o imaginário da modernidade trouxe além de todas as inovações tecnológicas e

⁸⁶ O termo “literatura comum” é usado nesse trecho para designar outras produções que não são produzidas por sertanejos nem que remetam as características identificadas por Cascudo como relacionadas a literatura sertaneja.

⁸⁷ Jerusa Pires Ferreira contesta a afirmação de que naquele período e nos dias atuais existe uma separação entre esses dois tipos de literatura, para ela “[...] guardando o modo de ser, o específico e os circuitos de criação popular, não se excluiu essa presença do conjunto que representa a nossa literatura, inscrevendo assim a literatura popular tradicional na série literatura brasileira” (FERREIRA, 2010, p.153).

científicas a ascensão do império da escrita que promoveu paulatinamente a subjugação da tradição oral.

A literatura oral, discutida por Cascudo, tem como pressuposto a sua transmissão e perpetuação por meio da tradição oral. Oralidade essa que engloba o universo da cultura popular, por meio da expressão de “[...] aspectos constituintes da arte do cotidiano, das trajetórias individuais, do imaginário e das tradições” (SILVA et al, 2009, p.21).

Tal tipo de literatura vem a promover uma valorização da linguagem verbal enquanto produtora e perpetuadora de práticas culturais, nas quais são registradas e socializadas as experiências dos indivíduos que delas fazem parte. São perpetuadas suas trajetórias e conhecimentos. Além de possibilitar que aquele que não tem acesso a uma educação formal possa promover a difusão de histórias “[...] por meio da oralidade e não apenas da escrita, [fato que auxiliava os que não sabiam ler, pois eles] decoravam os textos e os repassavam para os outros” (SILVA et al, 2009, p. 25).

Considerando que grande parte da produção da cultura popular remete ao material coletado por meio da literatura oral e por isso a importância dessa para os estudos culturais e linguísticos, Cascudo, ao afirmar que essa literatura não foi registrada nas atividades literárias do país destaca que em meados do século XX para a “irmã mais velha” da literatura oficial tinha-se relegado um espaço menor, de importância inferior nas pesquisas literárias brasileiras.

Câmara Cascudo destaca que tal aspecto se efetivará por meio de uma substituição da literatura oral pela escriturística indagando se “nada mais resta dessa literatura oral, preciosa e milionária de curiosidade, senão os registros literalizados?” (CASCUDO, 2009, p. 76). A própria figura do cantador é apresentada em seus escritos como uma espécie rara, que quase não se encontra e que, assim como o sertão, está se descaracterizando com a penetração de costumes e práticas do litoral.

Em relação à linguagem que compõe essa literatura sertaneja, Cascudo destaca que por um longo período esse espaço manteve um linguajar semelhante àquele encontrado no período colonial, sobretudo aquele que era pronunciado pelos portugueses. Entretanto, com a chegada de valores modernos no sertão a linguagem ia modificando-se e assemelhando-se ao falar litorâneo, lamentando que “daqui a algum tempo o sertanejo falará como todos nós” (CASCUDO, 2009, p.63).

Cascudo recorre ao vocabulário do português colonial para afirmar que os sertanejos não falam errado, apenas usam expressões que demonstram o tradicionalismo

que compõe o sertão, além da influência portuguesa, apresentada por ele como principal, ele recorre à influência indígena para discorrer acerca da ausência de termos no plural na linguagem sertaneja, mesmo afirmando que a influência do “[...] africanismo é menor e a parte do índio só se torna sensível denominando objetos ou na toponímica” (CASCUDO, 2009, p.67).

O conceito e a prática da literatura oral são apresentados por Cascudo como indissociados do ambiente sertanejo. Para o estudioso, a partir da escassez de acesso a obras escritas, a população local privilegiava a transmissão oral de causos e recordações que podiam ser repassados por meio das gerações em uma ocasião informal como uma reunião familiar, uma conversa entre amigos, e/ou até em cerimônias como um casamento, que não existia “[...] sem os vivos protocolares e sem a louvação dos cantadores, de violas enfeitadas de fitas, empinando o braço e depondo os instrumentos aos pés dos noivos [...]” (CASCUDO, 2009, p. 13).

Outro elemento apontado por Cascudo ao analisar a oralidade sertaneja remete a música encontrada no sertão, em relação a essa ele afirma que a música sertaneja remete à atividade dos cantadores. Melodias compostas em tons melancólicos que serviriam para “ficar no gosto de todos” e que remeteriam a práticas variadas desde uma cantoria até os desafios que envolviam mais de um cantador. Em relação às cantorias e outras práticas que a literatura oral envolve, ele realiza uma espécie de crítica a função de

academias, sociedades financiadas oficialmente, comissões, caravanas (que) percorrem todas as regiões registrando tudo, fixando modismos, guardando as músicas, fazendo um repositório para corresponder às necessidades futuras, quando as terras pitorescas ficarem sem as peculiaridades lindas (CASCUDO, 2009, p.76).

Contudo, o próprio Cascudo teria feito uso de tal prática quando se apropriou das expressões culturais das camadas populares, a exemplo das práticas não-letradas como as cantorias, sendo essas dedicadas, em parte, ao registro escrito de práticas orais com as quais teve contato no período de vivência no sertão norte-rio-grandense e paraibano.

Em seus escritos ele apresenta o sertanejo como aquele que por estar distante do ambiente litorâneo pôde, em partes, conservar elementos originários da cultura sertaneja. Um desses aspectos seria fruto da ação dos cantadores, figura que também se apresenta em sua obra como uma das identidades possíveis do homem sertanejo. Em sua obra o cantador dos sertões é apresentado como o

[...] registro, a memória viva, o Olám dos etruscos, a voz da multidão silenciosa, a presença do Passado, o vestígio das emoções anteriores, a História sonora e humilde dos que não têm história. É o testemunho, o depoimento. Ele analfabeto e bronco, arranhando a viola primitiva, pobre de melodia e de efeito musical, repete através das idades, a orgulhosa afirmativa do “velho” poema de Gonçalves Dias: - ‘Meninos, eu vi...’ (CASCUDO, 2005, p. 128).

A figura do cantador é apresentada em seus escritos como o sujeito que tem raízes nas práticas dos aedos gregos, dos helenos, dos trovadores medievais e de outros sujeitos que, na concepção cascudiana, realizavam, tempos atrás, cantorias semelhantes àquela desenvolvida por esses sertanejos.

Além do cantador, que estaria desaparecendo do sertão nordestino, outros elementos que marcam a cultura sertaneja a exemplo das tradicionais vaquejadas estariam desvanecendo no interior norte-rio-grandense. Em substituição, Cascudo afirma se deparar com os campos de *football* que penetram o sertão, modificando, para além da paisagem daquela região, o imaginário daquela população, por isso atenta para a necessidade de uma preservação cultural desse sertão de outrora.

3.2.3 “Os hábitos ficavam os mesmos, de pai para filho [...]”⁸⁸: a necessidade de preservação de uma cultura.

Por considerar o ambiente sertanejo como a base para a reflexão em torno da cultura popular, Câmara Cascudo considerava de fundamental importância que o sertão fosse valorizado em estudos como os que ele desenvolvia. Independente da temática que contemplasse, sobre a indumentária, o vocabulário, suas danças, crenças ou qualquer outro elemento, esses deveriam permitir a valorização dessa cultura que em seu pensamento estava cada vez mais descaracterizada e ameaçada de extinção. Ao afirmar isso, destaca o próprio movimento que realizava ao priorizar esse espaço em suas obras, já que ao alertar sobre a necessidade da produção de estudos que contemplassem o sertão ele ressaltou e valorizou pesquisas e escritos sobre esse espaço nas quais o Nordeste e, sobretudo, o espaço sertanejo era representado por temáticas tão fundamentais nos ensaios sobre esse ambiente, “[...] a seca e com ela o êxodo ou a

⁸⁸ Idem, ibidem. p.13.

retirada e os flagelados, o cangaço, o coronelismo e o messianismo” (ALBUQUERQUE JR., 2013, p.116).

A correspondência com Mário de Andrade exemplifica a preocupação de ambos em ressaltar em suas produções elementos que, em suas concepções, representassem a cultura popular brasileira. Para o pesquisador potiguar tais elementos culturais poderiam ser encontrados no espaço sertanejo, daí sua preocupação em se estudar tal região. Em uma carta enviada a Mário de Andrade datada de 04 de setembro de 1925, Cascudo afirmava estar

no meio de vaqueiros e cantadores. Não há luz elétrica. A coisa que me lembra, e detestavelmente o progresso, é o meu Ford que está parado debaixo do telheiro. Não posso mandar-lhe fotografias dessa terra admirável. Deus inda há de fazê-lo vir até aqui para que V. fique sertanejo toda a vida e mais seis meses. E que sensação de paz... à mesa de jantar sentamo-nos 30 pessoas. Os criados, vaqueiros, tangedores, os convidados, *a gente de fora* e o curador de rasto ficaram reunidos [...] E as “prosas”. Quanta coisa linda... Se V. estivesse aqui ouvindo o cantador e as histórias dos vaqueiros [...] (MORAES, 2010, p. 60).

A preocupação com as transformações no espaço sertanejo está presente não apenas nas obras acerca do ambiente sertanejo, mas também nas cartas que ele endereçou a Mário de Andrade. Essa última citação ilustra a admiração de Cascudo pelos elementos e práticas encontrados em sua visita ao sertão norte-rio-grandense em setembro de 1925. Menos de um ano após essa correspondência é direcionada ao escritor paulista outra carta datada do dia 26 de junho de 1926 na qual é reafirmada a necessidade de visita as terras sertanejas, não só por causa da beleza da cultura sertaneja, mas sim porque essa tal como a paisagem desse espaço estaria se descaracterizando. Ele decreta sua sentença para tal espaço, afirmando que:

[...] era pra vir dentro duns (sic) trinta meses porque o sertão está morrendo engolido pelos açudes, pisado pelo Ford, cego pela lâmpada elétrica [...] A casa grande derribou-se. Agora inaugura-se o estilo bolo de noiva com requififes e pendurucalhos nas paredes. Vaqueiros? Sumiram-se. [...] Morre a vaquejada e com ela duzentos anos de alegria despreocupada e afoita (MORAES, 2010, p.111).

A narrativa que Cascudo constrói para o elemento popular remete às relações que estabelece com o sertão, se constituindo a partir de marcas políticas e culturais de suas experiências nesse ambiente. Vivência ocorrida em dois momentos da trajetória

casquidiana, na infância quando realiza viagens em busca de cura para algumas das enfermidades que lhe afligiam e posteriormente quando passa a realizar expedições nessa região para a inauguração de obras públicas, experiências que são utilizadas como argumentos de legitimação do pensamento que estabelece para a cultura popular.

Pensamento que está associado à formação conservadora desse intelectual e que, em grande medida, é centrada na oposição entre o litoral e o sertão, sendo o primeiro vinculado a uma concepção moderna e o outro a uma característica tradicional. Nesse sentido o sertão passa a ser vislumbrado como um espaço onde é possível encontrar uma tradição pura e isso seria a justificativa necessária para uma defesa do distanciamento entre essa região e o litoral. Dicotomia que também se expressa na discussão em torno dos elementos literários encontrados no sertão norte-rio-grandense, são eles a literatura oral e a letrada que se aproximam de um tradicionalismo e de uma modernização, respectivamente.

É no espaço sertanejo que Cascudo parece encontrar não só suas raízes, mas também as origens de uma suposta identidade brasileira, por isso a necessidade de preservação da cultura ali expressada. Cultura popular que é apresentada em seus escritos por meio de elementos religiosos, políticos, literários, culinários e outros que refletem aspectos semelhantes àqueles que encontramos ao analisar a trajetória casquidiana, como a aproximação com o catolicismo, com uma concepção conservadora e com uma defesa de um tradicionalismo.

Nessa perspectiva, Cascudo acaba por atribuir uma visão estática ao sertão e aos indivíduos que ali habitam, condenando e lamentando qualquer transformação em suas raízes. Ao observar as mudanças que o novo período histórico possibilita ele acaba por assumir a missão do pesquisador que deseja resgatar tais elementos do esquecimento.

Em tal movimento verificamos suas afirmações acerca da cultura sertaneja, já que ao discorrer sobre as práticas culturais encontradas no sertão ele realiza constantemente uma oposição entre aquilo que era encontrado por ele no período de vivência no sertão e as transformações que o afastam daquele ambiente único e idealizado em suas reminiscências. A partir disso identificamos o provincianismo que tanto exalta em suas produções, característica que não se refere apenas ao “[...] sentido geográfico da palavra, mas no sentido de colocar a província e seus moradores como uma antítese em relação a modernidade expressa nos grandes centros urbanos” (SOUZA, 2006, p. 264).

É a partir dessa negação do elemento moderno que justifica a escolha pelo sertão norte-rio-grandense e paraibano. Em carta enviada a Mário de Andrade em 24 de setembro de 1926, ele afirma a diferença entre os sertões encontrados na região, destacando que “o sertão de Pernambuco possui a desvirtude de uma influência estrangeira mais intensa que o meu” (MORAES, 2010, p.120). A presença de elementos modernos que afastam o sertão dos tempos de outrora é apresentado em sua narrativa não só como um exercício de lamentação, condenação e descaracterização daquele espaço, mas também como um elemento que o distingue dos demais.

Considerando que entre os elementos que compõe a cultura popular encontramos aqueles que remetem a uma concepção política, podemos afirmar que a reflexão que o intelectual estabelece em torno da cultura popular, a partir de sua experiência no espaço sertanejo, possibilita verificar a relação que em determinado momento Cascudo estabelece com a Ação Integralista Brasileira (AIB), na qual ocupou o posto de chefe provincial do integralismo. Para Margarida de Souza Neves (2005), os relatos da viagem que produziu naquele período apresentam cinco referências explícitas de sua simpatia pelos ideais integralistas, entre essas a “[...] defesa do conceito de raça pura a inferências eugenistas; da ênfase na família como princípio e fundamento da sociedade à insistência de termos relativos à pureza de sangue” (NEVES, 2005, p.15).

Considerando que as viagens que empreendeu e a produção de relatórios que apresentaram suas impressões coincidem com a ocupação do posto oficial de representação do movimento integralista bem como expressam ideais postas por tal movimento, podemos inferir tal posição política que posteriormente seria esquecida em seus escritos memorialísticos. Mesmo que não fosse filiado a qualquer partido, podemos perceber por meio de seu círculo de amigos e sua atuação em alguns momentos, traços de sua posição política. A viagem pelo sertão norte-rio-grandense expõe isso, pois, como afirma Mirella Farias (2001), essa foi feita com

[...] o objetivo de conquistar apoios políticos nas diferentes cidades do Estado, além de servir como uma forma de propaganda do próprio governo interventor, que ao passar pelas cidades inaugura obras públicas, promete benfeitorias, enfim, tenta de todas as maneiras possíveis estabelecer contatos com as lideranças políticas das mais distintas regiões e também conquistar apoio nas camadas populares, seu cunho explicitamente político é evidente, e não depende do teor dos discursos de seus acompanhantes (FARIAS, 2001, p.24).

Todavia, se nas obras acerca da cultura sertaneja Cascudo nos aponta pistas que permitem verificar sua participação em diferentes movimentos políticos, ao se dedicar a produção de escritos autobiográficos ele passa a silenciar tal inserção, não se remetendo às ações que desenvolveu nesse período junto às lideranças da AIB e posteriormente durante o governo de Getúlio Vargas.

Acreditando que tal processo remete à categoria de *silêncio fundante*, visto que, entre outras questões, ele é realizado pelo próprio sujeito silenciado, buscamos no próximo capítulo analisar como tal processo se efetiva problematizando as marcas políticas em sua trajetória e como essas passaram de um processo de *exaltação* a um processo de *silenciamento*. Dedicamos-nos ainda a uma reflexão em torno de sua associação com dois movimentos literários que também mantém relação com um silenciamento na escrita cascudiana são eles: o Modernismo e o Regionalismo-tradicionista.

Em relação ao direcionamento de Câmara Cascudo para a produção de escritos memorialísticos, podemos afirmar que eles são analisados enquanto produções que visavam à concretização de um projeto de memória e da construção de uma imagem para si. Elaboração que se dá por meio da utilização de táticas de escrita, empregando tais reminiscências como uma produção de verdades sobre os acontecimentos. Em consequência disso surgem questionamentos como: *Quais táticas são aplicadas para efetivação da memória que deseja construir de/para si? Quais acontecimentos são silenciados de sua narrativa? Quais temáticas são recorrentes em suas reminiscências?* São essas questões que no próximo capítulo pretendemos problematizar.

4. CAPÍTULO 03: AS ARTES DA ESCRITA: A UTILIZAÇÃO DAS MEMÓRIAS COMO PRODUÇÃO DE VERDADE SOBRE OS ACONTECIMENTOS.

Outono de 1934, após o jantar e ao cair da noite no interior norte-rio-grandense Câmara Cascudo se reúne com Alcides Franco⁸⁹, também integrante da comitiva do Interventor Federal Mário Câmara, dentro do automóvel da Ford e começa a tecer uma conversa que tem como tema central “[...] integralismo, toponímia, algodão” (CASCUDO, 2009, p.23), dos diálogos com os integrantes da comitiva e ainda quando se refere a Plínio Salgado, líder da Ação Integralista Brasileira (AIB). Para Cascudo é “[...] um encanto narrar como Plínio Salgado começou com nove rapazes e tem duzentos mil em dois anos, com o silêncio dos jornais e todas as baterias do ridículo assestadas contra ele” (CASCUDO, 2009, p.28). Nessa perspectiva, a referência que realiza ao integralismo aparece não somente por meio de afirmações em torno do conceito de raça pura, mas também por meio de citações diretas da palavra “integralismo” quando narra as conversas com os moradores das cidades visitadas e com os demais integrantes da comitiva.

Considerando que a memória é constituída por silêncios, esquecimentos e recorrências, identificamos tais mecanismos como táticas de escrita na produção cascudiana. As discussões teóricas em torno dos silêncios na narrativa aparecem enquanto alternativas de encobrimento e/ou do indizível, isto é, a incapacidade de comunicação quando essa remete a experiências traumáticas. Entre as táticas de escrita que Câmara Cascudo utilizou para construir suas memórias identificamos os silenciamentos e as temáticas recorrentes em sua narrativa. Entre os silenciamentos destacamos aqueles que se referem a sua participação política e, entre estes, seu apoio e atuação no movimento Integralista e a simpatia pelos ideais fascistas, além da não oposição ao Golpe Militar de 1964⁹⁰.

O *silêncio* é vislumbrado como a possibilidade de sustentar “[...] um projeto ou uma identidade; elimina o passado em favor de um presente, dum (sic) futuro que se

⁸⁹ Chefe da segunda seção técnica do Serviço de Plantas Têxteis.

⁹⁰ O sentimento anticomunista é apontado como o principal motivo para a não objeção de Cascudo a ditadura, contudo ele é apontado como um dos que abrigou em sua residência sujeitos perseguidos pelos militares.

pretende construir, ou da identidade do grupo portador da lembrança” (GUIMARÃES, 2010, p.05). Tais mecanismos são moldados “[...] pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos” (POLLAK, 1992, p.8).

O silêncio é apontado por Orlandi (2011) como um fato produzido na linguagem, mesmo que nesta ocupe um lugar secundário. Nessa perspectiva, não se deve vislumbrar tal elemento como um acidente, mas sim como parte do funcionamento da linguagem bem como considerar que “[...] há silêncios múltiplos: o silêncio das emoções, o místico, o da contemplação, o da instrospecção, o da revolta, o da resistência, o da disciplina, o do exercício do poder, o da derrota da vontade, etc” (ORLANDI, 2011, p.42).

A pesquisadora indica ainda que a dificuldade de falar do silêncio remete à dispersão que lhe é própria, visto que o silêncio não dura, ele é essencialmente fugaz. A atual sociedade concedeu um lugar subalterno ao silêncio, pois remete constantemente a uma valorização e a uma urgência do dizer. A autora conclui que o silêncio não é ausência e que apesar de estar interligado o silêncio não remete ao dito ele significa por si.

Considerando que o silêncio remete a significados e que compreende um *discurso*, referindo-se a uma forma de não dizer o que se diz e que só pode ser aprofundado a partir de análises de outros momentos discursivos e em comparações com práticas discursivas e não discursivas; podemos afirmar que tal silêncio só é compreensível por intermédio das pistas e marcas, visto que ele se mostra por meio de rupturas, isto é, quebras nos discursos que são compreensíveis a partir de seus efeitos e de seus modos de significação, não tendo seu sentido derivado do sentido das palavras.

Dualidade entre o *não dito* e aquilo que é confessado na escrita e/ou fala, sendo o último vislumbrado como aquilo que pode ser transmitido ao exterior. Tais memórias são construídas a partir de referências ao passado que, por sua vez, servem “[...] para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis” (POLLAK, 1992, p.9).

Por meio dos seus escritos de memórias, Câmara Cascudo nos reporta ao projeto de uma memória em torno da construção da imagem de um sujeito coerente, que utiliza o passado em sua escrita não só como objeto de estudo, mas como possibilidade de produzir um lugar para si por meio dos silenciamentos e recorrências que opera em sua escrita.

A relação de Câmara Cascudo com o contexto político do Rio Grande do Norte se inicia durante sua infância por meio de seu pai, sujeito que além de comerciante foi também deputado estadual. Desde cedo, Cascudo “[...] esteve envolvido com importantes figuras do cotidiano político [...] Seu pai foi homem influente e possuía força nas decisões políticas, principalmente na capital, Natal” (TORQUATO, 2008, p.22).

Considerando as funções políticas que ocupou e seus escritos, a exemplo de *Viajando o Sertão* (1934), bem como de outros que lhes foram pares, inclusive no que se relaciona aos estudos folcloristas, podemos perceber que

ao contrário do que querem fazer crer, o trabalho folclórico está longe de ser um trabalho apolítico ou despolitizado. Se Câmara Cascudo com frequência se disse avesso à atividade política, **dela participou ao longo de toda sua vida**: crítico da República, no entanto chegou a ser nomeado deputado estadual, em 1930, como membro da oligarquia local; foi chefe da seção da Ação Integralista Brasileira no Rio Grande do Norte e membro do Conselho dos Quatrocentos, além de saudar com entusiasmo um movimento monarquista organizado nos anos 1930; anticomunista, apoiou o Estado Novo e, mais tarde, o golpe militar de 1964. (grifo nosso) (ALBUQUERQUE JR, 2013, p.58).

Entre os acontecimentos que contestam a posição assumida por ele nas autobiografias temos sua eleição para deputado estadual⁹¹ pelo Partido Republicano Federal⁹², em 27 de julho de 1930, eleito com 9.466 votos apontados como fruto do prestígio social de seu pai e do apoio do Governador Juvenal Lamartine.

Além da sua inserção nesse meio podemos afirmar que sua trajetória é marcada pelo atravessamento de acontecimentos políticos que determinariam algumas de suas ações, entre eles citamos a influência de Getúlio Vargas. A política de intervenção instituída pelo político teria sido a principal responsável pela falência do Coronel Cascudo em 1932, que resultou na perda do apoio político local, apontado como a única possibilidade de contornar a crise financeira que se instalara.

Remete ainda à década de 1930 sua associação com a Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento do qual foi chefe local. Tal participação remete a um contexto no

⁹¹ Na autobiografia intitulada *O tempo e eu* ele afirma que devido a eclosão da Revolução de 1930 Cascudo só exerceu o mandato por cinco dias.

⁹² O Partido Republicano Federal (PR Federal) foi a primeira tentativa de estabelecimento de um partido político nacional durante a República Velha. Surgiu em 1893, com a fusão do Partido Republicano Paulista com clubes republicanos estaduais. Em 1896, se desestruturou em razão de crises internas.

qual as ideologias nacionalistas circulavam com facilidade e rapidez nos meios intelectuais.

Sujeitos como Cascudo e outros⁹³ passaram a se engajar nessa organização atuando não só nas reuniões como também na produção de artigos sobre o assunto, centrando a discussão em temáticas que “[...] tratam não somente da doutrina pliniana, mas, ainda, do marxismo-leninismo, do comunismo estalinista, educação e moral comunista, filosofia chinesa, cinema, música, história do Brasil, fascismo e nazismo” (CORTEZ, 2002, p. 02).

Em oposição a essa negação verifica-se tanto a referência explícita a Câmara Cascudo em periódicos relacionados ao integralismo, como no jornal *A Offensiva*⁹⁴, quanto em obras publicadas por ele que retratam a simpatia pelos ideais de tal movimento, bem como remetem às relações estabelecidas com líderes da AIB. Além disso, Cortez (2002)⁹⁵ aponta a publicação de artigos escritos por Cascudo quando era atuante político e jornalista integralista.

⁹³ O folclorista cearense Gustavo Barroso também participou da Ação Integralista Brasileira, e é apontado como um dos responsáveis por inserir Cascudo nesse meio político.

⁹⁴ Periódico publicado no Rio de Janeiro e responsável por divulgar notícias sobre o movimento integralista no Brasil. Inicialmente só podia ser adquirido por meio de assinatura, sua existência era associada a necessidade de angariar fundos para o pagamento de funcionários e para propagação dos ideais integralistas.

⁹⁵ CORTEZ, Luiz Gonzaga. Câmara Cascudo, o jornalista integralista. São Paulo: Editora GRD, 2002.



Imagem 3 – Periódico *A Offensiva*, no qual Câmara Cascudo publicou grande parte de seus artigos defendendo a ideologia do integralismo bem como realizando a divulgação de tal movimento.

Em *Viajando o Sertão* (1934), é possível verificar a relação de Cascudo com a Ação Integralista Brasileira (AIB), já que durante a realização da viagem pelo sertão que resultou na confecção de tal obra, ele ocupou o posto de chefe provincial do integralismo. Verificamos a presença de Câmara Cascudo com integrantes do movimento em duas fotografias, uma delas na frente de sua residência em Natal, o que sugere um contato mais íntimo com os *camisas verde*⁹⁶.

⁹⁶ Os integralistas se apresentavam, oficialmente, uniformizados. As camisas e capacetes eram verde-oliva, as calças eram pretas, brancas ou cáqui e as gravatas pretas.



Imagem 4 - Câmara Cascudo (o primeiro em pé e a esquerda) em reunião com integrantes da AIB. Fotografia tirada em Acari (RN). Sem data.



Imagem 5 - Câmara Cascudo (o quarto na primeira fileira e a direita) em fotografia com integrantes da AIB em frente a sua residência em Natal (RN).

Câmara Cascudo é apontado por muitos como um dos membros de maior destaque da AIB, prestígio relacionado com o início de seu reconhecimento enquanto intelectual da cultura popular. O artigo *Suborno* escrito por Cascudo em 04 de setembro de 1934 como uma espécie de resposta as acusações de ter recebido pagamentos ilegais pelo empreendimento de *caravanas interventoriais* o intelectual potiguar faz uma série de referências a sua associação com o integralismo se apresentando como “Chefe provincial da A.I.B do Rio Grande do Norte” (CASCUDO, 1934)⁹⁷ e afirmando que “Aos ‘camisas – verdes’ de minha Província não dou explicações, **porque eles me conhecem de perto** [...]” (grifo nosso) (CASCUDO, 1934), trecho que evidencia sua aproximação com os integrantes de tal organização. O Integralismo, enquanto movimento, passa a exercer grande influência nos meios elitizados em que Cascudo circulava, referência apresentada tanto pelos participantes da organização quanto na imprensa destinada à divulgação das notícias integralistas.

Apesar de nesse período Cascudo discursar explicitamente sobre sua adesão ao movimento integralista, nas suas produções autobiográficas tal atuação é silenciada ou referenciada de forma implícita, como ocorre na obra publicada em 1971 e intitulada *Ontem: imaginações e notas de um professor de Província*. Nesta, no capítulo denominado *Um assunto para Ibsen*, ele trata das memórias de um jantar ocorrido na década de 1930 com cerca de seis a oito personagens, no qual “[...] deram a conversar no elogio da revolução destinada a purificar os Costumes, higienizar a Economia, desprestigiar e substituir a torva Habilidade pela limpa Competência. Os comensais comandariam soldados, dinheiro, popularidade [...]” (CASCUDO, 2010, p.168). Considerando a inserção política de Cascudo naquele contexto e os ideais propagados pelo movimento integralista, podemos afirmar que as recordações de tais eventos referem-se às reuniões com os *camisas verdes*.

Podemos considerar que a própria trajetória intelectual de Câmara Cascudo é atravessada por um movimento politizado, visto que a abordagem da cultura popular que realiza é uma defesa não só pela memória de tais manifestações, mas também das relações sociais e da estrutura política e econômica a qual pertence. Por conseguinte,

a fabricação da cultura popular se faz na saudade de reis, rainhas, condes, barões, castelos, reinos, feudos, bandeiras, cortejos, que apareciam como elementos constituintes e participantes de várias atividades culturais e semióticas das camadas populares, recém-saídas

⁹⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Suborno*. *A República*, 04 de agosto de 1934.

da sociedade monárquica. É nelas que as elites em declínio vão encontrar ainda viva uma memória da sociedade estamental e hierárquica que se transformava rapidamente (ALBUQUERQUE JR. 2013, p.60).

A relação política de Cascudo com algumas formas de governo é destacada por Albuquerque Jr. (2003)⁹⁸ ao analisar uma aproximação entre a formação discursiva sobre a cultura popular em Câmara Cascudo e nos pesquisadores ibéricos dedicados a mesma temática. O historiador brasileiro destaca que muitas são as similitudes entre o etnólogo potiguar e os estudiosos espanhóis. Tanto na forma como enxergam o passado, sendo retratado como um momento glorioso e que por isso deve ser redescoberto, revivido e reencarnado, quanto na concepção do povo enquanto uma entidade marcada essencialmente pela religiosidade e por uma espécie de “saudosismo monárquico”, que parece de acordo com a posição pró-monárquica de Cascudo.

Outro silenciamento identificado na produção autobiográfica de Câmara Cascudo remete a sua associação com o movimento regionalista. O historiador Albuquerque Jr (2013) ao atentar para a influência do Centro Regionalista e, sobretudo, de Gilberto Freyre na concepção de uma identidade nordestina e consequentemente nos estudos sobre essa região, atenta que

embora constantemente silenciado a sua aproximação com as ideias de Freyre e tenha omitido suas relações com os Regionalistas e Tradicionalistas, aqueles episódios mostram que Luís da Câmara Cascudo não passou ao largo do movimento cultural encabeçado pelo sociólogo pernambucano (ALBUQUERQUE JR. 2013, p. 95).

Apesar de silenciar em suas autobiografias⁹⁹ sua participação em tal movimento intelectual, a presença de Cascudo no Recife durante a década de 1920,¹⁰⁰ bem como o estabelecimento de relações pessoais com membros do Centro Regionalista e sua proposta de representar o Centro no Rio Grande do Norte, sugerem sua inserção no meio regionalista.

⁹⁸ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Invenção da Cultura Popular: Uma História da relação entre eruditos, intelectuais e as matérias e formas de expressão populares na Península Ibérica e Brasil (1870-1940). Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.184.pdf> acessado em 10 de mar. de 2016.

⁹⁹ Silenciamento presente não só nas produções cascudianas, mas também nas biografias produzidas sobre esse intelectual.

¹⁰⁰ De 1924 a 1928 Câmara Cascudo viajava frequentemente para Recife ,já que frequentar a Faculdade de Direito.

Citamos como exemplo de sua participação a troca de correspondências com Gilberto Freyre que sugerem não só uma aproximação com o intelectual pernambucano, como, em uma delas, datada de 1940, Câmara Cascudo se nomeia como sócio do Centro e faz referência ao presidente dessa organização, Odilon Nestor. Nessa, afirma: “Aqui fica, o **velho sócio** do “Centro Nacionalista do Recife”, na sede no Odilon Nestor, a quem V. indigestou¹⁰¹ fazendo-o comer nove beijos secos. Abraço. Luís da Câmara Cascudo”¹⁰² (grifo nosso) (CASCUDO, 1940).

Há ainda a abordagem do elemento popular e da ideia de Nordeste que Cascudo passa a tratar em suas obras, noções condizentes com o pensamento difundido por intelectuais regionalistas e tradicionalistas.

Intelectuais com os quais Cascudo estabeleceu contato não só em Recife, mas também no Rio Grande do Norte, por meio da influência de Eloy de Souza e Henrique Castriciano, ambos pertencentes ao movimento regionalista e que chegaram a participar da produção do *Livro do Nordeste* organizado por Gilberto Freyre e lançado em 1925, já Cascudo foi “[...] convidado a não só escrever um artigo para *O livro do Nordeste*, como foi encarregado por Freyre de conseguir outras contribuições para esta publicação” (ALBUQUERQUE JR. 2013, p.100). Em carta enviada em 17 de março de 1925, Freyre afirma esperar “[...] um trabalho sugestivo sobre estes cem anos de vida em Natal [...]” (FREYRE, 1925)¹⁰³, produção que não se concretizou assim como a participação de Câmara Cascudo no *Congresso Regionalista do Nordeste*, outro momento marcante do movimento regionalista. Contudo, a presença do intelectual potiguar se efetiva em outro evento do Regionalismo-tradicionalista, trata-se do centenário do periódico *Diário de Pernambuco* no qual Cascudo não só se fez presente como apresentou um de seus textos, participação que é destacada por alguns dos jornais natalenses.

É interessante pensar que o próprio Gilberto Freyre referencia Cascudo como um dos integrantes de tal movimento, atribuindo às obras etnográficas desse pesquisador potiguar a continuidade das ideias difundidas na década de 1920 pelo Centro Regionalista. Faz ainda referência ao intelectual potiguar em suas obras, incluindo-o como um dos regionalistas, a exemplo do prefácio do *Manifesto Regionalista* no qual

¹⁰¹ Cascudo faz referência a dieta regionalista apreciada por Gilberto Freyre e que era servida nos encontros do Centro.

¹⁰² Carta de Câmara Cascudo a Gilberto Freyre. 1940. Acervo da Fundação Casa de Gilberto Freyre.

¹⁰³ FREYRE, Gilberto. [Correspondência enviada a Luís da Câmara Cascudo]. Recife, 17 de mar. 1925. 2p Carta. Acervo do Memorial Câmara Cascudo.

afirma “[...] os de pesquisa etnográfica, folclórica, podendo ser destacado dentre outros, os magistrais trabalhos de Luís da Câmara Cascudo, os de seus discípulos em Natal [...]” (FREYRE, p.21)¹⁰⁴

O historiador Sales Neto (2008) indica a década de 1970 como a responsável por emergir a associação de Câmara Cascudo com o movimento modernista, que passou a ser apresentado como eixo de explicação de toda sua obra. Assim sendo, o “regionalismo na obra de Cascudo foi, a partir de então, silenciado, negado e retirado das explicações que se detinham no estudo do pensamento cascudiano” (NETO, 2008, p.55).

Identificamos em suas produções memorialísticas a recorrência a tal associação, referência que perpassa obras autobiográficas como *Gente viva*, na qual destaca a sua relação com outras figuras associadas a sua participação no movimento cultural do século XX¹⁰⁵, e seu contato com outros intelectuais que se engajaram em tal projeto. Sendo o objetivo central da obra apresentar “[...] muitos de seus companheiros de geração. Quer fazê-los falar, dar o testemunho de suas experiências, suas contribuições no delineamento de um tempo cultural, essa é a utopia de Cascudo” (HOLANDA, 2010, p. 87).

Contudo, a identificação com tal movimento é apresentada como anterior a esse período, remetendo a década de 1920, sobretudo por meio do contato que estabelece com Mário de Andrade, um dos líderes do modernismo no Brasil. Tal referência acaba por ignorar uma possível influência de Monteiro Lobato na escrita cascudiana, pois com as críticas que realiza ao modernismo o escritor paulista passa a ter sua imagem dissociada de tal movimento. Em consequência disso,

[...] a importância de Monteiro Lobato na divulgação da obra de Cascudo é ignorada por quem a estuda, uma vez que estes optam por explorar a relação de Cascudo com Mário de Andrade, que se consagrou junto ao modernismo e se tornou o principal nome da história deste movimento, iniciado em 1922. (NETO, 2008, p. 103)

É resultante de tal processo a associação de toda a produção de Câmara Cascudo com uma influência do movimento modernista e, sobretudo de Mário de Andrade. Apresentando-o como o responsável pelo direcionamento na escrita cascudiana ao

¹⁰⁴ FREYRE, Gilberto. O movimento regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista do Recife.

¹⁰⁵ Esse se referia ao movimento modernista destacando figuras que tiveram grande importância no Nordeste, a exemplo de Farias Neves Sobrinho, Ancenso Ferreira, destacando Guilherme Almeida, apresentando-o como militante modernista.

analisar uma cultura popular brasileira. Em oposição a isso consideramos que “[...] não foi o modernismo que levou Câmara Cascudo ao folclore, mas sim a tradição intelectual regional e provinciana. O modernismo veio para somar, apenas acrescentou elementos ao estudo folclórico cascudiano” (NETO, 2008, p. 98).

4.1 *Letrados de todo Brasil uni-vos!:* O integralismo silenciado nas lembranças cascudianas.

Câmara Cascudo uma das expressões mais patrióticas, umas das personalidades mais decididas.

Veterano do nosso movimento, antigo Chefe Provincial do Rio Grande do Norte, atual membro da “Câmara dos Quatrocentos”¹⁰⁶ da AIB, vulto de destaque na sociedade potiguar, onde ocupou cargos de relevância na vida pública, aquele nosso companheiro merece toda a nossa admiração e todo o nosso louvor

[...] Dentre seus líderes, estava o escritor e professor Luís da Câmara Cascudo, membro do primeiro triunvirato que dirigiu o movimento no estado. Em 1934, aos 36 anos de idade, ele se tornou o primeiro ‘chefe provincial’ do integralismo estadual. Nessa função, foi um dos principais divulgadores da ideologia facista/integralista, não apenas entre os jovens estudantes do Colégio Atheneu, mas, sobretudo, em cidades do interior, as quais percorreu pregando o facismo brasileiro¹⁰⁷

18 de setembro de 1937, o periódico *A Offensiva*, destinado à divulgação de artigos e outros materiais relacionados ao integralismo, circula uma propaganda que faz referência a um de seus líderes. Luís da Câmara Cascudo, intelectual potiguar, é aludido como um homem de relevância na vida pública, de destaque no cenário integralista e assim como outros membros do movimento é conferido a ele o posto de *herói*, de sujeito capaz de promover as mudanças necessárias à nação.

A inserção de Câmara Cascudo no movimento integralista remete a década de 1930, período de intensa efervescência política e ideológica. Naquele período eram inúmeras as correntes políticas desde anarquistas, republicanos, monarquistas e integralistas. Contexto marcado por

¹⁰⁶ A Câmara dos Quatrocentos era a segunda fileira na escala hierárquica da AIB.

¹⁰⁷ [Sem autoria] *A Offensiva*. Rio de Janeiro. 18 de set. de 1937.

[...] condições de perturbadora anarquia de ideias e de falta de orientação dos elementos que personificavam as forças dirigentes da política nacional. As expressões clássicas de direita e esquerda e os rótulos ultramodernos de escolas e doutrinas da atualidade podiam ser distribuídos quase ao azar, tão rápidas e surpreendentes eram as evoluções em que as peças do jogo políticos se deslocavam de um campo para o outro sob a pressão de circunstâncias ocasionais e de incidentes efêmeros (TORQUATO, 2008, p. 29).

Todavia a aproximação com o meio político remete ao início de sua formação intelectual, originária em um meio tradicionalista do qual ele incorporou o pensamento conservador que mais tarde influenciaria suas escolhas, a posição política que assumiu e sua efetivação se daria por meio de seus escritos.

A década de 1920 destaca a influência de questões políticas na trajetória desse intelectual. Nesse contexto, sua família enfrenta crescentes dificuldades financeiras, intensificadas com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, que resultou no aceleração da falência de seu pai, o Coronel Francisco Cascudo. Dono da Casa de Comércio de Importação e Exportação do Rio Grande do Norte o pai de Cascudo dependia do Governo Local para o qual fornecia produtos e serviços que foram limitados com a implantação da política intervencionista estabelecida por Getúlio Vargas, resultando na perda do apoio político, o que implicava em uma redução da manutenção dos privilégios da família Cascudo.

Outra referência a sua aproximação com o contexto político da época remete ainda a década de 1920 quando Cascudo inicia sua trajetória intelectual por meio de publicação de artigos no periódico *A República*, órgão de imprensa oficial do Estado. São os escritos para tal jornal os responsáveis por ampliar o círculo social no qual estava inserido possibilitando que ele estabelecesse relações com políticos locais visto que grande parte das publicações desse periódico eram resultados de encomendas e/ou financiamentos do Governo Local.

Algum tempo depois, em outubro de 1932, no Teatro Municipal de São Paulo, foi iniciado o projeto de Plínio Salgado¹⁰⁸, um movimento de extrema direita nomeado de Ação Integralista Brasileira (AIB), “fundado sob o lema “Deus, Pátria e Família”,

¹⁰⁸ A fundação de um movimento com as características que a AIB possuía remete a uma aproximação com o fascismo italiano, projeto político que Plínio Salgado conheceu em uma viagem que fez à Europa e Ásia na década de 1930.

[...] caracterizou-se por possuir um pensamento tradicionalista¹⁰⁹, conservador e cristão, além de ser caracteristicamente um movimento com uma organização hierárquica, patriarcal e autoritária” (TORQUATO, 2008, p.24). O movimento integralista se formou a partir de um grupo de estudos sediado em São Paulo denominado de Sociedade de Estudos Políticos (SEP), formado em sua maioria por membros do alto-clero brasileiro e da política oligárquica. Movimento definido como

um movimento de cultura que abrange: 1º) uma revisão geral das filosofias dominantes até o começo deste século e, conseqüentemente, das ciências sociais econômicas e políticas, 2º) a criação de um pensamento novo, baseado na síntese dos conhecimentos que nos legou, parceladamente o século passado (SALGADO, 1934, p. 87).

Contudo, só alguns meses após a fundação da AIB Cascudo inicia sua aproximação com tal movimento¹¹⁰. Em carta enviada a Mário de Andrade em 05 de junho de 1933 o intelectual potiguar afirma

O que espero receber na volta do correio aéreo é o endereço do Plínio Salgado. Ele mandou, mas perdi e preciso escrever ao homem. Não esqueça, Mário, desse pedido e me mande logo que possa. Quanto mais rápido melhor. Aqui... Nem é bom falar. O governo vinga-se da derrota criando um ambiente irrespirável. Você deve ter lido nos jornais. Nunca fomos tão falados [...] (grifo nosso) (MORAES, 2010, p.253).

A correspondência retrata não só o contexto político da época, mas também o desejo de Câmara Cascudo em se corresponder com Plínio Salgado e a urgência que apresenta em iniciar tal diálogo¹¹¹. O conhecimento de Cascudo acerca do movimento integralista é fruto de sua relação com Otto de Brito Guerra, com quem ingressou na Faculdade de Direito do Recife, ambiente ao qual se direcionava o discurso integralista visto que era formado por grande parte da juventude burguesa, considerados como

¹⁰⁹ Embora se caracterizasse como um movimento tradicionalista o integralismo buscava conciliar essa característica com uma absorção do modernismo. Sendo essa uma das características responsáveis por atrair um grande número de adeptos visto que se propõe a conciliar tendências diferenciadas.

¹¹⁰ Em 14 de julho de 1933, Câmara Cascudo assume a presidência do Núcleo da Ação Integralista no Rio Grande do Norte.

¹¹¹ Apesar do diálogo entre Câmara Cascudo e Plínio Salgado se intensificar ao longo da década de 1930, é no ano de 1921 que eles se conhecem durante uma viagem que o intelectual potiguar empreendeu a São Paulo, porém tal encontro não possuía cunho político.

aqueles que, “[...] seriam portadores dos valores tradicionais a que pertenciam, mas, ao mesmo tempo, estariam preparados intelectualmente para a modernidade, formando um corpo tradicional e ao mesmo tempo letrado que daria forma ao alicerce de sustentação do discurso integralista [...]” (TORQUATO, 2008, p.35). Além do que seriam os jovens responsáveis por conduzir o projeto integralista no futuro, se constituindo enquanto promessas de lideranças.

Outra amizade responsável por aproximar Câmara Cascudo do movimento integralista é a que estabeleceu com Gustavo Barroso, que se tornaria um dos principais líderes da Ação Integralista Brasileira. Com o intelectual compartilhou não só o posicionamento político, mas também o interesse por pesquisas de elementos da cultura popular e a concepção romântica sob a qual interpretava o folclore brasileiro. Consequentemente, o “[...] folclore e o ideário integralista acabam convergindo dentro desse ideário de tradição, nação e autoritarismo” (OLIVEIRA, 2012 p.86). A aproximação com a AIB ainda possibilita pensar a necessidade de Câmara Cascudo em não ser esquecido, visto que tornar-se-ia um marco do período, sobretudo em consequência do fato de que nesse contexto histórico a sociedade norte-rio-grandense mantinha ligação com o conservadorismo, assim como pairava no ar o medo da mudança que a modernidade trazia.

Sendo um movimento que contemplava sujeitos pertencentes ao meio conservador e cristão do cenário nacional a aproximação de Cascudo com a AIB não surpreende considerando que ele possuía valores e lugar social semelhante ao dos demais membros. Além disso, o discurso integralista se aproxima da concepção cascudiana na medida em que apontava para uma negação do elemento estrangeiro, considerado como um mal ao nacionalismo e que por isso deveria ser combatido. Referindo-se

[...] aos costumes, que estão enraizados, principalmente em nossa burguesia, embevecida por essa civilização que está periclitando na Europa e nos Estados Unidos. Os nossos lares estão impregnados de estrangeirismos; as nossas palestras, o nosso modo de encarar a vida, não são mais brasileiros. Os brasileiros das cidades não conhecem os pensadores, os escritores, os poetas nacionais [...] Vivem a engrandecer tudo que é de fora, desprezando todas as iniciativas nacionais.¹¹²

¹¹² Manifesto integralista. Disponível em <http://www.brasilrepublicano.com.br/fontes/44.pdf> acessado em 05 de março de 2017.

O Integralismo entre seus objetivos visava atribuir aos letrados uma importante função no cenário político nacional, por isso “[...] a AIB tornou-se um abrigo de letrados despossuídos – em sua maioria – de prestígio político e intelectual e que buscavam recuperar o prestígio que possuíram durante o período imperial brasileiro e na chamada Primeira República” (TORQUATO, 2008, p.52).

Tal projeto remete à noção de que naquele contexto deveria se empreender uma mudança radical no comportamento da sociedade brasileira e essa seria efetivada mediante uma revolução cultural. Visto que os integrantes desse movimento objetivavam uma transformação na forma de pensar e agir do indivíduo, isto é, o projeto abarcava uma tomada de poder por meio de uma reeducação ideológica¹¹³. Nesse sentido, o manifesto integralista acaba por convocar tais sujeitos ao afirmar “Levantamo-nos, num grande movimento nacionalista para afirmar o valor do Brasil de tudo que é útil e belo, no caráter e nos costumes brasileiros, para unir todos os brasileiros num só espírito [...]” (SALGADO, 1932, p.03)¹¹⁴.

Seriam os letrados os responsáveis por promoverem tal revolução cultural, e as funções que desempenhariam na associação seriam direcionadas para atender a tal objetivo. São elas: angariar novos adeptos, desenvolver propagandas de caráter persuasivo e resgatar práticas conservadoras, visando o desenvolvimento do nacionalismo brasileiro.

O saudosismo presente nas propagandas integralistas e direcionado para exaltação de uma antiga organização patriarcal promovia a promessa de que o clima de incerteza e insegurança que a década de 1930 instalou no Brasil acabaria. Desse modo, por meio desse discurso a AIB buscava atrair novos membros, projeto que se efetivou visto que é apontado como um dos motivos principais para a associação de Cascudo com o movimento que

[...] apresentava um plano revolucionário, aos moldes integralistas, no qual Cascudo poderia participar ativamente, desejoso que sempre fora de angariar projeção nacional para seu trabalho intelectual, cujo lugar nas primeiras fileiras da AIB lhe proporcionaria (TORQUATO, 2008, p.26).

¹¹³ Embora a AIB possuísse núcleos provinciais com forças paramilitares, tal organização não pretendia uma tomada bélica do poder, apesar de posteriormente durante o governo de Getúlio Vargas se efetivar uma ofensiva em busca da deposição desse político.

¹¹⁴ SALGADO, Plínio. Manifesto integralista. Disponível em <http://www.brasilrepublicano.com.br/fontes/44.pdf> acessado em 05 de março de 2017.

À Cascudo interessava não só uma projeção nacional, mas também encontrar em tal aliança uma forma de conseguir apoio para suas produções e que isso lhe proporcionasse um retorno financeiro, visto que sua família ainda enfrentava dificuldades após a morte do Coronel Cascudo, bem como o contato com sujeitos pertencentes ao mesmo lugar social ainda possibilitaria um amparo pessoal após a morte daquele em quem se inspirava.

Outro motivo apontado como responsável por essa aproximação é o fato da AIB se declarar um movimento apartidário¹¹⁵, isto é, sem vínculos com partidos políticos. Nesse sentido, o manifesto integralista afirma que “[...] não colaboramos com nenhuma organização partidária, que vise dividir os brasileiros”¹¹⁶, característica compartilhada por Câmara Cascudo que afirmava “[...] considerar os partidos políticos meras fórmulas desacreditadas e incapazes de uma renovação social”¹¹⁷ (CASCUDO, 1934). Tal afirmação, em certa medida, é originária da crise financeira enfrentada por seu pai apontada como resultado da política partidária daquele período. O discurso integralista possibilitava a Cascudo adotar o discurso político que desejasse já que poderia se manter no círculo político sem vincular-se com nenhum partido.

A efetivação de tal associação remete à forma como Cascudo enxergava o elemento cultural e como ele aparece no discurso integralista de Plínio Salgado, ambos com formações intelectuais e pessoais semelhantes, pensavam a cultura com poucas diferenças. Câmara Cascudo, por meio de seus escritos buscava resgatar as raízes da nacionalidade brasileira, utilizando para isso o estudo da cultura popular, pensamento semelhante àquele encontrado na ideologia do integralismo.

O manifesto integralista escrito em 07 de outubro de 1932 aponta que tal movimento se vale “[...] pelo estudo, pela inteligência, pela honestidade, pelo progresso nas ciências, nas artes, na capacidade técnica, tendo por fim o bem-estar da nação e o elevamento moral das pessoas” (SALGADO, 1934, p.01)¹¹⁸. Nessa perspectiva, consideramos que o elemento cultural é apontado como um dos destaques do discurso integralista. Por meio da revolução cultural seria possível promover e reunir condições para resgatar a cultura popular e por meio dela promover o fortalecimento do nacionalismo brasileiro.

¹¹⁵ Apenas em 1934 a AIB se transforma em um partido político.

¹¹⁶ Manifesto integralista. Disponível em <http://www.brasilrepublicano.com.br/fontes/44.pdf> acessado em 05 de março de 2017.

¹¹⁷ A República. Natal, 04 de setembro de 1934.

¹¹⁸ SALGADO, Plínio. Manifesto integralista. Disponível em <http://www.brasilrepublicano.com.br/fontes/44.pdf> acessado em 05 de março de 2017.

Seria por meio das produções de integralistas como Câmara Cascudo, que o povo teria acesso ao conhecimento dessa cultura, visto que no discurso dos *camisas verdes* o povo “[...] não tinha a consciência e nem reconhecia que possuía essa cultura de fato” (TORQUATO, 2008, p. 37), e, ainda, “[...] não tinha capacidade de interrogar-se, não sabia as origens daquilo que possuía. Afinal, isso não era seu dever, esse era dever do intelectual” (TORQUATO, 2008, p.37), por isso o quadro de homens pensantes que constituíam a base do integralismo, seria o responsável por conduzir o povo. Tais homens eram diferenciados a partir de “[...] suas aptidões, pois cada homem tem uma vocação própria e é o conjunto dessas vocações que realiza a grandeza da nacionalidade e a felicidade social”.¹¹⁹

Promessa que surgiu em um momento favorável visto que ao longo da década de 1930 os eruditos estavam sendo marginalizados por uma sociedade que cada vez mais exigia escritos científicos legitimados, isto é, respaldados por instituições acadêmicas. Característica que não estava presente na escrita de Câmara Cascudo e de outros intelectuais desse período, sendo tal narrativa produto do século XIX no qual não existia um padrão de regras a ser seguido não atentando para a citação de fontes, notas de rodapé e referências à bibliografia utilizada.

O próprio objeto de análise desses estudiosos era alvo de marginalização por essas instituições acadêmicas, visto como um “saber menor” que era objeto de meras observações sem o emprego de métodos científicos. Desse modo, pesquisadores de tais elementos vislumbravam na AIB a possibilidade de recuperar o prestígio que possuíam anteriormente visto que tal movimento destinava-se a “[...] mobilizar todas as capacidades técnicas, todos os cientistas, todos os artistas, todos os profissionais, cada qual agindo na sua esfera, para realizar a grande Nação Brasileira”¹²⁰.

A cultura interpretada no movimento integralista como um elemento manipulável que pode se moldar a interesses e poderes era fruto da perspectiva de Plínio Salgado, ele e outros intelectuais definiam o elemento cultural como “[...] a posse de determinados conhecimentos, tais como os ligados à arte, à literatura, à filosofia e à ciência. Cultura era, por conseguinte, um bem que podia ser transmitido por aqueles que a possuíam” (CAVALARI, 1999, p.42).

¹¹⁹ Idem, *ibidem*.

¹²⁰ Manifesto integralista. Disponível em <http://www.brasilrepublicano.com.br/fontes/44.pdf> acessado em 05 de março de 2017.

A cultura é vislumbrada como o instrumento de uma revolução que seria responsável por instaurar uma nova política no Brasil. Seria uma possibilidade para os intelectuais obterem reconhecimentos que até então não lhes eram conferidos, visto que seriam eles os portadores do conhecimento necessário para conduzir o povo. Tal conceito era utilizado por Plínio Salgado, Câmara Cascudo e outros estudiosos como justificativa de suas ações políticas e sociais.

Assim como para outros intelectuais para Câmara Cascudo era reservada a posição de propagandista do projeto integralista, a ele cabia principalmente¹²¹ a participação na produção de publicações para periódicos integralistas como o jornal *A Offensiva*¹²² e as revistas *Anauê* e *Panorama*, “[...] Câmara Cascudo passou a investir no capital letrado obtido tanto em sua formação como bacharel pela Faculdade de Direito do Recife quanto por sua formação junto às letras, na condição de escritor e jornalista, ofício aprendido e praticado nos periódicos locais” (TORQUATO, 2008, p.45).

A influência política de Cascudo durante o período de filiação na AIB foi marcada inicialmente por um distanciamento do poder local o que resultou em um ostracismo e falta de apoio pra exercer sua liberdade de expressão já que sofria constantes perseguições pelas interventorias do governo de Getúlio Vargas. Só posteriormente, durante a interventoria de Mário Leopoldo Pereira da Câmara, o intelectual potiguar foi convidado para integrar a sua comitiva¹²³, estabelecendo com ele uma relação pessoal e profissional.

A aproximação com a interventoria federal pode ser coligada a viagem que Cascudo realizou pelo sertão norte-rio-grandense, quando inaugurou obras públicas e coletou informações para a confecção de uma de suas obras, intitulada *Viajando o sertão* (1934)¹²⁴. Tal proximidade pode ser resultante do fato de “[...] Cascudo ser detentor de um discurso caracteristicamente nacionalista, além de estar militando junto às fileiras da AIB, até 1937, o que o tornava simpático e útil ao regime que o Interventor

¹²¹ Tornou-se Chefe Provincial Integralista conseguindo atrair novos integrantes para o movimento.

¹²² Tal periódico é detentor da maioria dos escritos cascudianos.

¹²³ A aproximação é resultado da posição apartidária defendida por Cascudo que lhe possibilitava estabelecer alianças com a interventoria federal. Essa também era produto de uma estratégia adotada pela AIB que vislumbrava na proximidade com o governo de Getúlio Vargas a possibilidade de criação de um campo propício para a propagação da ideologia integralista e para evitar perseguições ao projeto da AIB.

¹²⁴ Obra que além de fazer referências a ligação de Cascudo com líderes integralistas remete a concepção desse movimento de que cabia aos intelectuais a função de resgatar as origens do nacionalismo brasileiro que na escrita cascudiana remete ao povo sertanejo, por isso a necessidade de ao longo de sua viagem pelo sertão apresentar os elementos e sujeitos ali presentes.

representava” (TORQUATO, 2008, p.48). Tanto o discurso da AIB quanto o de Câmara Cascudo se adequavam às posições políticas e ideológicas defendidas pelo poder federal.

A aproximação com tais expressões políticas possibilitava a Cascudo, em um período de intensas crises, o conforto que o intelectual tanto buscava, resultando na criação de um espaço que favorecesse a expressão de seus anseios, sentimentos e vontades.

Entre as estratégias adotadas pelos propagandistas do projeto integralista, entre eles Câmara Cascudo, estava a utilização do mesmo padrão gráfico e uma constante estratégia de persuasão. Os assuntos abordados pelo intelectual potiguar eram direcionados a dois aspectos, o combate ao comunismo e o resgate de tradições populares, responsáveis por recuperar o nacionalismo brasileiro deteriorado pela advinda de elementos modernos. Em suas publicações, Cascudo apresentava o integralismo como um movimento formado em sua essência por brasileiros voltados para a discussão e exaltação de elementos nacionais.

Comunismo que aparece nas biografias cascudianas como um elemento central do seu apoio ao golpe militar de 1964, visto que se considerava contrário a tal movimento. Ideologia política que é apresentada no discurso integralista como responsável por destruir “[...] a família para melhor escravizar o operário ao Estado; destrói a personalidade humana para melhor escravizar o homem a coletividade; destrói a religião para melhor escravizar o ser humano aos instintos; destrói a iniciativa de cada um, mata o estímulo, sacrifica uma humanidade inteira [...]” (SALGADO, 1934, p. 05)¹²⁵.

O discurso integralista deveria ser trabalhado no imaginário popular de forma que fosse legitimado combatendo sua associação com movimentos europeus de extrema direita, a exemplo do nazismo. Considerando isso, cabia aos letrados divulgarem por meio de suas publicações a noção de que o integralismo não é uma cópia de tais facções políticas, apesar de adotarem algumas de suas características.

Cascudo afirmava que a AIB “[...] é uma forma brasileira do fascismo. Aceitamos muitas soluções internacionais da doutrina sem perder de vista o elemento nacional onde ela é chamada a operar [...] Integralismo é a força que está em nós

¹²⁵ SALGADO, Plínio. Manifesto integralista. Disponível em <http://www.brasilrepublicano.com.br/fontes/44.pdf> acessado em 05 de março de 2017.

mesmos. O raio é a extensão do Brasil” (CASCUDO, 1934).¹²⁶ Era função dos letrados traduzir aquilo que era divulgado nos círculos dos líderes integralistas já que muitos dos textos produzidos eram permeados por reflexões filosóficas distanciando-se de uma linguagem popular. A função de Câmara Cascudo na AIB pode ser concluída como a de

[...] interpretar o discurso oficial dos dirigentes intelectuais da AIB, incorporando, de forma simplificada e popular, a ideologia integralista ao imaginário popular. Cascudo trabalhou na disciplinarização da sociedade utilizando a propaganda jornalística como ferramenta de persuasão e convencimento, valendo-se do seu prestígio social e erudito junto a população norte-rio-grandense e brasileira (TORQUATO, 2008, p.63).

Ao final da década de 1930 e início de 1940, durante a consolidação do Estado Novo, Câmara Cascudo e outros letrados continuaram gozando de privilégios. Getúlio Vargas concedeu-lhes espaços privilegiados, a exemplo da Academia Brasileira de Letras (ABL), acreditando que por meio da criação desses recintos os intelectuais podiam atuar junto ao governo.

Nessa perspectiva “[...] o Estado comandado por Vargas passou a ocupar a posição de *mecenasmor* no Brasil, apoiando e financiando variados projetos culturais e educacionais no país, principalmente daqueles letrados que sempre, ou quase sempre, dependeram do capital público para financiar suas publicações” (TORQUATO, 2008, p.69). Assim como vislumbrava na AIB a possibilidade de reconhecimento, Cascudo aspirava com a aliança varguista a oportunidade de angariar espaço para publicações¹²⁷.

Câmara Cascudo passou a estabelecer relações políticas com o governo varguista, em suas publicações a imagem de Plínio Salgado passa a ganhar menos destaque e a de Getúlio Vargas predomina na escrita cascudiana, o que sugere a necessidade de manter-se em condições sociais e intelectuais de destaque e de influência, adaptando-se a diferentes situações políticas. Entretanto, as ideias que propagava entre elas a importância da cultura popular para a manutenção do nacionalismo, já permeavam o seu discurso desde a década de 1930, atravessando todo o período de associação com o integralismo e com o regime varguista.

¹²⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *O integralismo é uma cópia?* In: A Offensiva. Rio de Janeiro, 18 de out. de 1934.

¹²⁷ Foi durante o período do Governo Interventorial que Cascudo conseguiu publicar uma série de livros financiados pelo poder central, entre eles aqueles destinados a exaltação de figuras públicas a exemplo do Marquês de Olinda e outros.

Ao longo de sua trajetória, Câmara Cascudo se identificava enquanto um sujeito apartidário¹²⁸, ou seja, que não possuía vínculos com partidos políticos. Tal postura não impediu que ele estabelecesse aproximações com ideologias políticas e com sujeitos pertencentes aos círculos políticos do país. Sobre a inserção em atividades partidárias o potiguar afirmava ter resistido

[...] aos feitiços da política eleitoral e os amavios dos postos administrativos, ainda tão sedutores. Simplesmente porque não encontrava neles equivalência amável as minhas predileções. Resisti mesmo ao Senado, insistência do doutor Getúlio Vargas. Nunca fui secretário de Estado, nem oficial de gabinete, fui sempre presidente da minha república, escravo das minhas predileções, escravo negro de eito, cantando, cortando cana ou despolpando algodão nas minhas propriedades invisíveis, mas existentes em mim mesmo (CASCUDO, s.d.).¹²⁹

A análise da trajetória intelectual de Câmara Cascudo permite compreender que ao longo da década de 1930 ele destacava em suas produções a participação em movimentos como a AIB e a associação com líderes como Plínio e Vargas, atuando de forma constante na propagação das ideias integralistas e defesa do Estado Novo. Todavia, ao final da década de 1930, Cascudo inicia um processo de silenciamento¹³⁰, quando, após o Golpe de novembro de 1937¹³¹, passa a desvincular sua imagem dos *camisas verdes*, vislumbrando uma possível associação com o governo de Getúlio Vargas.

Tal silenciamento pode ser analisado como um *silêncio fundante*. Para Orlandi (2011), tal categoria é a própria condição de produção de sentido, significando por si mesmo, diferente da *política do silêncio* que estabelece uma relação entre o dito e o não dito. Política do silêncio que está associada a uma interdição do dizer, logo a uma censura. Nessa perspectiva se diz “x” para não dizer “y”, resultando em uma proibição de palavras que consequentemente remete a uma proibição de determinados sentidos.

O silêncio fundante é vislumbrado como aquele que tem uma significância própria, dizer que o silêncio é fundante é afirmar que ele constitui um movimento de sentidos, visto que o “silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que

¹²⁸ A própria identificação como um sujeito apolítico pode ser interpretada como uma espécie de silenciamento visto que por meio disso ele podia atuar em diferentes contextos políticos sem se declarar pertencente a nenhum.

¹²⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm> acesso em 22 de março de 2017.

¹³⁰ Consideramos que o silenciamento não se refere ao silêncio, mas a “pôr em silêncio” que acaba por produzir sentidos silenciados.

¹³¹ Após o golpe as relações entre Getúlio Vargas e alguns dos líderes da AIB ficaram abaladas, processo que resultou no chamado *Levante Integralista* quando em 1938 a ala radical do movimento tentou instalar a deposição de Vargas.

indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz, todos esses modos de existir dos sentidos e do silêncio nos levam a colocar que o silêncio é fundante” (ORLANDI, 2011, p.14).

Como na obra cascudiana o silêncio é construído pelo próprio sujeito silenciado, ele é interpretado como um silêncio fundador e não uma espécie de censura das palavras. Remetendo a questões políticas “[...] o período que se refere a essa participação de Cascudo junto a AIB teve que ser silenciado para que não se estabelecesse um empecilho com relação às futuras publicações do erudito potiguar e não ameaçasse suas funções quanto (sic) funcionário público” (TORQUATO, 2008, p.81).

Tal movimento pode ser interpretado se observadas as associações políticas que estabeleceu ao longo de sua vida, sobretudo ao longo da década de 1930 quando considerou ser necessário aliar seu discurso à ordem discursiva de diferentes movimentos políticos, a exemplo do Estado Novo e da AIB.

O discurso norte-americano de democracia instituído após a Segunda Guerra Mundial obrigou que intelectuais como Câmara Cascudo moldassem seus posicionamentos políticos, afastando-se de regimes autoritários a exemplo da AIB, “levando em conta o fato de que o pensamento integralista não terá mais espaço após o início da Segunda Guerra Mundial, cabia, então, adotar tanto posturas como discursos democráticos com o claro intuito de distanciar sua imagem deste movimento [...]” (TORQUATO, 2008, p.86). Todavia, verificamos que mesmo afastado da Ação Integralista Brasileira Cascudo, na década de 1950¹³², ainda estava associado com tal ideologia visto que ainda publicava em periódicos de cunho integralista como o *Idade Nova* e *A Marcha*.

Entretanto, tal silenciamento ainda se efetiva visto que é nessa mesma década que passa a se dedicar a um exercício de rememoração que nas décadas de 1960 e 1970 culminaria na confecção de seus escritos autobiográficos. E em tais obras não há referências a sua participação política em movimentos como a AIB, nem sua associação com políticos como Getúlio Vargas.

Podemos concluir que remete à década de 1930 a inserção de Câmara Cascudo no integralismo, período de intensa efervescência política e no qual a Ação Integralista Brasileira (AIB) estabeleceu suas bases e tornou-se um movimento de extrema direita,

¹³² Momento no qual ex-integralistas, incluindo Plínio Salgado, se associam para a fundação de um partido político, o Partido de Representação Popular (PRP).

de caráter conservador, formado a partir das atividades do grupo de estudos políticos sediado em São Paulo.

Participação que se relaciona com a formação intelectual de Cascudo, visto que a análise de sua trajetória possibilita perceber ligações políticas originárias, em grande medida, de suas condições familiares. Estabelece-se ainda como resultado de sua relação com sujeitos inseridos em movimentos políticos da época, com os quais teve contato durante sua estadia em Recife quando cursava a Faculdade de Direito do Recife e quando passa a se dedicar à produção de escritos direcionados à análise de elementos folclóricos, a exemplo de Gustavo Barroso.

A associação com a AIB também remete à necessidade de não ser esquecido, Câmara Cascudo vislumbrava em tal vinculação política a possibilidade de fazer parte de um movimento de grande importância para o contexto da época bem como de ocupar um posto de destaque nas ações desenvolvidas por essa agremiação.

O intelectual potiguar e outros sujeitos vislumbravam no integralismo a possibilidade de angariar prestígio social já que no projeto integralista eles ocupavam um lugar de destaque, sendo responsáveis por conduzir uma reeducação ideológica por meio da revolução cultural que pretendiam instalar no país. Reconhecimento social necessário em um contexto marcado pela marginalização desses sujeitos que entre outras questões tinham seus objetos de estudo depreciados e sua trajetória desvalorizada, por não se adequarem aos princípios cientificistas daquele período. Além disso, vislumbramos na associação de Cascudo com o projeto integralista uma identificação que remete aos princípios fundadores de tal movimento¹³³, exemplificados na referência a um programa apartidário, no sentimento anticomunista, na proposta de eliminação de um cosmopolitismo que contaminaria a sociedade brasileira e na necessidade de preservação das tradições.

O processo de silenciamento não se efetiva apenas na escrita cascudiana, mas também na análise que é feita por pesquisadores de sua trajetória intelectual. No mesmo contexto da atuação política de Câmara Cascudo emerge o embate entre a associação desse intelectual com o Modernismo e o Regionalismo-tradicionalista, movimentos

¹³³ O Manifesto Integralista apresenta em suas primeiras linhas a afirmação de que “Deus dirige os destinos do povo [...]”, nesse sentido é possível associar tal movimento a uma interpretação religiosa de determinados elementos assim como a presença da noção de *vocação*, que perpassa todo o texto, sugere tal relação. Além disso, o próprio movimento era divulgado sob o lema de “Deus, pátria e família”, Cascudo enquanto sujeito que professava sua fé em suas práticas e alguns de seus escritos provavelmente simpatizou com tal referência.

literários vigentes na época e que apresentam propostas díspares em relação à literatura brasileira.

4.2 O modernista por excelência resulta no regionalista silenciado.

O regionalismo se constituiu como uma postura literária brasileira surgida no final do século XIX e que permaneceu até a década de 1910, diferente de outros movimentos literários como o modernismo a tendência era definida por um espaço estadual, isto é, cada província praticava um tipo específico de regionalismo. Tal vertente cresceu durante a década de 1920 sob orientação de Gilberto Freyre e se formou como uma resistência ao futurismo que vinha ganhando adeptos e pregava uma destruição do passado em nome da tentativa de construir um futuro.

Posteriormente, em 28 de abril de 1924, foi criado o Centro Regionalista do Nordeste¹³⁴ que se propunha a reunir indivíduos com princípios tradicionalistas, por meio da atuação dessa agremiação “[...] o regionalismo deixou de querer apenas reagir ao futurismo e iniciou um processo de construção de uma tradição regionalista que servisse de suporte para as ideias do movimento” (NETO, 2008, p.22). Nessa perspectiva, seria função primordial dos regionalistas colaborarem na construção de um sentimento de brasilidade.

O Manifesto Regionalista escrito por Gilberto Freyre e apresentado no Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, ocorrido em fevereiro de 1926, destaca tal movimento como precursor ao realizar o evento na América bem como destaca algumas das características centrais dessa manifestação intelectual. Entre os aspectos ressaltados, o escritor pernambucano sugere que os regionalistas poderiam ser descritos como:

[...] homens públicos ou de ciência, preocupados com problemas urbanos e rurais da região [...] **homens de saber interessados em dar sentido regional ao ensino, à organização universitária e a cultura intelectual entre nós** [...] velhos lavradores ou homens do campo voltados inteligentemente para os problemas de defesa e valorização da paisagem ou da vida nos seus aspectos rurais ou folclóricos [...] (grifo nosso) (FREYRE, 1952, p.01).

¹³⁴ O Manifesto Regionalista escrito por Freyre sugere que o Centro Regionalista foi precursor na América ao realizar o Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo ocorrido em fevereiro de 1926.

O trecho destacado sugere a característica central de tal movimento, isto é, o sentimento de regionalidade que deveria ser superior a qualquer sentido provinciano. Dessa forma Freyre afirma que os adeptos do Regionalismo-tradicionalista deveriam prezar pelo sentido da regionalidade acima da *pernambucanidade*, *paraibanidade* e outras definições que o distinguiriam do Regionalismo-provinciano desenvolvido nas décadas iniciais do século XX.

Freyre destacava ainda que o movimento se configuraria como apolítico e que os encontros destinavam-se ao debate de problemas do Nordeste, configurando-se como uma manifestação de cunho social. Tais reuniões eram realizadas na casa do Professor Odilon Nestor em volta de uma mesa de chá com a presença de elementos típicos da culinária nordestina que inclusive são referências de estudos regionalistas e marcas de uma tradição que o movimento visava preservar, defesa que também encontramos nos escritos cascudianos quando afirma que “nós devemos ter orgulho de nossa **alimentação tradicional**, formadora de rijos homens de outrora, vencedores da indiada, lutando com as onças a facão e morrendo de velhos” (grifo nosso) (CASCUDO, 2009, p.39). E que

defendamos a cozinha secular que nos doou músculos serenos e forças gigantescas. **Podemos ir melhorando, diminuindo a intensidade rústica de certos pratos históricos, mas não aboli-los do nosso sustento.** É um desserviço à nossa nacionalização de cultura escrevermos em brasileiro e comermos à inglesa (grifo nosso) (CASCUDO, 2009, p.40).

Freyre afirmava que nunca deveriam “[...] repudiar tradições tão preciosas para substituí-las por comidas incaracterísticas de conserva e de lata, como as que já imperam nas casas das cidades e começam a dominar nas do interior” (FREYRE, 1952, p.08). Presando por uma “[...] **adaptação das tradições** da doçaria ou da cozinha patriarcal às atuais condições de vida e de economia doméstica” (grifo nosso) (FREYRE, 1952, p.08). Os trechos destacados sugerem que Câmara Cascudo assim como Gilberto Freyre e outros regionalistas-tradicionalistas não vislumbravam a necessidade de uma ausência de transformações nas práticas culturais nordestinas, desde que essas remetessem a uma espécie de adaptação às novas circunstâncias históricas, considerando isso, o líder regionalista teceu críticas ao modernismo enquanto categoria que busca uma substituição de práticas tradicionais e nessa perspectiva coloca o

Regionalismo-tradicionalista como responsável por uma oposição a algumas das inovações.

A temática da alimentação está presente em tais escritos como uma espécie de defesa da culinária sertaneja. Câmara Cascudo destaca que o modo do sertanejo se alimentar estaria em decadência e parte disso seria resultante de um acanhamento do sertanejo em apresentar a base da culinária local. Assim, possivelmente esse sujeito “[...] disfarça, esconde, mistifica sua culinária quando tem visitas” (CASCUDO, 2009, p.39). A partir dessa afirmação são apontados elementos que enaltecem os hábitos alimentares dessa região em combate a essa ação, que seria um exemplo de antipatriotismo. Ao ressaltar o valor patriótico da alimentação sertaneja, expõe a sua escolha em identificar o sertanejo enquanto representante de uma identidade brasileira e o ambiente que habita como o espaço de expressão dessa brasilidade.

Câmara Cascudo atenta para a necessidade de uma valorização da prática alimentar sertaneja, destacando que essa é uma das representações do tradicionalismo que marca essa região. Seria ela a responsável por conferir a valentia necessária aos homens sertanejos, destinando-os a todas às vitórias que alcançaram em suas trajetórias pelos caminhos do sertão norte-rio-grandense. É nesse sentido que realiza uma de suas aproximações entre elementos brasileiros e europeus, destacando que a destemia e robustez conferida aos romanos e a Alexandre Magno também eram resultantes das práticas alimentares desses que quando foram modificadas e/ou abandonadas resultaram nas consecutivas derrotas bélicas.

Mesmo ressaltando o conservadorismo com o qual identifica esse espaço e seus habitantes, ele atenta para a penetração de costumes e práticas litorâneas que vem a modificar os traços alimentares tão destacados em sua obra. Assim, o modo litorâneo de alimentar-se classificado como “[...] quase sempre irracional e péssimo” (CASCUDO, 2009, p.41) avança os limites geográficos e modifica a forma alimentar do sertanejo. Posicionamento semelhante ao desenvolvido por Gilberto Freyre que ao finalizar a escrita do Manifesto Regionalista identificava uma espécie de crise na culinária nordestina, afirmando que “toda essa tradição está em declínio ou, pelo menos, em crise [...] E uma cozinha em crise significa uma civilização inteira em perigo: o perigo de descaracterizar-se” (FREYRE, 1952, p.08).

Contudo, a valorização da região Nordeste por esses intelectuais não deve sugerir um sentimento de separatismo e supervalorização de determinada região em detrimento a outras. O manifesto regionalista destaca que “os animadores desta nova

espécie de regionalismo desejariam ver se desenvolverem no País **outros regionalismos que se juntem ao do Nordeste**, dando ao movimento o sentido organicamente brasileiro e, até, americano, quando não mais amplo que ele deve ter” (grifo nosso) (FREYRE, 1952, p.02). O trecho destaca que o Regionalismo-tradicionalista buscava a integração das regiões em oposição à posição separatista desenvolvida pelo Estado, tal afirmação sugere uma crítica à República e uma defesa de uma administração centrada nas regiões do país. Tal movimento visava atribuir uma dimensão nacional a um elemento particular, isto é, buscava constituir uma noção de cultura nacional a partir das particularidades encontradas nas regiões. Processo semelhante ao desenvolvido por Câmara Cascudo que em suas produções interpretou a cultura nacional a partir da região sertaneja, atribuindo aos elementos e sujeitos ali encontrados dimensões nacionais.

Outra aproximação identificada entre o pensamento cascudiano e os pressupostos estabelecidos por Gilberto Freyre no Manifesto Regionalista remete à associação da memória com a produção de escritos sobre a região nordestina, afirmando que a relação estabelecida por grandes representantes da cultura nordestina é originária “[...] principalmente do contato que tiveram, quando meninos de engenho ou de cidade, ou já depois de homens feitos, com a gente do povo, com as tradições populares, com a plebe regional [...]” (FREYRE, 1952, p.10) e por fim afirma “é um contato que não deve ser perdido em nenhuma atividade de cultura regional” (FREYRE, 1952, p.10). Experiência partilhada por Câmara Cascudo que relaciona o desenvolvimento de seu pensamento acerca da cultura popular com a vivência no sertão norte-rio-grandense e paraibano, remetendo em sua narrativa a acontecimentos e sujeitos de suas memórias sertanejas.

O Regionalismo-tradicionalista não pode ser analisado como um movimento que buscava exclusivamente a manutenção de um tradicionalismo. Contudo, o manifesto regionalista sugere a necessidade de uma reorganização nacional que analise as particularidades locais e evite as “[...] estrangeirices que lhe têm sido impostas, sem nenhum respeito pelas peculiaridades e desigualdades da sua configuração física e social [...]” (FREYRE, 1952, p.02). Um movimento que buscava a defesa de valores e tradições que têm suas existências ameaçadas pelo cunho progressista que o novo século inaugura.

Ao afirmar que aos poucos o tradicional vem sendo substituído pelo elemento moderno, considerado como mais elegante devido às influências estrangeiras que penetram nas altas camadas sociais, identificamos uma semelhança entre o pensamento

do intelectual pernambucano e o desenvolvido por Câmara Cascudo. O intelectual potiguar preocupa-se com a penetração de elementos cosmopolitas e, sobretudo, com mudanças no imaginário social dos sujeitos e na própria forma como esses passaram a significar suas práticas, ações que agora seriam interpretadas sob a ótica de símbolos modernos.

No Manifesto Regionalista Freyre destaca a penetração de elementos norte-americanos e europeus que alterariam algumas das práticas culturais brasileiras, a exemplo das transformações nas festas natalinas brasileiras que passaram a associar símbolos e práticas não condizentes com aquelas consideradas como autênticas, tais como as lapinhas de Natal que seriam esmagadas pelas “[...] arvorezinhas estrangeiras mandadas vir da Europa ou dos Estados Unidos pelos burgueses mais cheios de requififes e de dinheiro” (FREYRE, 1952, p.02). Câmara Cascudo, por sua vez, referia-se ao exemplo do vaqueiro nordestino e as transformações nos valores culturais e sociais das vaquejadas. Ao narrar o percurso de um vaqueiro pelas cidades sertanejas descritas por ele como conhecedoras do “avião, gelo e cinema”, claros exemplos de elementos modernos, afirma que

o vaqueiro ia aboiando, como há séculos, para humanizar o gado bravo, era um protesto, um documento vivo da continuidade do espírito, a perpetuidade do hábito, a obstinação da herança tradicional. Fiquei ouvindo, numa (sic) emoção indizível. **Mas o automóvel recomeçou o ronco do motor. E no ar melancólico a plangência do aboio era apenas uma recordação...** (grifo meu) (CASCUDO, 2005, p.111)

É evidente na parte destacada o conflito que estabelece entre um símbolo da modernidade, o automóvel, e o vaqueiro que percorre a cidade carregando consigo o espírito de uma prática secular. Essa dualidade aparece em vários momentos ao longo dessa produção discursiva, identificando nesse duelo uma impossibilidade de convivência entre esses dois símbolos, confronto que acaba transformando um desses, no caso o aboio, em uma mera recordação dos tempos de outrora.

Assim como em outras províncias, no Rio Grande do Norte o regionalismo tornou-se conhecido na década de 1920 quando os jornais locais passaram a se dedicar a publicação de discussões em torno de elementos artísticos, entre eles os movimentos literários.

A oposição de ideias entre os regionalistas-tradicionalistas e os modernistas sugere uma situação conflituosa, mas o que se verifica nesse período é uma preocupação em elaborá-los e não uma destruição de ambos. É nessa situação que Câmara Cascudo se encaixa visto que “[...] buscou ler e conhecer tanto as ideias modernistas quanto as tradicionalistas. Como crítico literário, Cascudo foi conhecedor dos dois movimentos e manteve [...] articulações com ambos” (NETO, 2008, p.23). Assim como sua posição política foi influenciada por seu lugar de fala, a aproximação com tais movimentos remete ao fato de estar cursando a Faculdade de Direito do Recife, o que contribuiu para a sua inserção nas discussões literárias.

Contudo, remete a um período anterior o conhecimento de Cascudo das atribuições do movimento regionalista tanto por estar inserido no debate em torno do regionalismo provinciano quanto por ter contato com a escrita de Gilberto Freyre, só posteriormente passaram a frequentar os mesmos lugares e conviver com o mesmo grupo de pessoas que estavam vinculadas ao mundo regionalista-tradicionista. Podemos afirmar também que a contestação dessa dicotomia entre o regionalismo e o modernismo possibilita compreender como Câmara Cascudo se tornou representante de ambos em Natal.

A articulação¹³⁵ dos movimentos não foi realizada apenas por Câmara Cascudo, outros intelectuais como Gilberto Freyre e Joaquim Inojosa, ambos líderes dessas vertentes literárias, realizaram trabalhos que se distanciavam da concepção que divulgavam. Freyre buscou realizar alterações no regionalismo-tradicionista, ele “[...] havia percebido a dimensão que o modernismo havia alcançado, e sentira a necessidade de vincular a imagem daquele movimento ao discurso modernista” (NETO, 2008, p. 31).

Todavia, mesmo considerando o possível diálogo entre essas vertentes a biografia cascudiana apresenta-o como um sujeito estritamente modernista, sendo descrito em alguns textos biográficos como um intelectual crítico de Gilberto Freyre, hostil ao regionalismo e grande representante do modernismo no Rio Grande do Norte, movimento que acaba por ressaltar sua aproximação com Mário de Andrade, sendo apresentado nas biografias como grande incentivador e influência determinante na trajetória intelectual cascudiana, aproximação que seria confirmada por meio “[...] das afinidades temáticas com os modernistas, seja através da contraditória expressão do

¹³⁵ Deve-se considerar que os dois movimentos podem ser chamados de modernos visto que suas ideias surgem em um mesmo período, contexto marcado por uma renovação cultural.

fascínio pelos temas da modernidade que se apresentavam como oposição a uma tradição reveladora de um passado fascinante [...]” (ARAÚJO, 2013, p. 196).

A aproximação de Câmara Cascudo com outros intelectuais, como Mário de Andrade e Monteiro Lobato, pode ser vislumbrada como uma possibilidade de vincular o seu trabalho com a imagem e o nome de autores consagrados da literatura nacional, utilizando-os como argumento de autoridade.

Assim como em sua atuação política, Cascudo migra por diferentes movimentos literários, adaptando-se ao contexto da época e não se declarando pertencente a nenhum. Verifica-se tal estratégia ao analisar um fragmento de suas autobiografias intitulada *Na ronda do tempo*, que se destina ao registro de visitas e pensamentos no ano de 1969. No dia 11 de janeiro de 1964, afirma:

Abraço um amigo de 45 anos, **Joaquim Inojosa, leader do “Movimento Modernista em Pernambuco”**, que expôs e documentou em 700 páginas ágeis (dois tomos, 1968). Alegria de reviver meu tempo de “*Acadêmico de Direito*” no Recife, e **a fase ainda juvenil da agitação literária, clímax** com a vinda de Guilherme de Almeida lendo o Raça [...] (grifo do autor) (grifo nosso) (CASCUDO, 1964, p.41-42).

O trecho destaca não só a aproximação de Cascudo com Joaquim Inojosa e Guilherme de Almeida, representantes do modernismo, mas também a não identificação desse intelectual potiguar como um literato modernista nem a referência a sua participação em tal movimento, visto que identifica que naquele contexto tratava-se de um “jovem agitador literário”. Nessa lógica, “Cascudo não confessou claramente, em sua obra, seu lado modernista – pelo menos, não com a mesma ênfase e sentido com que Mário de Andrade, Inojosa e outros fizeram” (NETO, 2008, p.45).

A associação de Câmara Cascudo com o modernismo também não era referenciada por órgãos da imprensa potiguar como o periódico *A República*, não era explorada sua relação com Mário de Andrade e outros modernistas, bem como uma possível simpatia pelos ideais divulgados na Semana de Arte Moderna.¹³⁶ Acontecimento que não encontrou repercussão nos jornais natalenses da época, a referência a essa aparece de maneira difusa e esporádica tanto na imprensa norte-riograndense quanto nos escritos cascudianos.

¹³⁶ É apresentada como o marco cronológico do movimento modernista, nesse evento artistas e intelectuais se reuniram para questionar os princípios da literatura brasileira se apoiando em concepções vigentes na Europa daquele contexto.

Processo diferente do que ocorre quando remetemos a um Cascudo participante do movimento regionalista, manifestação que é referenciada em algumas das publicações no periódico natalense, a exemplo da matéria de 09 de fevereiro de 1960, quando reproduzem um trecho da indicação desse intelectual para ocupar uma vaga na Academia Brasileira de Letras¹³⁷.

[...] Figura excepcional, de humanista e sábio, sobretudo no terreno das investigações históricas e dos estudos folclóricos, ainda que são proclamadas renitências provincianas, e por isso **preso pelas raízes de saudável regionalismo a ambiência nordestina que se formou** [...]¹³⁸

O trecho destacado permite a associação entre o intelectual potiguar e o movimento regionalista-tradicionalista, apontado como responsável pela manutenção das raízes da trajetória cascudiana. Outra alusão também apresentada pelo periódico é a citação de Cascudo como autor de um dos guias histórico-sentimentais¹³⁹, no caso o referente a cidade de Natal.

As inferências a um Cascudo inserido no movimento regionalista passam a circular na imprensa norte-rio-grandense durante a sua inserção em tal círculo e atravessam as décadas seguintes sendo encontradas referências a tal participação até a década de 1960. Em relação a sua associação com o movimento modernista verifica-se que tal vínculo é fruto de um processo mais recente no qual sujeitos que se destinam à produção de escritos biográficos e à análise da obra cascudiana buscam apresentá-lo como um intelectual ligado ao Modernismo, como grande expoente dessa vertente literária no Rio Grande do Norte e como um sujeito pouco afeiçoado às concepções regionalistas.

O surgimento de Câmara Cascudo no meio intelectual remete ao início da década de 1920, período marcado pela presença de sujeitos como Henrique Castriciano que assim como outros se dedicavam à produção de escritos de cunho conservador e que se apresentavam como herdeiros de um tipo de regionalismo, aquele denominado como

¹³⁷ Espaço até então ocupada por José Lins do Rêgo, que também era identificado como um intelectual regionalista.

¹³⁸ [Sem autoria] A República. Natal, 09 de fev. 1960.

¹³⁹ São trabalhos históricos e etnográficos que buscavam retratar algumas das cidades brasileiras associando-as com os princípios divulgados pelo movimento regionalista foram produzidos por intelectuais na década de 1960

*regionalismo provinciano*¹⁴⁰. Do mesmo modo que o intelectual surge em um contexto marcado pela presença de uma cidade literária, isto é, repleta de saraus e outros elementos ligados às letras e que permitiam o desenvolvimento da carreira desses sujeitos.

Tal afirmação é feita por Gilberto Freyre, líder do Regionalismo e que vislumbrava na referência a Cascudo a possibilidade de associar a produção de tal material a nomes consagrados da literatura brasileira. É nesse sentido que também associa a obra cascudiana à continuidade das ideias propagadas pelos regionalistas na década de 1920. A necessidade encontrada por tais intelectuais, incluindo Câmara Cascudo, em remeter-se ao Regionalismo-tradicionalista é encontrar nesse movimento literário a fundamentação ideológica indispensável para a luta contra as alterações na cultura nordestina.

Contudo, todo o processo de alusão à inserção de Cascudo nas discussões do grupo regionalista-tradicionalista foi aos poucos silenciado e substituído por uma tentativa de vinculá-lo quase que de maneira exclusiva ao Modernismo. Buscou-se aproximá-lo de Mário de Andrade bem como recuperar possíveis aproximações do pensamento desse potiguar com as ideias modernistas. Periódicos natalenses como o *A República* buscaram enfatizar a presença em Natal de um dos líderes dessa vertente literária, trata-se de Joaquim Inojosa e sua possível influência na escrita cascudiana.

Entre os caminhos para a efetivação de tal associação percebemos a tentativa de vincular o estudo da cultura popular com os princípios defendidos pelo modernismo e associar tais elementos com pesquisas realizadas por Mário de Andrade e Câmara Cascudo. Em consequência disso, passou-se a afirmar que “[...] não foi apenas a obra literária de Cascudo que recebeu algum tipo de influência do modernismo, mas também a obra histórica e, principalmente, a obra folclórica” (NETO, 2008, p.63). Essa última era vislumbrada como resultante da efervescência do movimento modernista em 1922.

Outra associação realizada entre a trajetória cascudiana e o movimento modernista remete a sua atuação como jornalista norte-rio-grandense,

[...] durante trinta anos, Cascudo manteve uma coluna diária nos jornais, onde ele não apenas registrava as coisas da cidade, como ele fixava perfis de figuras humanas da cidade. E foi exatamente esse calor humano, essa

¹⁴⁰ Movimento que perdurou até a década de 1920 e que ainda não era denominado de tradicionalista, o escritor vinculado a esse tipo de regionalismo era voltado a produção de trabalhos sobre a história da sua província, nessa concepção o Estado era portador dos costumes mais autênticos e por isso a necessidade de trazê-lo em sua escrita.

permanência de Cascudo na imprensa, que **fez com que Cascudo fosse a grande ponte, na época do modernismo, entre o Rio Grande do Norte e São Paulo** (grifo nosso) (SEREJO, s.d.).¹⁴¹

O trecho grifado destaca não só a referência a Câmara Cascudo como um elo entre o Rio Grande do Norte e São Paulo, mas também a associação de sua produção jornalística com o desenvolvimento do Modernismo no Nordeste, bem como aponta tal ofício como o responsável por sua amizade com líderes do movimento, a exemplo de Mário de Andrade e Oswald de Andrade e pela contribuição na *Revista de Antropofagia*¹⁴².

Um dos momentos apontados como determinantes na imersão de Câmara Cascudo no movimento modernista é a carta endereçada ao escritor potiguar no dia 09 de junho de 1937. Nessa correspondência, Mário de Andrade realiza duras críticas aos temas trabalhados por Cascudo e a postura teórica que adotava em seus escritos, sugerindo mudanças drásticas, afirmando que “[...] apesar da tristeza não ser momento bom pra rispidez, você vai me permitir, duma vez por todas, que fale com franqueza sobre os seus artigos. Geralmente não gosto abertamente deles [...]” (MORAES, 2010, p.292) Tal afirmação segue acompanhada por críticas a bibliografia que Cascudo utiliza, a escolha por elementos de pouca importância a exemplo do Conde d’Eu e por fim “seu desprezo da medida faz com que até agora não tivesse paciência pra escrever, senão um livro, pelo menos uma monografia de tema especializado, sobre o folclore ao menos no R. Grande do Norte, pra não dizer Nordeste” (MORAES, 2010, p.295). O encaminhamento que adota passa a ser vinculado com uma possível aproximação com os princípios dessa vertente literária e, conseqüentemente, a sua obra associada àquela produzida por um intelectual modernista.

Em 18 de junho de 1937, Câmara Cascudo escreve uma correspondência em resposta a tais críticas, entre as observações afirma estar vivenciando uma espécie de crise que dificulta a escrita causando-lhe tristeza, desânimo, apatia e solidão. Sobre a necessidade de um novo direcionamento em sua produção ele afirma ser “[...] uma situação inteiramente nova para mim e careço de tempos para voltar à tona e consertar a

¹⁴¹ SEREJO, Vicente. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm> acesso em 22 de março de 2017.

¹⁴² A *Revista de Antropofagia* foi uma publicação surgida como consequência do Manifesto Antropófago escrita por Oswald de Andrade. Dividida em duas fases, a segunda é apresentada como a que possuía uma linha ideológica mais definida quando os colaboradores passaram a tecer críticas não só ao meio literário, mas também a sociedade e a cultura brasileira. A participação de Cascudo em tal publicação remete a inserção de Jorge Fernandes no núcleo de produção.

respiração [...]” (MORAES, 2010, p.297), já sobre as críticas a suas obras destaca que “[...] defender meus livros seria autoelogio e não tenho vaidade desse tamanho [...] Não posso escrever uma só palavra justificativa de tudo que tenho publicado. Seria endossar a vaidade denunciada por você” (MORAES, 2010, p.297). Só posteriormente, em 11 de dezembro de 1937, Câmara Cascudo escreve outra correspondência ressaltando a finalização da obra *Vaqueiros e Cantadores*, destacando que essa apresenta elementos os quais buscou “[...] resolvê-los de forma que você, inevitavelmente, reincide na carta desaforada e fraternal” (MORAES, 2010, p.298), bem como apresentando seus planos para futuras obras.

A troca de correspondências entre Mário de Andrade e Câmara Cascudo, nesse período, sugere um intenso contato entre os dois intelectuais, além disso, o direcionamento na produção cascudiana após o recebimento da carta “desaforada e fraternal” sugere certa influência intelectual do escritor paulista. Entretanto, a associação entre o início da produção folclórica de Cascudo e a aproximação com o movimento modernista é confrontada com o fato de que o intelectual começou a se dedicar a tal tipo de publicação em 1921, momento que já estava desarticulado da vertente literária futurista. Nessa perspectiva, podemos atribuir tal direcionamento a sua tradição intelectual voltada para análise de elementos regionais e provincianos, que, posteriormente, foi substituído por um estilo mais tradicionalista quando, a partir de 1924, passou a mergulhar nas discussões do Regionalismo-tradicionalista nordestino.

A relação estabelecida por Câmara Cascudo e Mário de Andrade passou a ser explorada como uma possível aproximação entre dois adeptos do movimento modernista, além da tentativa de vincular o intelectual potiguar ao patamar de autores como Manuel Bandeira, Oswald de Andrade e outros. Contudo, esse escritor passou a ser apontado como um discípulo de Mário de Andrade, como o sujeito que seguiu os ensinamentos do mestre e que deve a ele toda a repercussão que sua obra alcançou. Tal pensamento resulta na afirmação de que

o regionalismo seria, portanto, uma herança cultural, da qual os escritores da região não podiam se afastar no todo, permanecendo presos a ela, mesmo sendo modernos. Sendo assim, o regionalismo não representaria um movimento cultural e literário, seria apenas uma instância menor no pensamento dos escritores nordestinos [...] (NETO, 2008, p.76).

Aos poucos o regionalismo passou a ser desvinculado da produção cascudiana, sendo apontado como um elemento ocasional, como um recurso que em determinado contexto histórico atravessou a escrita desse sujeito por uma tentativa de adequação ao discurso da época¹⁴³ e que logo foi substituído por uma aproximação com o Modernismo, movimento literário que teria influenciado grande parte de sua produção e concepção folclórica.

Câmara Cascudo parecia não se identificar com nenhuma vertente literária, assim como em relação à política ele assume uma posição variável, adaptando-se a diferentes contextos. Quando associado ao Modernismo ele afirma que “[...] até aqui a **única** teoria literária que me seduz é a minha. Há a compensação de ser eu só. E já é muito” (grifo nosso) (CASCUDO, 1924).¹⁴⁴ Tal citação remete ao comentário feito por Cascudo quando apontado por Inojosa como expoente máximo do Modernismo no Rio Grande do Norte. Cascudo se preocupou em tecer críticas ao movimento como no artigo escrito em 1924, quando se refere à atuação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHG/RN), afirmando que tal instituição deveria reagir de forma mais incisiva no combate ao esquecimento de indivíduos¹⁴⁵ do passado norte-rio-grandense, indicando que “[...] o que a prestigia, eleva e dignifica são os trabalhos realizados, **os vultos roubados ao esquecimento e restituídos a admiração pública**”¹⁴⁶ (grifo nosso) (CASCUDO, 1924) e que “isto de viver rodeando uma mesa e fazendo discurso [...] não é coisa que personalize um esforço”¹⁴⁷ (CASCUDO, 1924), o último trecho remete à crítica que Cascudo realiza às comemorações que o Instituto Histórico do Rio Grande do Norte passou a realizar destacando que tal característica é símbolo de uma modernidade que passa a imperar em tais associações.

A *não identificação* com nenhum dos movimentos passou a ser explorada tanto por regionalistas como modernistas, visto que tal posicionamento possibilitaria uma abertura a tentativa de enquadrá-lo como pertencente a alguma dessas vertentes

¹⁴³ Humberto Hermenegildo, professor do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte aponta que Cascudo seria uma espécie de “regionalista de ocasião”, isto é, ele teria abordado assuntos regionais de forma esporádica em uma tentativa de adequação ao discurso vigente nas províncias. Em sua concepção o Regionalismo seria apenas uma marca inexpressiva da cultura local diferente do Modernismo que no Rio Grande do Norte teria se manifestado de forma ampla.

¹⁴⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Registro Bibliográfico – A Arte Moderna. A imprensa, Natal, 22 de ago. 1924.

¹⁴⁵ Uma das concepções que Cascudo possuía em relação à escrita da história era a de que essa deveria exaltar os feitos de sujeitos de prestígio social, político e econômico. Assim, dedicou-se a publicação de obras históricas e biográficas que se destinassem a tal objetivo.

¹⁴⁶ Idem, ibidem.

¹⁴⁷ Idem, ibidem.

literárias, além do fato de que sua obra apresentava pontos de intersecção com o discurso propagado tanto por passadistas quanto por futuristas¹⁴⁸.

Para os modernistas, a associação de Câmara Cascudo com o movimento era interessante porque por meio desse e outros intelectuais¹⁴⁹ poderiam atender ao objetivo de fundar uma literatura nacional, já que “[...] buscavam criar uma tradição literária nacional para se legitimarem, para surgirem como um corte, uma ruptura estética [...]” (NETO, 2008, p.128).

Já os regionalistas-tradicionistas vislumbravam em tal aproximação a possibilidade de criação de uma tradição com uma manutenção do passado e consequentemente dos lugares sociais ocupados pelos intelectuais adeptos de tal movimento literário. Indivíduos como Cascudo possibilitariam a criação de uma tradição que produziria um saber destinado a manutenção de determinadas características e compartilhariam o desejo de defesa das nossas coisas e tradições.

O silêncio em torno da participação de Cascudo no movimento regionalista-tradicionista acabou por ignorar inúmeras atividades desse sujeito junto ao Centro Regionalista do Nordeste, assim como sua aproximação com intelectuais oriundos dessa vertente literária, a exemplo de Gilberto Freyre. Foram silenciadas suas associações com o regionalismo praticado na década de 1920 e direcionado a uma preocupação com as províncias, elementos que se tornaram determinantes na escrita cascudiana.

Silêncio resultante da tentativa de inserir Cascudo no rol dos intelectuais modernistas e de atribuir a Mário de Andrade a imagem de grande referencial para a narrativa desenvolvida pelo escritor potiguar. A necessidade de associar a obra folclórica de Câmara Cascudo ao movimento modernista tornou sua aproximação com o regionalismo insustentável, por isso a necessidade de silenciá-la.

As associações feitas entre Câmara Cascudo e o movimento modernista remetem em grande parte às análises desenvolvidas em torno da produção intelectual desse potiguar, sobretudo as de cunho folclórico. Pesquisadores da escrita cascudiana vislumbraram entre as décadas de 1920 e 1930 uma aproximação desse com o Modernismo, identificando em sua formação um pressuposto que permitiria afirmar um “fascínio pelos temas da modernidade”. Trata-se da sua prática de leitor, essa estaria atrelada a obras modernistas que chegavam do sul do país. Fato que sugeriria que

¹⁴⁸ Os termos eram empregados na década de 1920 para se referir a regionalistas e passadistas.

¹⁴⁹ Sobretudo intelectuais engajados em pesquisas folclóricas visto que essas eram apontadas como as mais propensas a descobertas do elemento popular.

[...] os modernistas tinham em Câmara Cascudo um modelo ideal de leitor, um receptor ideal para o horizonte de expectativa da vanguarda do momento, principalmente se tivermos em mente a etapa modernista em que a brasilidade surge como dominante cultural do movimento (ARAÚJO, 2013, p.173).

Só posteriormente o leitor modernista seria substituído pelo autor modernista dando início à produção de textos com temáticas modernas a exemplo do *Uma hora na “Americana”* e *Actos dos Modernos*, ambos publicados em periódicos natalenses nos quais Cascudo discute elementos que remetem a chegada da modernidade no Rio Grande do Norte e seriam exemplos da divulgação desse movimento e de outros intelectuais engajados nessa vertente literária.

São apontadas ainda a presença de elementos do Modernismo nas obras *Vaqueiros e cantadores* (1939) e *Literatura Oral* (1952), já que ambas se dedicam a discutir temas vinculados ao registro oral, hábito que teria sido adquirido por influência modernista. Contudo, a análise de tais narrativas permite identificar a realização de críticas à chegada de elementos modernos que seriam responsáveis por uma espécie de contaminação do ambiente sertanejo, característica que o aproxima das discussões regionalistas-tradicionalistas.

Cascudo não realiza uma associação de sua obra ao modernismo, apesar de se identificar com o movimento em determinado momento de sua trajetória, como demonstra quando, no final da década de 1920, passou a afirmar que sua aproximação com os ideais de tal vertente “não quer dizer que eu seja **estritamente** (sic) regionalista” (grifo nosso)¹⁵⁰ (CASCUDO, 1929) e apresentando negativamente aqueles que se mantêm presos a um “regionalismo de gaveta”. O trecho destacado reflete a concepção de que Cascudo não se identifica de forma exclusiva a nenhum dos dois movimentos, compactuando com as ideias de ambos e mantendo-se próximo as duas vertentes em determinados contextos.

Nessa perspectiva, se Câmara Cascudo passa, a partir de 1929, a compactuar com algumas das ideias modernistas, ele pareceu não abandonar sua trajetória regionalista visto que na década seguinte ele passa a se dedicar a produção de escritos folclóricos que se aproximam dos pressupostos estabelecidos pelo Regionalismo-tradicionalista, tais como a evocação de figuras do passado norte-rio-grandense,

¹⁵⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Para fazer um romance*. A República, Natal, 11 de set. 1929.

valorização de elementos conservadores e outros que permeiam sua produção. Portanto, Câmara Cascudo não associa sua produção a nenhum dos dois movimentos, já que “[...] via em cada uma dessas temporalidades¹⁵¹ aspectos e posturas com as quais concordava” (NETO, 2008, p.163). Posicionamento semelhante ao que apresenta em relação à política, visto que também não se filiava a nenhuma vertente, enxergando possibilidades de diálogo e interesse em todas nas quais se vinculou.

¹⁵¹ Temporalidades no sentido de passado e futuro, elementos que são usados para identificar o regionalismo-tradicionalista e o modernismo respectivamente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Luís da Câmara Cascudo concretiza o que consideramos como seu *projeto de memória* a partir do despertar para a produção de escritos autobiográficos e do arquivamento de material referente a sua trajetória intelectual, processo que remete ao período compreendido entre as décadas de 1950 e 1970 e que se apresenta como uma tentativa de rememoração associada ao desejo de preservação de uma memória e imagem. *Escritos de si* que podem ser identificadas como dispositivos da modernidade, refletindo a individualidade que o período moderno institui e que são tidos como narrativas privilegiadas visto que se constituem colocando a vida de um indivíduo acima de outras culturas.

Câmara Cascudo, já no final da vida passa a produzir tais escritos e a evidenciar o medo do esquecimento, que em sua obra seria consequência da morte. Considerando isso, são esses escritos que de forma mais intensa estabelecem o diálogo com tal elemento e refletem a sua luta constante contra a batalha que encontra na sua produção intelectual a possibilidade de se não vencer a morte impedir o esquecimento.

Projeto iniciado em vida e consolidado após a sua morte em 30 de julho de 1986 quando periódicos do Rio Grande do Norte passam a noticiar o encantamento do intelectual potiguar, destacando-o como o filho mais pródigo de Natal e como o sujeito responsável por unir diferentes setores da sociedade natalense, mantendo-se como elo entre as elites e os populares. Imagem que também está presente nos escritos biográficos que passam a narrar a vida de Câmara Cascudo evidenciando, entre outras questões, a necessidade e urgência em preservar a memória e patrimônio intelectual cascudiano.

Ao realizarmos o percurso que nos propusermos a concretizar nesse trabalho, isto é, de problematização da escrita de algumas das obras autobiográficas cascudianas identificamos que suas reflexões memorialísticas não se encontram somente em tais escritos, remetendo a outras obras que são frutos de um processo de reminiscência. E ao associar a memória à noção de verdade e consequentemente a concepção de história oficial, Câmara Cascudo acaba por respaldá-los com o manto de verdade que acompanhado pela noção de experiência acaba por identificá-los como elementos de autenticidade das memórias que ali apresenta.

É nesse sentido que surgem novos desafios como o de identificar na obra *Prelúdio e fuga do real* (1974), uma de suas últimas produções, traços autobiográficos que reflitam, por exemplo, a concepção de que ao escrever sobre o outrem Cascudo acaba por escrever muito de si, permitindo identificar que a recordação em coletividade remete a noção destacada por Halbwachs (2003) de que ninguém pode lembrar se não for a partir da sociedade, isto é, o sociólogo francês institui uma dependência entre essa categoria coletiva e a dimensão individual da memória, que por sua vez só se constitui a partir da identificação com o acontecimento rememorado, caso contrário o que se institui é uma descontinuidade da memória e, portando, a ausência de lembranças. Concepção semelhante àquela desenvolvida por Câmara Cascudo que considera necessário falar dos outros para falar de si, nesse sentido sua narrativa autobiográfica é acompanhada por recordações de outrem.

Nessa perspectiva, tal obra que apesar de não ser autobiográfica¹⁵², reflete o traço memorialístico de sua escrita no final da vida apresenta traços de diálogos imaginários com escritores de sua preferência, figuras bíblicas e mitológicas permitindo compreender a representação de si bem como aspectos que compõem sua formação intelectual, de forma que evidencia “[...] sua proverbial memória e as suas muitas leituras, demonstrando conhecer profundamente os autores e figuras reais ou fictícias¹⁵³ com quem *conversa*, mas, ao mesmo tempo não hesita em fazer deles os porta-vozes de suas teses mais caras” (NEVES, 2004, p.06). Tal obra permite analisar não só o percurso de Cascudo pelo campo literário, mas também fornece uma síntese expressiva que situa o pensamento de Cascudo e sua percepção sobre a experiência histórica vivida.

Entre as temáticas abordadas nesse escrito memorialístico, considerado também como um livro de maturidade, citamos os debates em torno da literatura e crítica literária, além das inúmeras referências que faz sobre autores nacionais e estrangeiros que evidenciam a trajetória de literato desse intelectual. Sendo seus primeiros escritos publicados em livro, que são coletâneas de crítica literária. Sujeitos que são taticamente posicionados em sua narrativa, já que tais “[...] personagens invocados, fiel e

¹⁵² *Prelúdio e fuga do real* (1974) não apresenta uma classificação rígida quanto a sua natureza, porém é considerada por muitos pesquisadores da obra cascudiana como memorialística devido a forte referência que faz a memória pessoal de Câmara Cascudo.

¹⁵³ Entre essas citamos Maria Madalena, Caim, Dom Quixote, Machado de Assis e outros sujeitos e personagens que aparecem na obra a partir de escolhas do próprio Cascudo que, assim como em suas autobiografias, privilegia determinados indivíduos em detrimento a outros.

religiosamente, são personae ou “máscaras” dele mesmo. Desdobramentos. Imitações da vida através de milênios [...]” (KHOURY, 2010, p. 244).

Considerando que no texto literário podemos encontrar uma expressão do autor como sujeito histórico e de sua versão sobre o tempo vivido (CÂNDIDO, 1980)¹⁵⁴ tal obra pode ser analisada tanto quanto um exercício da erudição cascudiana, enfatizando as leituras que formam sua *Babilônia* e comprovam o lugar de erudito construído desde a infância, por esse sujeito, quanto, “[...] por outro lado, encerra de alguma forma a explicitação dos valores que presidiram sua vida e trabalho, tanto pela seleção de seus interlocutores quanto pela forma dialógica assumida e pelas teses enunciadas” (NEVES, 2004, p. 10). Desse modo, “[...] o texto nos leva, a cada passo, ao encontro da figura humana de Cascudo, de suas idiossincrasias, do estilo do escritor, dos temas que lhe são caros, de seus interlocutores intelectuais, de sua peculiar forma de ler o mundo” (NEVES, 2004, p. 12).

Como exemplo de tal afirmação, citamos o prelúdio referente ao Imperador Juliano denominado *O imperador Juliano. A fé, ex officio*, no qual identificamos o cruzamento do meio letrado e popular, já que ao apresentar a fala desse sujeito em debate com o Apóstata o referencia como “o amigo dos pobres”, aquele que apesar de pertencente a um meio erudito opta pela companhia dos mais simples, imagem semelhante aquela que é construída por Cascudo em seus escritos memorialísticos. Além disso, apresenta a seguinte fala

- Entendo seu argumento, professor, **mas recordo minha formação, meus anos de criança e moço, o ambiente modelador**. Hoje proclamam a influência decisiva desses elementos que, outrora, eram dados como resultados de tendências obscuras e perversas, um índice da presença diabólica, contaminando as fontes da mentalidade juvenil” (grifo nosso) (CASCUDO, 2014, p. 150).

Referência possível à própria formação de Câmara Cascudo, que durante a infância e mocidade teve contato com o ambiente sertanejo, lugar de construção de inúmeras práticas populares que iriam posteriormente constituir objeto de estudo de suas obras e que, naquele contexto, eram apontadas por muitos intelectuais como práticas inferiores e que não mereceriam uma análise mais aprofundada.

¹⁵⁴ CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*, 6ª ed, São Paulo, Editora Nacional, 1980.

Outro prelúdio, intitulado *Apolônio de Tyna. As traduções do milagre* apresenta a seguinte afirmação: “Sempre fui curioso, indagador, **grande memória** e sem atração pelo que seduzia os contemporâneos, Pecúnia, Poder, Luxúria Ostentação. **Nunca me saciara do conhecer**” (grifo nosso) (CASCUDO, 2014, p. 118). Concepção semelhante àquela que Cascudo apresenta de si, enquanto um sujeito com sede de saber e que utiliza a memória como possibilidade de acesso ao conhecimento do passado e a uma “verdade”.

Assim como quando afirma em outro prelúdio “[...] estudei por onde peregrinava, observando os homens de todas as espécies e confrontando nos livros” (CASCUDO, 2014, p. 105) nos parece apresentar a si próprio através da imagem de outro, já que a peregrinação por diferentes espaços é marca da escrita cascudiana que reflete juntamente com a observação o lado etnográfico desse pesquisador que em seu gabinete são mesclados com análises advindas das obras com as quais tem contato.

No prelúdio intitulado *Jean-Jacques Rousseau. A instrução deseduca* Cascudo atribui a esse pensador o posicionamento conservador que lhe é tão caro ao longo de sua trajetória intelectual, que se exemplifica através da seguinte afirmação “Construíram um assombroso maquinário, movido pelo salário da Angústia. **Mataram a Deusa Alegria pelo culto ao dragão Progresso**. Envenenaram todas as fontes da Tranqüilidade e da Resignação Feliz.” (grifo nosso) (CASCUDO, 2014, p. 216.) Assim, ao opor uma deusa a um dragão e ainda remeter esse último ao progresso o literato potiguar destaca seu viés tradicionalista, opinião que atravessa sua obra e se faz presente no debate em torno das transformações nas práticas culturais populares com o advindo da modernidade.

Ao referenciar o diálogo entre Felipe II com Henrique IV no prelúdio *Henrique IV. Elogio do rei* afirmando que “[...] a realeza legítima nunca se afastou do povo” (CASCUDO, 2014, p.270) e de que “o verticalismo monárquico sempre foi apoiado na base do imenso triângulo popular” (CASCUDO, 2014, p.270) Câmara Cascudo acaba por destacar uma imagem política que lhe acompanhou ao longo de sua trajetória, a de monarquista discreto que se fazia evidente nas declarações favoráveis a esse regime e na produção de biografias de figuras pertencentes à classe monárquica.

Além disso, *Prelúdio e fuga do real* (1974) possibilita pensar a relação de tais prelúdios com os temas de seus estudos etnográficos, a exemplo da alimentação como expressão de identidade cultural ou dos gestos e seus significados, que aparecem de forma recorrente no texto literário.

Considerando tais apontamentos podemos concluir que, entre outros aspectos, a *escrita de si* em Câmara Cascudo pode ser analisada tomando de empréstimo não só suas produções autobiográficas, mas também outros escritos que, para além de refletir suas reminiscências, constroem apontamentos em torno de sua formação intelectual e consequentemente da sua forma de ver e dizer a realidade. Elementos que certamente podem originar novos direcionamentos nos estudos cascudianos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. *O que significa elaborar o passado*. Porto Velho: EDUFRO, 2008.
- ALBERTINI, Verena. *Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa*. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/414.pdf acesso em 09 de mar. de 2014.
- _____. *No giro do caleidoscópio: a questão da identidade na criação literária*. Rio de Janeiro, PPGAS Museu Nacional.
- ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. *A escrita como remédio: erudição, doença e masculinidade no Nordeste do começo do século XX*. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>. acesso em: 14 de junho de 2016.
- _____. *A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- _____. *Ágeis, irrequietos e buliçosos: o corpo do povo e outros corpos na obra de Luís da Câmara Cascudo*. Digitado. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm> acesso em: 14 jun. 2016.
- _____. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2009.
- _____. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história*. Bauru: Edusc, 2007.
- _____. *Invenção da Cultura Popular: Uma História da relação entre eruditos, intelectuais e as matérias e formas de expressão populares na Península Ibérica e Brasil (1870-1940)*. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.184.pdf> acessado em 10 de mar. de 2016.
- _____. *“O morto vestido para o ato inaugural”: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALVES, Alexandre. *O Tempo e os outros: Cascudo entre labirintos da memória*. Revista Imburana – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN. n. 3, fev./jun. 2011.
- AMADO, Janaina (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Câmara Cascudo e a busca do moderno*. In: Câmara Cascudo e os saberes. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.
- BETI, Mariana Giardini. *Câmara Cascudo no solo sagrado da memória*. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/cascudo/icascudoroteiros.htm> acesso em 10 de mar. de 2014.
- _____. *Na ronda do tempo*. Disponível em <http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/cascudo/frame.htm> acesso em 10 de mar. de 2014.
- CALLIGARIS, Contardo. *Verdades de autobiografias e diários íntimos*. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2071/1210> acesso em 09 de mar. de 2014.
- CATROGA, Fernando. (2001). *Memória, história e historiografia*. Portugal: Quarteto, 2001.
- CASCUDO, Câmara. Luís da: *Contos Tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1986.
- _____. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- _____. *Folclore no Brasil (pesquisas e notas)*. Rio de Janeiro, São Paulo: Fundo de Cultura, 1967.
- _____. *História da Cidade do Natal*. 1ª. Edição. Natal: Edição da Prefeitura do Município do Natal, 1947.
- _____. *Vaqueiros e cantadores*. São Paulo: Global, 2005.
- _____. *Viajando o Sertão*. São Paulo: Global, 2009.
- _____. *Voz de Nensus*. João Pessoa: UFPB, 1966.

- CAVALCANTI, Francisco Ivo. In: CASCUDO, Luís da Câmara. O tempo e eu. Natal: EDUFRRN, 2008, p. 21.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: EDUSC, 1999.
- CERTEAU, Michel. A cultura no plural. Campinas: Papirus Editora, 1995.
- _____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CORTEZ, Luiz Gonzaga. *Câmara Cascudo: o jornalista integralista*. São Paulo: Editora GDR, 2002.
- COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao universo de Câmara Cascudo*. Natal: Fundação José Augusto, 1969.
- COSTA, Bruno Balbino Aires da. *Luís da Câmara Cascudo, historiador*. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299272352_ARQUIVO_ArtigoANPUH.pdf f acessado em 10 de mar. de 2014.
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FARIAS, Mirella de Santos. *Memórias de um menino sertanejo: O Sertão de Luís da Câmara Cascudo*. [trabalho de conclusão de curso]. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2001.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- FERNANDES, Kalina Calixto. *Santo de casa “faz” milagre: Luís da Câmara Cascudo, o padroeiro literário da cidade de Natal*. Dissertação [mestrado do curso de história]. Natal: UFRN, 2012.
- FERREIRA, Sônia Maria Fernandes. *De como Câmara Cascudo se tornou um autor consagrado*. Natal: CLIMA, 1986.
- FOUCAULT, Michel de. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995.
- _____. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 02 de Dezembro de 1976. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- _____. *O que é um autor?* 4ed. Lisboa: Veja, 1992.
- FREYRE, Gilberto. O movimento regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista do Recife. S.d.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*, 2. ed.; 1ª reimp. São Paulo: Editora 34, 2014.
- GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- _____. *A guardiã da memória*. Acervo- Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v.9, nº 1/2, p.17-30, jan./dez. 1996.
- GOMES, Ramonildes Alves. GOMES, Valdeci Feliciano. *Laços matrimoniais, amarras tradicionais: a família como autoconstituição em Câmara Cascudo*. Disponível em: <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=629>. Acesso em 25 de fev.2014.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOLANDA, Lourival. Gente viva. In: SILVA, Marcos (org.) *Dicionário crítico de Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO Janaina (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, ED. Unicamp, 1990. NAMER, Gérard. *Mémoire et Société*. Paris, Méridiens Klincksieck, 1987. 242 p
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau a Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LIMA, Bruna Rafaela de. *Da rede ao altar: vida, ofício e fé de um historiador potiguar*. Dissertação [mestrado do curso de história] Universidade Vale do Rio dos Sinos, 2009.
- LIMA, Diógenes Cunha. *Câmara Cascudo: um brasileiro feliz*. Rio de Janeiro: Lidador, 1998.
- LORIGA, Sabina. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

- MAIA, Isaura Amélia Rosado. *Cascudo: guardião das nossas tradições*. Natal: Fundação Guimarães Duque, 2004.
- MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918-1968*. Vol. 1, parte 1. Natal: Fundação José Augusto, 1970
- _____. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918-1968*. Vol. 1, parte 2. Natal: Fundação José Augusto, 1970
- _____. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918-1968*. Vol. 2. Natal: Fundação José Augusto, 1970.
- MARINHO, Francisco Fernandes. *Câmara Cascudo em Portugal e o I Congresso Luso-Brasileiro de Folclore*. Natal: Econômico, 2005.
- MEDEIROS, Augusto Bernardino. *História, Autobiografia e construção do sujeito: Uma reflexão sobre a narrativa autobiográfica Memórias de Um Senhor de Engenho” de Júlio Bello*. Disponível em <http://www.seminariodehistoria.ufop.br/ocs/index.php/snhh/2011/paper/view/571> acesso em 24 de junho de 2016.
- MORAES, Marcos Antonio. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Cartas, 1924 – 1944*. São Paulo: Editora Global, 2010.
- NETO, Francisco Firmino Sales. *Antes da noite: história, memória e escrita de si por Luís da Câmara Cascudo (Natal, 1898-1986)*. Tese [doutorado do curso de história] UFRJ, 2013.
- _____. *Luís Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria*. Dissertação [mestrado do curso de história]. UFRN, 2009.
- _____. *Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionalista nordestino*. João Pessoa: Editora Universitária, 2008.
- NEVES, Margarida de Souza. *Artes e Ofícios de um “Provinciano Incurável”*. Revista Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós Graduated em História e do Departamento de História da PUC-SP. No. 24 Artes da História & outras linguagens. São Paulo: PUC-SP, Junho de 2002. pp. 65 a 86.
- _____. *Viajando o Sertão. Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição*. In: CHALHOUB, Sidney (org.) *A História em Coisas Miúdas*. Capítulos de História Social da Crônica no Brasil. Campinas: Ed.da UNICAMP, 2005.
- NORA, Pierre. *Entre a memória e a História*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf> acesso em 27 de abr. de 2014.
- OLIVEIRA, Aluizio Lins de. *Erudição e cultura popular na atividade intelectual de Luís da Câmara Cascudo*. Tese [doutorado do curso de Sociologia] USP, 2012.
- OLIVEIRA, Gidson. *Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil*. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.
- OLIVEIRA, Guisepppe R. P. L. de. *A imagética Feminina na Obra de Luís da Câmara Cascudo (1938-1977)*. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/?p=13872> acessado em 25 de fev. de 2014.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas de silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992.
- RAMOS, Isabel Tebyriçá. *Câmara Cascudo e o pensamento conservador*. Disponível em <http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/Cascudo/frame.htm> acessado em 20 de mar. de 2014.
- _____. *Sertão verde: As cores do Integralismo do Rio Grande do Norte*. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/Cascudo/Cascudosertaoverde.htm> acessado em 20 de mar. de 2014.

- RIBEIRO, Renato Janine. *Memórias de si, ou...* Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/memoria_de_si_ou_renato_janine_ribeiro.pdf acesso em 14 de mai. de 2014.
- RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. ECKERT, Cornelia. *Os jogos da memória*. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/viewFile/9108/5223> acesso em 12 de abr. de 2015.
- SANTOS, Myrian. “*O pesadelo da amnésia coletiva, um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado.*” In Revista Brasileira de Ciências Sociais, n 3, ano 8, outubro de 1993, ANPOCS 23.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.
- SILVA, Wilton Carlos Lima da. *Biografias: construção e reconstrução da memória*. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/viewFile/626/421> acesso em 12 de abr. de 2015.
- _____. *Biografia: espaço de memória*. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2394&Itemid=171 acesso em 12 de abr. de 2015.
- SILVA, Marcos (Org.) *Câmara Cascudo e os saberes*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.
- _____. *Dicionário crítico: Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- SOUSA, Ilza Maria de. *Câmara Cascudo: viajante da escrita e do pensamento nômade*. Natal: EDUFRRN, 2006.
- SOUZA, Ricardo Luiz de. *Identidade Nacional e Modernidade brasileira: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre*. Tese [doutorado do curso de História] UFMG, 2006.
- TODOROV, Tzevetan. *Los abusos de la memoria*. Disponível em: http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/Les_abus_...TODOROV_0.pdf acesso em 15 de abr. de 2015.
- TORQUATO, Arthur Luis de Oliveira. *Silenciando peças criando lacunas: uma análise da trajetória integralista na biografia de Luis da Câmara Cascudo (1932-1945)*. Monografia [curso de História] UFRN, 2008.

7. FONTES:

7.1 AUTOBIOGRAFIAS:

CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu (confidências e preposições)*. Natal: EDUFRN, 2008.

_____. *Ontem: imaginações e notas de um professor da província*. 3 ed. Natal: EDUFRN, 2010.

_____. *Gente viva*. 2 ed. Natal: EDUFRN, 2010.

_____. *Na ronda do tempo*. 3 ed. Natal: EDUFRN, 2010.

7.2 PERIÓDICOS:

ANGINA, Rosana D'. *Folha de S. Paulo Ilustrada*, 4º Caderno, São Paulo, Domingo, 30 de dez. de 1979.

CÂMARA, Cassiano Arruda. Viva Cascudo. *Diário de Natal*, Natal 01 de ago. de 1986.

CASCUDO, Luís da Câmara. Depois de D. Pedro I sou o homem para gritar sem que a felicidade geral da Nação dependa de mim: fico! E vou ficando. *Presença*, Recife, n.2, set. 1948.

_____. Memória e Mistério. *A República*, Natal, 18 de fev. de 1960.

_____. O integralismo é uma cópia? In: *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 18 de out. 1934.

_____. Os da longa viagem. *A República*, Natal, 03 de jan. de 1942.

_____. Para fazer um romance. *A República*, Natal, 11 de set. 1929.

_____. Registro Bibliográfico – A Arte Moderna. *A imprensa*, Natal, 22 de ago. 1924.

CASCUDO, Luís da Câmara. Suborno. *A República*, 04 de agosto de 1934.

_____. Um provinciano incurável. *Província*, 1968.

COLI, Jorge. Síndrome de Stendhal. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 ago. 2004, Caderno Mais!

PETROVICH, Enélio Lima. A data do mestre Cascudo. *Tribuna do Norte*, Natal, 30 de dez. de 1995.

[Sem autoria] *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 18 de set. de 1937.

[Sem autoria] *A República*. Natal, 04 de set. de 1934.

[Sem autoria] *A República*. Natal, 09 de fev. 1960.

[Sem autoria] Os últimos desejos de Câmara Cascudo. *A República*, Natal, 03 de ago. de 1986.

7.3 DEPOIMENTOS:

BARRETO, Anna Maria Cascudo. O colecionador de crepúsculos. Disponível em <http://www.cascudo.org.br/biblioteca/vida/biografia> acesso em 25 de junho de 2016.

_____. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm> acesso em 13 de maio de 2016.

CÂMARA, Cassiano Arruda. Viva Cascudo. *Diário de Natal*, Natal 01 de agosto de 1986.

CASCUDO, Dahlia Freire. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm> acesso em 14 de junho de 2016.

CASCUDO, Luís da Câmara. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/> acesso em 04 de julho de 2016.

_____. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm> acesso em 14 de junho de 2016.

_____. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm> acesso em 06 de julho de 2016.

CASCUDO, Luís da Câmara. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm> acesso em 22 de março de 2017.

_____. Depois de D. Pedro I sou o homem para gritar sem que a felicidade geral da Nação dependa de mim: fico! E vou ficando. *Presença*, Recife, n.2, set. 1948.

GOMES, Domingo. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/memo.htm> acesso em 28 de julho de 2016.

GUERRA, Otto. Luiz da Câmara Cascudo – Professor. In: CASCUDO, Luiz da Câmara (Depoimentos). Natal, RN: Centro de Imprensa, 1947. P.10. Plaquete de homenagem dos seus amigos, abril de 1947.

LYRA, Carlos. “Cascudo as razões de minha preferência.” *Revista Século – atualidade e cultura*. Natal, RN, ano 2, n.3, p.57, 1998. Entrevista concedida ao autor em 19 de agosto de 1978.

SEREJO, Vicente. Depoimento. Disponível em <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm> acesso em 22 de março de 2017.

7.4 CORRESPONDÊNCIAS

CASCUDO, Luís da Câmara. [Correspondência enviada a Gilberto Freyre] 1940. Acervo da Fundação Casa de Gilberto Freyre.

FREYRE, Gilberto. [Correspondência enviada a Luís da Câmara Cascudo]. Recife, 17 de mar. 1925. 2p Carta. Acervo do Memorial Câmara Cascudo.

7.5 ENTREVISTAS

LYRA, Carlos. “Cascudo as razões de minha preferência.” *Revista Século – atualidade e cultura*. Natal, RN, ano 2, n.3, p.57, 1998. Entrevista concedida ao autor em 19 de ago. de 1978. [sem entrevistador]. Id., Entrevista. Série: Luís da Câmara Cascudo. Natal: Diário de Natal, 1984. Acervo Diário de Natal, Natal – Rio Grande do Norte.

7.6 IMAGENS

Imagem 1: Políticos, intelectuais e gente do povo no sepultamento de Cascudo. *Tribuna do Norte*, Natal, 01 de agosto de 1986

Imagem 2 - Câmara Cascudo em sua biblioteca particular nomeada por ele de *Babilônia*. Na imagem é possível observar a presença de elementos religiosos que remetem ao catolicismo, religião da qual Cascudo era adepto. - Fotografia tirada por Carlos Lyra disponível em <https://curiozzzo.files.wordpress.com/2015/11/post-curiosidades-camara-cascudo-biblioteca-casa.jpg?w=650> acesso em 18 de outubro de 2016.

Imagem 3 – Periódico *A Offensiva*, no qual Cascudo publicou grande parte de seus artigos defendendo a ideologia do integralismo assim como realizando a divulgação de tal movimento disponível em http://4.bp.blogspot.com/_g4vmA9mI9IA/TOQXqstHoBI/AAAAAAAAACKk/n6WTnUOFLw/s1600/AOffensivaN7014091935ANOII.jpg acesso em 18 de outubro de 2016.

Imagem 4- Câmara Cascudo (o primeiro em pé e a esquerda) em reunião com integrantes da AIB. Fotografia tirada em Acari (RN). Sem data disponível em <http://clিকেaprenda.uol.com.br/sg/uploads/materiais/imagens/imagem73424.jpg> acesso em 29 de novembro de 2016.

Imagem 5 - Câmara Cascudo (o quarto na primeira fileira e a direita) em fotografia com integrantes da AIB em frente a sua residência em Natal (RN) disponível em http://3.bp.blogspot.com/_QTm6JBqn9io/TPsDC-bR5nI/AAAAAAAAAUM/zFXmKG-o0BI/s1600/CascudoemGrupol2.jpg acesso em 29 de novembro de 2016.